

OS ÍNTIMOS

INÊS PEDROSA

ROMANCE

D.QUIXOTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Ficha técnica

Título: *Os Íntimos*
© 2010, Inês Pedrosa e Publicações Dom Quixote
Edição: Cecília Andrade
Revisão: Clara Joana Vitorino
ISBN: 9789722043212
Reservados todos os direitos
Publicações Dom Quixote
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal
www.dquixote.leya.com
www.leya.com

.

Santa amistad, que con ligeras alas,
tu aparencia quedándose en el suelo,
entre benditas almas en el cielo
subiste alegre a las impíreas salas:
desde allá, cuando quieres, nos señalas
la justa paz cubierta con un velo,
por quien a veces se trasluce el celo
de buenas obras que a la fin son malas.
Deja el cielo, ¡oh amistad!, o no permitas
que el engaño se vista tu librea,
con que destruye a la intención sincera;
que si tus aparencias no le quitas,
presto ha de verse el mundo en la pelea
de la discorde confusión primera.

Miguel de Cervantes, *Don Quijote de la Mancha*

AFONSO

A minha vida ficou decidida no instante em que salvei uma mulher das ondas do mar. A acção heróica completa: agarrei num mergulho o corpo inerte, trouxe-o para a praia, fiz-lhe respiração boca-a-boca e assisti ao seu regresso à vida. Quando os primeiros socorros chegaram já estava tudo resolvido. E eu sabia duas coisas: em primeiro lugar, que queria ser médico. Em segundo, que os seios arfantes de uma mulher eram um excelente substituto do paraíso. Mais tarde perceberia que tudo cansa, a salvação ou o paraíso. Tudo se repete. A vida dura cada vez mais tempo, as coisas repetem-se, matemáticas. Quanto mais evidente se torna a repetição, maior se torna a aceleração. A repetição torna-se epidemia, a epidemia instala o pânico e a velocidade. Mais do mesmo, cada vez mais depressa. Sobram-nos as pequenas coisas. Se as pudermos agarrar. Se nos concentrarmos nisso ao ponto de encontrarmos um domicílio fixo para elas. As coisas de que ninguém fala, as coisas sem valor. A cabeça de Ana Lúcia movimentando-se sobre o meu colo, por exemplo.

Os méritos do sexo oral são muito subestimados. A pouco e pouco, a ideia da produtividade infiltrou-se e começou a dominar todos os nossos actos, restringindo-os ao ritmo binário, monocórdico, do útil e do inútil. Como se as nossas existências não se encontrassem já saturadas de bifurcações: ricos e pobres, saudáveis e doentes, vencedores e vencidos, feios e bonitos. Pagámos um alto preço pela morte de Deus: a perda da tridimensionalidade. Falta-nos um interlocutor desinteressado, alguém que não nos sirva, que não nos utilize, que nos ensine a sair do nosso invólucro produtivo e a entender a gratuita e caótica beleza do mundo. Percorrer com a língua o sexo de uma mulher. Senti-lo estremecer ao toque dos dentes. Transformar dentes e língua em instrumentos de silêncio e mansidão, oferecê-los à boca do corpo de uma mulher, deixarmo-nos guiar pela luz do seu desejo e gozar com o gozo dela. A experiência sublime de causar uma felicidade instantânea a outro ser. Ou oferecermos o mais precioso e estúpido pedaço do nosso corpo à língua de uma mulher, conduzi-la até ao cume da montanha do nosso prazer, derramarmo-nos na sua boca: tomai-me e bebei-me. Esta forma de intimidade

tornou-se escandalosa e risível – não serve para fabricar crianças, não é um exercício de poder, não é sequer um exercício. Tudo o que for exercício está justificado: mais saúde, melhores músculos, um admirável contributo para o trabalho das aparências. O século XXI nasceu um puritano disfarçado de tolerante. Há dias prenderam um rapaz e uma rapariga por estarem a fazer sexo oral dentro de um carro, num ermo, à luz do dia. Atentado ao pudor, escreveu-se nos autos. Hoje exerci o meu acto de cidadania solidária com esse par, praticando sexo oral dentro de um carro, à hora dita de almoço, junto desse monumento arquitectónico de vanguarda que é a Ponte Vasco da Gama.

As honras da ideia, em boa verdade, têm de ser atribuídas à minha amiga Ana Lúcia. Já não a via há semanas e de repente ela telefonou dizendo que precisava de estar comigo hoje, nem que fosse só por uma hora. E hoje, precisamente, eu não tinha mais do que isso. Pediu por favor, expressão inédita nela. Costuma dizer que antes morrer do que pedir um favor a alguém. Combinou encontro comigo à beira-rio, debaixo da ponte, porque era o local deserto mais próximo para ambos. Não percebi a urgência, mas já me habituei às surpresas da frenética Ana Lúcia. Entrei no carro dela e começou logo a beijar-me, enquanto me desapertava as calças, me acariciava e se enganchava em mim, coberta pela saia rodada. Estranhei-lhe, não a fogosidade mas a desenvoltura – Ana Lúcia tem pavor de ser apanhada em falta em sítios públicos. Nessas coisas não se lembra de ser feminista. No sexo também não, e eu agradeço isso. Hoje não sei o que lhe deu. Da segunda vez insistiu, contra os meus protestos democráticos, em querer chupar-me até ao fim e beber-me.

– Quero que não consigas esquecer-me. Quero ficar com o teu sabor.

O temporal protegeu os nossos arroubos. A chuva e o vento eram demasiado fortes para que ladrões, violadores ou autoridades policiais viessem interromper-nos. A ponte e o rio diluíam-se nas cordas de água que desabavam sobre o carro. O universo desfazia-se. Estávamos sozinhos e suados no extremo oriental da cidade, no meio do dilúvio derradeiro. A chuva escureceu os olhos de Ana Lúcia quando olhei para o relógio:

– Desculpa, menina, és muito bonita mas eu tenho de ir salvar mais umas vidas.

– Dez minutos.

– Não dá mesmo. Vontade não me falta, tu sabes.

– Sei. Vontade não te falta, pois.

Entrei a correr no bloco operatório. Contra as normas: nos hospitais a serenidade é obrigatória. Como se dominássemos o tempo.

– As suas mãos estão a tremer, doutor. Passa-se alguma coisa?

– Passa-me o bisturi e cala-te.

Passa-se que em vez de uma enfermeira experiente, serena, calada, que me ajude, tenho de dar aulas práticas a estagiários como tu, pesporrentes e palradores, ao mesmo tempo que tento livrar do mal a mama de uma mulher. Com cuidado. Com as mamas é preciso um cuidado particular.

– Não é só uma mama, lembra-te disso, por favor, Afonso. É a minha auto-estima. Por favor, Afonso.

Uma das vantagens de se nascer homem é não centrar a auto-estima nas mamas, à mercê de qualquer azar do destino. Um homem não tem de pedir que, por favor, lhe poupem a auto-estima. Um homem ri-se da palavra auto-estima. Auto-estima nem sequer é uma palavra: é um adereço, um postiço de salvação. Um *airbag*. Em forma de mama.

A cabra. A sonsa. A traidora. Agora em versão chorosa

– Por favor, Afonso. Em nome do que vivemos.

– O que vivemos não é para aqui chamado.

Se eu quisesse lembrar-me do que vivemos, teria de me lembrar do dia em que tu me disseste que precisavas de um tempo de pousio. E então lembrar-me-ia de que uma semana depois te encontrei pousada no colo de outro.

– Éramos garotos, Afonso. Foste o meu primeiro amor.

Tanto desces por causa de uma mama, Elisa? Tentarei salvar-te a pele.

Evitarei as cicatrizes. Sei que é injusto que as mulheres sejam discriminadas pelas cicatrizes. Sei também que é injusto que aos homens se exijam cicatrizes. Para mim, agora, és só uma doente. Mais uma. E isso é bom para ti – bom para a tua auto-estima mamária. Porque eu sou um profissional. Um bom profissional, como tu hoje sabes.

– Só aos carniceiros não tremem as mãos, abécula. Olha para o que faço. Aprende alguma coisa. A destreza das mãos começa no cérebro. Que também treme. Pelo menos se estiver vivo.

O primeiro amor, o tanas. Irrita-me esse arquivo organizado a que as

mulheres chamam romantismo. Como se houvesse segundo, terceiro, quarto, quinto amor. Como se o amor fosse a escada de um prédio de apartamentos. O amor é uma coisa que começa velha, uma forma de demência que nos leva a concentrar os corpos e rostos que desejámos num só. O amor. Esta massa esponjosa, doente, que tanto me excitava. Curei-me por causa do que sofri por esta mulher. Horas infindáveis de solidão com as agulhas do ciúme moendo-me pele e vísceras e crânio e coração. Dias e noites triturando tudo o que eu era, com um rigor de tanque de guerra. Eu era tão pouco. Um garoto deslumbrado com a descoberta do corpo de uma mulher. Acreditava que aquela mulher era única, e que seria minha para sempre. Desculpa, tenho de cortar mais do que pensava, Elisa.

Desconfia dos médicos cujas mãos não tremam. São os que não sentem medo que matam. Tenho medo de deixar de ter medo. De deixar de me importar. De começar a pensar que o que eu faço não é importante, porque todos temos de morrer, um dia ou outro. Substituímos o tempo pelo espaço para não pensarmos na morte. Decretámos o fim da História para podermos trocar o rosto trágico que nos distingue por um rosto belo, sem marcas nem território. O rosto da minha filha, como seria hoje? Desenho-o incontáveis vezes. Acabo sempre por o apagar, porque não o reconheço. Não existe.

Hoje é dia de jogo. Dia de jantar com os rapazes. Depois de salvar a mama de Elisa, a rapariga que me iniciou nos prazeres do sexo e na arte da traição. Gostava de não lhe deixar marcas. Um cavalheiro nunca deixa marcas. Mas eu não sou um cavalheiro. Fiz o melhor que podia, Elisa. Depois arranjo-te um excelente cirurgião plástico. Arranjo-te uma mama de silicone, perfeita como sempre gostaste de ser.

Chamem-me vaidoso, se isso vos der prazer. O prazer de descobrir gente mais imprestável do que nós, isso que alimenta a literatura. Sou feito de papel e tinta, pelo menos neste momento em que os vossos olhos deslizam sobre esta página. Nem sequer ainda me vislumbraram os contornos, e já sabem que me dedico a aventuras sexuais pouco ortodoxas e que sou vaidoso. O conteúdo

antes da forma. A moral de perna ao léu, correndo do fim da história para o seu início, poupando-vos a mariquice das entrelinhas. O caos em vez do corrimão do aforismo. Convém-vos? É-me indiferente o que vos convém, o modo como vos ensinaram a ler. Introdução, desenvolvimento, conclusão. Um enredo amorosamente bordado, capítulo a capítulo, com personagens espreguiçando-se nos lençóis da prosa, despindo-se da banalidade inaugural para nos desvendarem as suas almas repletas de cambiantes até ao clímax, de preferência trágico. A tragédia cai sempre bem, confere-nos umas sombras de sagacidade. Muita palha para criar ambiente, um celeiro cheio de crepúsculos dolentes
e episódios marginais. Tralha, comboios de móveis e acessórios. Sou homem, não gosto de ler romances. Fiz de conta que gostava, durante uns anos, para caçar miúdas. Pensava que aprenderia a caçá-las melhor se lesse o mesmo que elas, como se pudesse penetrar-lhes nos sonhos. Mas os sonhos das mulheres são em geral diferentes dos desejos que rugem dentro delas. Uma espécie de biombo contra a brutalidade que querem, porque ainda são animais. Como nós. Os romances têm princípio, meio e fim, regulação de tempos e temperatura. Fazem dos sentimentos pautas instrumentais convergindo para um concerto de orquestra. Eu não tenho sentimentos desses, que se possam dedilhar, analisar, apreciar e aplaudir. Tenho uma massa suja de nervos e sangue que me serve muito bem. Às vezes dói, às vezes dança. Uma caixa negra que será enterrada comigo, sem chatear ninguém. Não me importa o que pensem ou digam de mim. Estou habituado. Os homens chamam-me vaidoso, as mulheres, egoísta. Não há homem que não pareça egoísta diante do manancial de amor de uma mulher. Multiplicação milagrosa: quanto menos se lhes dá mais elas têm para dar. Gostam de se sentir superiores. Pelo menos as mulheres não têm preconceitos contra a vaidade. Poucas coisas dão tanto prazer à espécie humana como apontar os defeitos dos seus iguais. Para os maus hábitos de qualquer outra espécie arranja-se sempre desculpa. A Humanidade é a única culpada dos males do mundo: eis a grande descoberta da recta final do século xx. Porquê? Porque detém o privilégio da razão, e não o usa como deve – é o que dizem. Racionalidade é o que demonstra um leão quando mata um veado para se alimentar, a si e à sua família. Trata dos seus interesses e da sua preservação. Um homem que se lança para dentro de um

prédio em chamas para salvar desconhecidos, incluindo animais, se os houver, não age racionalmente. Observo mais razão do que sentimentos na acção de um gato. O social é incompatível com o racional, e a sociabilidade dos homens tem aumentado pelo menos tanto quanto o buraco do ozono. Os seres humanos são dependentes uns dos outros. Cada vez mais dependentes. Incluindo os melancólicos ensimesmados, como o meu amigo Pedro, que exibe uma armadura de desdém por qualquer multidão constituída por duas pessoas. Estende a idade pueril sobre as escarpas da sua biografia e pedala na sua bicicleta de rodinhas, imune às desventuras que cobrem as bermas do seu percurso absorto. Desde que se oficializou como fenómeno psicológico, a infância tornou-se duradoura. Substitui-se aos casamentos, que vêm com um arsenal de regras que já ninguém tem paciência para cumprir. É muito mais fácil sermos responsáveis pela qualidade da água e do ar e do solo e não sei mais o quê do que por um juramento de fidelidade. Criámos a era das responsabilidades impossíveis. Da bondade abstracta. As abstracções provocam-me um tédio avassalador.

Gosto de simplificar. Os tumores têm essa característica: são simples. Benignos ou malignos. Matamo-los ou matam-nos. Quanto mais jovem é a vítima, mais veloz é a propagação das células cancerosas. Os tumores mostram-nos as vantagens do envelhecimento. São praticamente a única coisa viva que respeita a idade e desacelera por causa dela. Nos organismos velhos, as células malignas são mais lentas. Essa é uma das belezas da oncologia. A outra é a simplicidade. A heurística médica manda-nos seguir a lei da navalha de William of Occam: quando várias soluções são possíveis, devemos escolher a mais simples. Palavras, conceitos e suposições não devem ser usados mais do que o estritamente necessário. Só um cérebro disciplinado na clareza pode chegar ao diagnóstico exacto. Os erros existirão sempre. São compensados pela gratidão dos doentes que sobrevivem. A forma como se entregam nas nossas mãos. Já só os doentes se sabem entregar – pôr toda a sua esperança e desespero à mercê de alguém.

Por isso pouco me importa que me chamem vaidoso. A vaidade que me atribuem é uma espécie de antecâmara da admiração que os meus pares me dedicam. Custa-lhes admitir que sou de uma competência extrema quando se trata de anunciar a morte aos meus pacientes. Dou prelecções sobre o assunto.

Pagam-me para ensinar o melhor método de dizer a uma pessoa que o seu futuro acabou. Tenho aquilo a que a Leonor, ao princípio, chamava o dom da consolação. Ou a habilidade de apontar caminho para a aceitação, que é mais ou menos a mesma coisa. Os calhamaços de medicina não servem para isto. Não é uma questão de palavras. As palavras são sempre pedras, pedaços de fronteiras. Servem para separar, para rasgar. Podem ser plagiadas, decalcadas como passaportes falsos. Nunca enganam por completo. Nunca revelam a verdade toda. Mudam com o sotaque, a voz, a ordem na frase, o esforço. Gosto de ler em voz alta. Leio todos os dias à minha filha um capítulo de um livro. Sei que ela não me ouve. Ouço-me eu, a ler para ela. Comecei a ler-lhe desde que nasceu. Ou mesmo antes: lia para ela através da barriga da mãe. Leio-lhe os livros de que ela mais gostava: *A Sereiazinha*, *A Rainha das Neves* e *A Menina dos Fósforos*, de Andersen. Ou *O Jardim Misterioso* e *A Princesinha* de Frances Burnett. Ou *A Menina do Mar* e *O Rapaz de Bronze* de Sophia de Mello Breyner. Tantas vezes adormeceu antes que eu terminasse. Dou-me bem com as palavras, porque lhes conheço o antídoto: a música. Componho. Sei pôr a música na letra. É isso que me invejam: a melodia.

Canto enquanto caminho debaixo da chuva. Gosto da chuva morna de Lisboa, do modo como ela se alia ao vento para combater os seus infiéis, virando guarda-chuvas, fazendo com que as pessoas sejam obrigadas a dançar. Os portugueses, de um modo geral, não gostam de dançar. Mesmo os que dançam, não chegam a desconcentrar-se o suficiente do corpo para poderem levitar. Temem o ridículo. Olham demasiado uns para os outros. O vento de Lisboa ri-se da compostura dos humanos. O vento de Lisboa ri-se no meio do choro da chuva. Foi com ele que aprendi a rir; rio-me porque as minhas mãos salvam, rio-me porque nunca sou eu quem morre, rio-me porque nunca tenho a culpa da morte dos que me morrem nas mãos, já que o cancro pertence ainda à categoria do incurável. O riso brilha mais rodeado pelo seu reverso, o riso brilha ainda mais quando é secreto, como o meu. Digam o que disserem, a luz de Lisboa só é especial quando chove. Com sol, qualquer cidade é bonita – é como a juventude nas mulheres. Difícil é manter o halo da beleza quando a cinza cobre tudo. É esta a dificuldade que Lisboa ultrapassa, como se nada fosse.

Canto a sensação do dever cumprido. Canto porque a música não tem

segredos para mim. Se tivesse uma grande voz, teria sido só mais um grande cantor. Um canário adestrado, às ordens da populaça. Demorei décadas a construir a minha voz. Um fio de voz, que sabe substituir a amplitude pela densidade. As mulheres dizem-me que a minha voz vem melhorando com a idade. É verdade, mas finjo que não acredito, digo-lhes que é uma ilusão simpática dos seus ouvidos. As mulheres gostam que tudo se relacione com elas. As mulheres gostam que *tudo* se relacione. Como se não pudessem existir sem relações. Lisboa é muito mulher nesse aspecto: nunca existe sol ou chuva sem vento, nunca existe a beleza pura, sem uma prega humana, um pedaço de lixo a voar, nunca existe uma rua perfeita sem uma casa apodrecida cintilando algures no meio dela como um fio de sangue. É também por isso que gosto tanto de ser homem. Os cabelos brancos favorecem-me. A capacidade de separar a doença da pessoa que a possui joga a meu favor. Ajuda-me a ser melhor médico. Hoje consegui salvar um burlão milionário, coleccionador de relógios de luxo, falências fraudulentas e cargos públicos. Hoje vinguei-me generosamente da rapariga que matou o meu coração de rapazinho tonto. Hoje consegui convencer uma jovem nadadora de que não vale a pena sacrificar-se a tentar melhorar os tempos, porque não lhe resta mais do que um ano de vida. Disse-lhe que aproveitasse para realizar outros sonhos. Respondeu-me que não tem outros sonhos. Disse-lhe que tinha agora a oportunidade de aprender a sonhar. Disse-lhe que viajasse. Que namorasse. Que cantasse. Disse-lhe que tem uma voz bonita. Cantei com ela. A canção resultou. Resulta sempre. As mulheres gostam de canções. Música e letra. Relação.

O barulho das vozes dos amigos sossega-me. Não o que eles dizem. Às vezes nem os ouço. Não é para nos ouvirmos que nos encontramos – apenas para estarmos juntos. Cada um de nós é uma trave mestra da casa que somos todos juntos. Augusto, Guilherme, Filipe, Pedro e eu. Bichos iguais a mim, familiares e contraditórios. Conhecemo-nos há décadas. Nunca entendemos o futuro como uma viagem marcada a um lugar conhecido. É nisso que somos iguais. Repudiamos a filosofia turística que se foi tornando esmagadora neste início de milénio. Gostamos muito de mulheres, o que faz de nós uns bárbaros, agora que as mulheres não podem ser admiradas como enigma e maravilha conjunta. Cada um por si e um minuto de televisão para todos.

Somos libertários e conservadores, cavalheiros e carroceiros, apreciamos um sentido de tribo que já não se usa nem se defende, a não ser forrado de penas e cercado por cubatas. Sabemos destrinçar o bem do mal, separar as espinhas de uma cabeça de peixe, dizer se um vinho presta só pela cor e pelo cheiro, chegar ao osso de um leitão. Guiamo-nos por saberes arcaicos sem nos rendermos ao engodo do arcaísmo que encandeia a era em que nos coube nascer. Gozamos o privilégio de existir num país amestrado pela liberdade, embora cerimonioso e parco com ela.

– País menstruado, diz antes. Feito do sangue e dos humores das mulheres, que atordoam e excitam os homens.

Isto dizia Leonor, que mantém comigo uma conversa ininterrupta.

Era lúcida, a Leonor. Sonhadora e lúcida, uma combinação invulgar. Não se prestava à redução ao interdito que é tão fácil neste país. Não tinha vergonha do que sabia, nem medo, por muito tumultuoso que fosse esse saber. Haveria de se rir com a esperteza neoliberal dos revolucionários de ontem, vestida com togas gregas de costureiros da Roma pós-moderna. É também por isso que preciso destes amigos. Como uma espécie de conspiração contra o individualismo imperial, que brada aos valores com o único fito de valorizar os interesses económicos dos seus pregoeiros. Essa pregação esbarra na couraça da nossa inteligência gregária, que se contenta em existir sem o exibicionismo de *cabaret* das letras em que se transformaram todas as discussões do nosso tempo. Às vezes vem mais alguém, um extra variável seleccionado entre os nossos conhecidos. Podemos olhar nos olhos uns dos outros sem experimentar o cansaço que nos provocam os olhares convencionais:
o olhar das mulheres, turvo de expectativas de mudança; o olhar dos colegas de serviço, carregado de jogos de poder; o olhar avaliador dos recém-conhecidos; o olhar ausente do comum dos mortais, obcecado com a velocidade da sua própria corrida. Nós olhamo-nos como se nos víssemos ao espelho. Ritual espontâneo de reconhecimento. Olhamo-nos com a alegria de

estarmos vivos e inteiros. A calvície que avança, o vinco que se acentua entre as sobrancelhas, a barriga que cresce e amolece. Envelhecemos juntos, barafustando e rindo à volta de uma mesa. Não esperamos nada de especial de cada um de nós. Não há decepções nascidas de ilusões desproporcionadas. Não há ilusões. Nem sombra dessa maçada incomensurável que se chama análise da relação. Não existe a contabilidade do deve e do haver em que as mulheres são educadas. Dar para receber. Dar racionadamente. Sofrer quando a ração recebida é menor do que a ração dada. Que vida triste, a dessa metade da humanidade educada assim. Sempre à procura da culpa. Detectives em défice permanente. Eu não sofro por amor – parece-me um paradoxo. Deixei-me disso depois da bendita traição de Elisa. O amor é um estímulo para a imaginação, uma droga sem efeitos secundários. Não é por não ser correspondido que deixa de me dar alento. Pelo contrário: a nega aumenta a tusa. A dificuldade atiça o engenho. O amor é um sucedâneo da arte. Ou a própria arte, agora que tudo é sucedâneo. Freud argumentaria que esta forma de pensar é própria de um narcísico que nunca foi capaz de ultrapassar a fase primária. Talvez Freud tivesse sido mais feliz se experimentasse as virtudes do narcisismo, em vez de se fixar nos mistérios da infância, que é apenas a época mais chata da vida. As crianças que o digam.

Um oncologista está protegido pelo fantasma da própria doença; é muito difícil acusá-lo de negligência médica. Mesmo que ela exista. Matei três pessoas por negligência. Uma delas a minha própria mulher. Das três vezes, a minha negligência foi baptizada como excesso de empenhamento. Uma aposta radical: ou extirpava o sacana do tumor e o doente ressuscitava para uma vida nova, ou o doente finava-se. Nesses três casos, os doentes foram-se. Um deles era a Leonor. Sem essa operação, teria vivido mais um ano. Um ano de miséria – ela própria o sabia. Mas a nossa filha teria tido tempo de se adaptar ao desaparecimento da mãe. Teria dez anos, em vez de nove. E talvez ainda hoje estivesse viva – faria agora vinte e cinco anos, a Mariana. Caiu de uma ribanceira, na Escócia, nove meses depois da morte da mãe. Aconselharam-me a inscrever a miúda num curso de Verão, bem longe, com muito ar puro e muito divertimento, para que ela esquecesse e ganhasse apetite. Mariana não queria, mas os avós e os meus colegas achavam que era o melhor para ela. E eu deixei-me ir na conversa. Soube-me bem. Queria um tempo só para mim.

Hoje já posso evocar estes factos sem naufragar neles. Como se tivessem acontecido a outra pessoa, noutra vida. Tudo se tornou muito mais simples, desde então.

O hábito dos jantares mensais na tasca vem dessa época. Mês a mês, no dia da morte de Leonor. Ainda hoje os jantares são sempre no dia da morte de Leonor. Nenhum de nós menciona a data, ou o nome dela. Nem sei de quem foi a ideia – lembro-me que da primeira vez o Augusto me telefonou dizendo que estava combinado um jantar com a malta para daí a três dias no sítio tal, onde se comia uma dobrada quase melhor do que as do Porto, e informou-me que passaria pela minha casa às oito para me ir buscar.

– Calas o bico e vens. Nem penses em pôr-te com merdas.

A última coisa em que eu poderia pensar, naquela época, era em pôr-me com merdas. Calei o bico e fui. Por sorte, é um dos poucos restaurantes de Lisboa onde continuamos a poder fumar. Numa esquina discreta, perto do Largo do Carmo. Paro no largo deserto, iluminado. Estou dentro de um cenário de cinema. Como se as casas fossem de cartão prensado, e a vida se suspendesse para poder ser inventada, debaixo das luzes que vacilam na noite por causa da chuva, uma chuva miudinha, falsa, melodiosa, regulada como banda sonora. A tasca tem mesas corridas, louça desemparelhada, cinzeiros matarruanos de vidro grosso e toalhas de papel. Nada de *design*, como gostam as mulheres e os gajos que não gostam de mulheres. Deixei de almoçar com o meu velho amigo Jacinto por causa das toalhas de mesa. Mal chegou à direcção do jornal, Jacinto começou a recusar-se a almoçar em restaurantes com toalhas de papel. Dizia que não podia ser visto em pardieiros. Que não lhe ficava bem. E que não havia privacidade. Um director sem privacidade não é ninguém. Eu, pelo contrário, só me sinto bem em tascas. Gosto particularmente dessas toalhas onde se pode tomar notas ou fazer desenhos. Os restaurantes elegantes deprimem-me: são lugares onde uma trivial sopa de cenoura adquire um nome sonante que lhe rouba o sabor. Em geral as doses são curtas e os silêncios demasiado indiscretos. Gosto do espaço acanhado da

casa de pasto *A Claque*. Gosto desta sala atulhada de quinquilharia e de vozes. As vozes das pessoas – oitenta por cento de homens, o que também me é agradável –, a voz do relato na televisão. Um plasma gigante, para que nenhum passe ou drible nos escape. O calor humano embacia os vidros. Lá fora chove cada vez com mais força. Nos últimos meses, parece que Deus decidiu lixar o cartaz turístico do país: a canalização celeste estoirou precisamente em cima de Portugal, o país da cortiça. O pessoal flutua, não há problema. Gosto desta sensação de viver num aquário onde toda a gente bóia. Vivos e mortos, tudo a boiar, uma enchente de corpos flutuantes. No estádio também chove, o que neste momento é uma vantagem – os bravos Dragões do Norte não se deixam intimidar com a força da água, ao contrário das águias de sequeiro. Dois a zero, e os minutos a avançar. Mais uma vitória à vista. O único defeito dos dragões é esse: ganham demasiado depressa. A meio do jogo já não há adrenalina. Neste lugar, durante estas horas, não preciso de ser inteligente. Nem sedutor. Nem mandão. Nada do que se espera de mim, lá fora. Tantas expectativas, lá fora. Vou fazer cinquenta e cinco anos, é tempo de me libertar destas merdas. Quem é que eu estou a enganar? Sei que nunca me libertarei destas merdas.

Augusto chama-me sacana presunçoso, rouba-me um charuto, lembra-me que ainda faltam vinte e cinco minutos, tempo para a desforra. Pobre rapaz – toma outro charuto, para não chorares. O que é que eu não sei destes gajos? O meio campo. Os minutos de empate. Os ziguezagues. Fora isso, conheço-os melhor do que a mim mesmo. Somos um grupo. Uma coisa sem ego. Uma comunidade. Gostamos de estar juntos, de sofrer juntos por causa do futebol, de nos insultarmos uns aos outros por causa do futebol.

– Então esse cabrito assado, sai ou não sai, princesa?

– Portem-se bem, meninos. Já vos dou mais uma dosezinha de pataniscas e torresmos. O cabrito está quase no ponto.

– Não é como tu, querida, que já nasceste no ponto.

– Ainda agora chegaram e já estão tão engraçadinhos… Ao fim da noite não há-de haver quem vos ature.

– Enganas-te, Celinha, há resmas de mulheres desejosas de nos aturar. Mas nós só gostamos de ti.

– E uma sopinha, entretanto, ninguém quer?
– Vade retro. Eu até acho que me casei só para deixar de ter de comer sopa.
– Passa-me o queijo, cabrão. Não é todo para ti.
– Como a Célia, também não é toda para ti.

A Célia é a filha do dono da tasca, uma miúda lindíssima, mãe de duas crianças, que está sempre a fazer pouco de nós. Finge que não ouve o nosso praguejar, escolhe por nós as entradas e o vinho. Tinha onze anos quando começámos a vir para a tasca, mas trata-nos como filhos malcomportados. Aos onze anos já nos tratava assim.

Pouco falamos de mulheres – pelo menos das nossas. Comentamos as que aparecem na televisão, as actrizes, as ministras, as jornalistas. Comentamo-las basicamente para dizer que o que lhes falta é uma foda fenomenal. Somos todos fenomenais, à volta desta mesa, picando queijos, enchidos, pataniscas, chamuças e torresmos.

– Vai uma saladinha?
– Achas-nos com cara de grilos, Celinha? Queres matar-nos?
– Fazia-vos bem.
– Célia, querida, morrer quase nunca faz bem.

Célia ri-se. Não se intimida com a nossa aparatosa boçalidade. Não nos dá muita importância. É uma de nós. O jogo arrasta-se, enfadonho. Só as injustiças lhe dão alguma animação: um penálti não marcado, a favor do Benfica. O Guilherme agarra-se ao seu amuleto: um urso de peluche com cachecol do Benfica, no qual tem fé porque lhe foi oferecido por um sportinguista. Há uma nítida falta de entrosamento da equipa, que joga à distância, espalhada. O tempo da bola está sistematicamente atrasado, com lançamentos longos de mais, ou passes curtos e atrasados. Não há contra-ataque, nem movimentação. O Porto também parece desarrumado, mas tem uma velocidade muito maior.

– Vocês têm de aprender a correr, rapazes. O futebol é para quem tem pernas para isso.

– Cala-te, o árbitro está comprado, aquele penálti até um cego via.

– Desculpas, pá. Desculpas. Só justifica quem perde. Aliás, depois de terem ganho a taça ao Sporting através da vergonhosa anulação de um golo, vocês deviam abster-se de falar da seriedade dos árbitros durante um ano inteiro. Pelo menos.

– Goooooooolo!

Só eu me levanto em êxtase. Gosto destes êxtases solitários que me oferecem alegria, vitória e vingança num só gesto. No estádio, este prazer torna-se perigoso, isto é, ainda mais vibrante. Gritar «Chega-lhes, Porto!» num estádio cheio de benfiquistas é um acto de bravura sujeito a consequências imprevisíveis. Em certa ocasião, levei uma tareia à saída. Agora começo a ser demasiado famoso para levar tareias. As pessoas não estão dispostas a respeitar muitas coisas além da fama. O que, em Portugal, representa uma fartura de respeitinho. Qualquer pessoa que apareça na televisão de vez em quando é famosa, e qualquer pessoa pode aparecer na televisão de vez em quando. Chama-se-lhe politólogo e pronto. O restaurante está cheio de benfiquistas ferrenhos que desatam a resmungar contra o tempo de jogo, dizendo que o árbitro prolongou o desafio para lá do devido, de modo a que o Porto pudesse completar a jogada do golo. Como se o Porto não estivesse já a ganhar. Um golo extra tem um gosto de presente.

– Não gostam de ver bons golos, é? Não estão habituados, os vermelhinhos…

– Pronto. Ganhou o Porto, a próxima rodada é minha.

Augusto tem bom perder. É um homem fácil. Gaba-se de ser um homem fácil. Vê qualidades em todas as mulheres. É administrador de uma empresa discográfica, sabe defender os méritos da música mais manhosa. Perdeu uma riqueza infinita com a independência de Angola, pelo menos é o que ele diz. Não se cala com os encantos da ilha do Mussulo da sua adolescência, mas não é, de modo algum, um ressentido. Chegou a ser militante do Partido Comunista. Durante a juventude, encontrou na luta uma espécie de acelerador da sua identidade, ou superador das frustrações,

o que vem a ser o mesmo. Com a idade tornou-se socialista, ou julga que se tornou. Mantém todavia o farfalhudo bigode da era estalinista, conjugado agora com uma volumosa cabeleira cor de prata fosca. Deve gastar uma pipa de latas de laca para manter o penteado. Não há vento nem humidade que lhe abata um só fio da moldura. Quando Pedro começa a criticar o governo, Augusto enfuna-se:

– O que é que vale a opinião sobre Portugal daqueles que nunca de cá saíram? Tu és descendente do velho do Restelo, meu filho. Um menino da mamã com uma visão de quintal.

Pedro vitupera o arrivismo dos retornados e acusa Augusto de ser um novo-rico do neoliberalismo. Augusto põe-se de pé e puxa pela sua medalha costumeira: os-sete-dias-sete-em-que-foi-sujeito-à-tortura-do-sono-e-resistiu. Sem falar. Aguentando todas as investidas da Pide feroz, sacrificando-se pelos amigos. A bem dizer, a decisão pessoal do sacrifício foi bastante limitada, já que Augusto não sabia o nome verdadeiro de nenhum dos seus camaradas. Confessou-mo no fim de uma noite de borga, já há alguns anos. Foi mais uma gabarolice do que uma confissão: contou-me que dormiu com várias mulheres cujos nomes verdadeiros só veio a conhecer muitos anos depois. Especificou que algumas veio a encontrá-las até casadas com ministros. Pobre Augusto. Para tentar amainar a refrega, informo-o de que o momento heróico já prescreveu: quantas mulheres lhe caíram no colo por causa desse arco do triunfo dos seus vinte anos? Quantas homenagens, prebendas e cargos não ganhou com essa singela semana de heroísmo? Nem me ouve. Ainda bem. Pensando melhor, não é grande ideia lembrar ao Augusto que o seu mérito é muito relativo. Sem a política nunca teria sido administrador; sem a tortura nunca teria sido grande sedutor. A derrota acirra o instinto bélico dos meus amigos. Em vez de se virarem contra mim, zangam-se uns com os outros. Se não gostasse tanto deles, sentiria ciúmes. Os amigos querem-se para o desentendimento; com os inimigos é que convém estarmos de acordo.

A verdade é que tenho muito a agradecer ao Augusto. A felicidade da Margarida, por exemplo. Um ano de namoro, oito de vingança: Margarida fez uma série

de exposições sobre o tema da crueldade masculina, onde se detectava sempre o mesmo protagonista: eu, Afonso, o cobarde. O homem que a abandonara sem uma razão, numa mudança súbita da paixão para a indiferença.

– Quero manter contigo uma cumplicidade funda, mas sem fusão.

A tipa tivera o impudor de exibir este *post-it* numa pintura. E depois voltara a integrá-lo num vídeo. Com a minha assinatura, felizmente ilegível – ilegível só para quem não me conhecesse, evidentemente.

– Pára com isto, Margarida. São coisas nossas. Não te fica bem, murmurei-lhe, com doçura, na inauguração de *O Homem Mau – Capítulo II*. Ela gargalhou:

– Coisas nossas? Que coisas nossas? Pensas que o mundo gira à volta do teu lauto umbigo, rapaz? Cura-te.

Pedi-lhe que pelo menos não usasse aquelas polaróides da minha casa. A imagem dos meus sapatos. Bambos, ainda por cima. Ou do meu cinto, sobre os lençóis desfeitos. E o bilhete. Sobretudo o raio do bilhete.

– Gosto da tua caligrafia, Afonso. É bonita. Invulgarmente bonita para um médico. Devias sentir-te honrado por participar numa obra de arte. Mas sabes lá tu o que é arte.

Decidi que não valia a pena responder. Já não reconhecia na Margarida a rapariga meiga, inocente e inquieta pela qual um dia, há muitos anos, me apaixonara. Chegámos a viver juntos, até esse dia em que eu acordei com a pele cheia de manchas, dores insuportáveis pelo corpo todo, e vontade de fugir para os antípodas. Não sabia porquê. Porque tem de haver uma razão
para tudo? Que razão assiste ao despertar da paixão? As mulheres exigem explicações, não suportam a natural irracionalidade da vida. Queixam-se da previsibilidade dos homens, da sua incapacidade para a surpresa – sempre os mesmos gestos, sempre o mesmo sofá, as mesmas rotinas, os mesmos

restaurantes –, nunca compreendem a decadência do desejo, ou antes, o pânico da prisão. Um dia um homem acorda e sente-se preso por uma mulher amada. Isso não quer dizer que tenha deixado de a amar, apenas que a ama agora de outra maneira. O sexo gasta-se. As mulheres parecem não perceber que o sexo se gasta muito depressa. Talvez sejam mais hábeis com a imaginação. Ou com a mentira. O corpo de uma mulher adapta-se à mentira, como a tudo. O corpo de um homem é verdadeiro como um hospital. Nunca mente. Por mais que ele queira, não mente. Não sabe.

– Coisas nossas? Que coisas nossas?

Coisas que não se vêem, Margarida. Coisas pouco importantes, quotidianas, que nos protegem do aluvião do mundo. Coisas imateriais: o riso sem razão, as conversas sem tema nem pose, o silêncio, a música, os pássaros anunciando a Primavera através da janela aberta sobre o arvoredo enquanto preguiçamos na leitura dos jornais. Os sábados sossegados. O cinema dos domingos. O encontro com os rapazes. Margarida considera patéticos estes nossos encontros de rapazes. Mas nós nunca falamos de Margarida. É por isso que o grupo é tão importante. Para podermos não falar. Para sabermos que não precisamos de falar. Nem sequer precisamos de pensar.

Um dia ouvi o Augusto contar à Joana o início do seu romance com a Margarida. Ouvi por acaso – falavam atrás de mim, nas minhas costas, um diálogo privado no meio da animação de uma dessas festas bem regadas que favorecem o sentimento de uma impunidade disfarçada de malícia. Dizia Augusto:

– Foi uma daquelas situações de indecisão no meio campo. Ficámos a conversar durante horas a fio num festival cultural, em Nova Iorque. Não sei porquê, de repente senti que havia ali um clima. Éramos amigos há anos,

e nunca se tinha passado nada. Naquela noite olhei para ela de outra maneira. Subimos aos nossos respectivos quartos e eu telefonei-lhe, perguntei-lhe se podia ir ter com ela ao quarto. Ela respondeu-me: «Já bebeste de mais. Não.» E a coisa teria ficado por ali, se não fosse um pequeno comentário dela, na manhã seguinte, quando nos cruzámos ao pequeno-almoço. Disse-me: «Olha, eu ontem disse-te que não porque de facto tinhas bebido muito. Mas não fiquei zangada contigo.» De modo que, nessa noite, só bebi água. Ao fim da noite fui dizer-lhe isso. E ela disse-me que subisse ao quarto dela. A verdade é que, se não fosse aquela pequena frase, eu nunca mais me teria aproximado dela com intenções sexuais, e a história teria terminado antes de começar. As nossas vidas decidiram-se naquela frase irrelevante.

Augusto nunca me narraria este episódio. Somos amigos íntimos, partilhamos um blogue, não temos segredos nem tabus – e no entanto, nunca falamos de mulheres. Ou antes; falamos de mulheres, sim, por atacado: esta tem ar de frígida, aquela deve ser uma bomba, a outra é boa como um cozido à portuguesa, a amiga não presta para nada. Seria estranho falarmos das mulheres próximas, das mulheres concretamente amadas ou desejadas. Podemos dizer:

– Estou feito num oito.

Podemos dizer isto de várias maneiras, e dizemo-lo. Dizemos: estou na merda, não me aguento nas canetas, estou fodido. Podemos até dizer: sinto-me um zero à esquerda. Um falhado. Um estúpido incurável. Podemos dizer isso a um amigo, com a certeza de que ele não comunicará a nenhum outro amigo isso a que as mulheres chamariam a nossa fragilidade. Um amigo pode tentar sacar-nos o lugar na empresa amanhã de manhã – há casos. Chutar-nos para o desemprego, isso não – usurpar-nos, com mansidão, uma chefia qualquer.

– Decisão da administração, não pude fazer nada. Não vamos chatear-nos por causa destes gajos.

Na dúvida, a culpa é sempre dos gajos, dos outros, dos capitalistas. Como se ainda pudéssemos ser putos ou anarquistas. Fazer de conta que estamos fora do sistema sem deixarmos de ser uma peça dele. Uma cumplicidade funda, sem fusão. Temos princípios. Nunca comentamos qualquer tentativa de engate malsucedida, ainda que a tenhamos presenciado. E jamais nos ocorreria falar das mulheres que, de algum modo, acabamos por partilhar. Acontece muito. Sina de país pequeno.

Suspeito que as mulheres, pelo contrário, falam muito de cada um de nós. A ideia de que elas gastam tempo a analisar-nos é, à partida, lisonjeira. Uma espécie de massagem à nossa personalidade, às vezes tão volátil. A evolução dos tempos leva-nos a desconfiar de que elas se dedicam agora a comparar dados ao pormenor. A emancipação das mulheres parece ter-lhes aguçado um espírito científico perturbantemente materialista. Elas discursam sobre o ponto G. com uma arrogância de bravos descobridores. Elas reivindicam
o conhecimento exclusivo dos orgasmos múltiplos com o ar satisfeito com que, há cinquenta anos, apresentariam uma inovadora receita de arroz de pato. É fácil imaginar que, quando se reúnem em grupinhos estridentes em torno de saladas de algas, falem de tudo o que nós lhes fazemos – e também, é claro, de tudo o que não fomos capazes de lhes fazer. Incluindo relatos sobre as dimensões dos nossos preciosos apêndices – com a libertação das mulheres finou-se aquela ideia simpática de que o tamanho não é importante. Acabaram-se os bons sentimentos das mulheres: a timidez, o pudor, a culpa, a entrega desinteressada, enfim, a compaixão. É melhor nem pensarmos nisso.

– Isso nunca existiu. As gajas nunca foram assim. Fingiam muito bem. Eram educadas para o teatro,
e agora são educadas para o cinema. Já nem precisam de fabricar lágrimas. Compram-nas em garrafinhas. E não representam actos, fazem cenas.

Pedro gostaria de ter sido actor. Na época em que entrou no Conservatório bebia demasiado para fixar o que quer que fosse. Acabou por se tornar técnico de informática. Teve uns sustos de fígado e quase já não bebe. Vive com a mãe. Aos quarenta e quatro anos ninguém lhe conheceu uma namorada. É um teórico da feminilidade, seja lá isso o que for. Em certas noites declara que

todos somos mulheres porque é no corpo delas que a vida se forma. Em noites incertas diz o contrário: que elas são uma espécie à parte, e que o seu contacto é letal.

– Fujam delas, antes que vos exterminem.

Não há para ele qualquer contradição entre estes dois discursos. O ninho da vida confunde-se com o poço da morte. Ouvimo-lo e acabamos por lhe dar razão, embora um travo de recusa nos invada o organismo.

PEDRO

Não te fies em tudo o que eu digo, Afonso. Cede uma página à minha voz. Sou feito do carvão incandescente da escrita. Tudo o que sonho e não sou capaz de querer está nas páginas dos diários que comecei a escrever em criança. Primeiro por obrigação; a minha mãe criticava com severidade a minha caligrafia e impôs-me uma hora diária de escrita. Esses primeiros diários eram dissimulados; escrevia aquilo que ela queria ler. A pouco e pouco, aprendi a amparar-me às palavras, a suportar a desolação dos dias através delas. Disse à minha mãe que não me apetecia continuar a escrever e passei a guardar os cadernos numa gaveta. Um dia cheguei a casa e encontrei-a enfurecida, com os meus cadernos na mão. Lera neles que eu me sentia sufocado pelas suas exigências e gritava que eu era um poço de insensibilidade e ingratidão. Quis retorquir-lhe que não tinha o direito de esquadrinhar as minhas gavetas, mas não tive ânimo para isso. Apenas serviria para lhe aumentar a histeria. Condoí-me dela. Passei a esconder os diários nas caixas das colecções de moedas do meu pai. Estão num armário junto ao tecto, e a minha mãe não se atreve a subir escadotes. Preserva-se. Para que nada me falte. Pelo menos é o que ela diz. O meu pai morreu cedo. Antes de morrer, trabalhava dia e noite. Víamo-lo pouco.

Ontem sonhei que estava a lavar os diários no lavatório da casa de banho. De repente apercebi-me de que a lavagem faria desaparecer tudo o que eu havia escrito, enxuguei-os com a toalha de banho e corri para a sala para os secar na braseira eléctrica que a minha mãe usa para aquecer os pés sob uma mesa de camilha. A atmosfera da sala era irrespirável: estava repleta de um fumo escuro. Procurei abrir as janelas, não consegui. Pareciam trancadas. Vi que não estava ali a mesa de camilha nem nenhum dos móveis que conheço; a sala estava praticamente vazia, com frisos de bonecas de louça iguais à da minha mãe sentadas em almofadas de veludo vermelho ao longo das paredes. Desprovido de tapetes, o soalho brilhava como um espelho. Os olhos de vidro das bonecas fixavam-me, cintilando de um modo assustador. Soltei um grito e o fumo negro saltou dos meus pulmões. Era de mim que saía aquele fumo. Então acordei. Já não consegui voltar a adormecer. Sempre que fechava os

olhos encontrava os olhos de vidro daquelas bonecas horríveis. Ponderei faltar a este nosso jantar, porque passei o dia exausto. O trabalho repousa-me. Os computadores são calmantes: máquinas que nunca deixarão de existir e de se aperfeiçoar. Máquinas que fazem parte da nossa arquitectura mental. Sempre funcionámos como computadores – por isso os inventámos. Os livros podem desaparecer. Os discos, o teatro, a pintura. Os computadores não têm retorno e a vida virtual a que eles nos conduzem também não. Antes e depois de ser conteúdo eles são forma, e as formas são indestrutíveis.

Estes nossos encontros mensais quase me convencem de que sou um homem normal. Apesar de ter assassinado uma mulher, pareço um homem normal. Preciso das vossas provocações e do espectáculo dos vossos falhanços. Atenua-me o abatimento. Oscilo entre a cobiça e a repulsa pelos vossos amores carnais e confusos. Os meus são cristalinos e intangíveis. Tempos houve em que sucumbi aos chamamentos da luxúria. Nunca correu bem. O amor e o sexo existem em mim como duas estradas paralelas. A primeira rapariga com quem experimentei o sexo não possuía sequer uma chispa de ternura. Ficou a rir-se do meu membro flácido. A segunda era exorbitantemente terna. Pelo menos não se riu: chorou, disse que a culpa era dela, que havíamos de tentar outra vez e que seríamos muito felizes juntos. Este arrazoado arrepiou-me. Para ser feliz eu precisaria de uma mulher que me embalasse nos seus braços sem pretender meter-se na minha vida. Mas isso não existe.

– As mulheres cobram sempre tudo. Fingem que se dão, mas cobram, ao cêntimo e com juros.

– Para quem não bebe, não estás a falar mal, Pedrinho. Tens alguma Inês candidata ao trono de tua rainha? – Augusto e a sua coscuvilhice amigável.

– Mulheres apaixonadas só depois de mortas dão boas rainhas – riu-se Afonso. Creio que ele pensa que eu lhe invejo o estatuto, a sapiência, a pose, o bólide – mas aquilo que eu lhe invejo mesmo é a imunidade ao amor. Aposto que Afonso não se deixa embeiçar por flausina nenhuma – deita-se com elas, ouve-as, sorri-lhes e esquece-as. E deve fodê-las com arte, porque as tipas não o largam. Os médicos dão melhor sustento ao imaginário do que os informáticos. Por alguma razão, os meninos não desafiam as meninas para brincar aos técnicos de informática.

– A merda do *email* também só complica as coisas. – Guilherme a gabar-se. – Eu tinha uma que me mandava uma média de seis *emails* por dia, e ficava toda abespinhada porque eu não lhe respondia. Dizia-lhe que não tinha tempo, explicava-lhe tintim por tintim que estava ocupadíssimo, mas quanto mais pormenores lhe dava mais furiosa ela ficava, gritando que para escrever saudades ou beijos não se gastava mais do que um segundo. Cobram tudo. Queres ter um romance sem chatices, acabas num *guichet* de contabilidade.

– Nunca caias nisso: escreves duas vezes a palavra saudade e a fulana mete na pinha que estás apaixonado por ela. Daí às sms a horas inconvenientes é um passo; e daí até que a tua mulher te saque o telemóvel, te faça uma cena e te ponha as malas à porta, é um instantinho. – Afonso, uma vez mais ao leme dos acontecimentos. – Nenhuma mulher vale isso.

– Nenhuma mulher vale o quê? – Guilherme, de novo.

– A troca, rapaz. Mesmo que penses que estás embeiçado, isso passa com o casamento, como sabes muito bem. É um gastar de dinheiro e de energias completamente inútil, sobretudo quando um tipo tem filhos, como é o teu caso. Se D. Pedro tivesse casado com Inês em vez de Constança, seria Constança a sua grande paixão, a sua rainha morta. O resto são tretas e literatura. Convence-te disso.

– O melhor é prescindir delas – digo eu.

– Isso já é fundamentalismo – responde Augusto, acendendo um charuto. – Medo do conhecimento. Ou, se preferires, uma espécie de devoção à ignorância que tira muito gozo à vida. As mulheres têm dotes teatrais que são muito animadores. Pelo menos a mim animam-me.

– Huuum… E têm corpinhos macios. O sexo, Pedro. Como é que podes viver sem sexo? – pergunta Filipe, que gosta de se armar em viril.

– O sexo não nos distingue dos cães nem dos coelhos. A sociedade romantiza-o por razões puramente económicas. O crescimento demográfico, a resignação da populaça, essas coisas. Vocês são muito submissos à publicidade.

A rota do sexo, prefiro percorrê-la sozinho, com os meus filmes. Diverte-me arvorar em entendido convosco, atirar umas frases que vos atrapalham. Perguntar-se-ão: o que é que este tipo sabe de mulheres? O saber prático está muito inflacionado. O que é que um orgasmo nos diz de alguém? Detestaria

ter de palrar depois do prazer. Nem saberia como. Tenho vivido a vida inteira com uma mulher – a minha mãe. Matei uma mulher – matei-a de amor, sem a ter amado. Tenho passado muitas horas a escutar mulheres. Procuram-me para desabafar. Têm a intuição de que as ouvirei sem interrupções e, acima de tudo, sem julgamentos. Confiam na minha discrição, e eu aprecio essa confiança. Num café, certa vez, uma mulher muito mais velha do que eu pediu-me licença para se sentar à minha mesa e murmurou: «Ouça-me, por favor. Se não falar com alguém enlouqueço.» As mulheres podem enlouquecer de silêncio, isso eu sei. Não são capazes de esvaziar a cabeça sozinhas. Dispensam conselhos e abominam gestos compassivos. Só querem ser ouvidas com atenção. A mulher do café estava casada há vinte e quatro anos com um homem de que não gostava. Sonhava todas as noites com o homem pelo qual se apaixonara, que a namorara durante uns meses para acabar por casar com a sua melhor amiga. Sabia tudo acerca da vida íntima desse homem de quem gostava, alimentava-se disso. Era madrinha da filha mais velha dele, que tinha o seu nome. A situação mantinha-se igual ao que sempre tinha sido, com uma alteração menor: o homem perdera o interesse sexual pela amiga dela, e esta mulher temia que eles se separassem e o perdesse de vista para sempre. Quando acabou de falar, agradeceu-me a paciência e as palavras de conforto. Ora eu nem sequer tinha aberto a boca. Suponho que terá lido essas palavras nos meus olhos. Imaginou-as. À saída, sorriu e disse:

– Obrigada por me destapar o céu.

O que eu sei das mulheres, meus amigos, é isto: elas são muita gente ao mesmo tempo. Como se trouxessem todas as variedades de vida dentro dos seus corpos. Elas são feiticeiras e anjos e putas. E homens, também. Todavia, são capazes de destapar o céu e agradecer. Nós não sabemos fazer nenhuma destas duas coisas. Pessoalmente, a ideia de destapar o céu enche-me de frio. Nunca aguentei sequer uma corrente de ar.

Por isso gosto desta tasca abafada, com cheiro a fritos. Na mesa ao lado da nossa, dois velhos queixam-se do peso dos filhos, que não lhes saem de casa.

– Trazem as namoradas, dormem lá com elas, põem música em altos berros, a gente quase tem de lhes pedir licença para estar na sala e ver o noticiário.

Não querem casar, dizem que já se não usa. Claro: a mãe cozinha, arruma a casa, trata-lhes da roupa, não têm despesas nem responsabilidades, fazem o que lhes apetece.

– A minha esperança é que uma das namoradas do meu filho engravide e ele se torne um homenzinho.

– Estás maluco. Se isso acontecer, acabas por ficar com a criança a berrar-te no colo. Com sorte, ainda põem o berço no teu quarto para poderem continuar a vaguear pela noite. Criámos uma geração de vampiros, podes estar certo disso. Não crescem, e hão-de sugar-nos o sangue até à morte.

Célia aparece finalmente com o cabrito assado no forno, o arroz de miúdos, a carne de porco à alentejana e o pernil. Uma noite de carnes fartas. A minha mãe horrorizar-se-ia com as quantidades de colesterol presentes nesta mesa.

Devolvo-te o protagonismo, Afonso. Não gosto de me evidenciar. Sonhava dissolver-me em personagens muito diferentes de mim, por isso fui para a escola de teatro. Mas para se ser actor é necessário um ego do tamanho da lua, ou um sonho poderoso que se sobreponha ao insano trabalho de decorar textos. A ginástica da memória crua fere, pelo menos a mim fere-me. Talvez por não saber amar.

– Tu és um analfabeto sentimental

disse-me uma vez uma mulher. Eu agarrei-me aos peitos dela enquanto a beijava. Como se me agarrasse a uma bóia de salvação, só isso. Mas como é que ela ia perceber? Tinha medo de não saber beijar. Pensei que no teatro me ensinariam a beijar. Não ensinaram. Riram-se de mim quando perguntei. Agora faço poucas perguntas. Prefiro observar. Gozar estas horas de união desprendida, sem agendas nem telemóveis. Desliguei o telemóvel. Já devo ter meia dúzia de chamadas não atendidas da minha mãe. E isso é bom.

AFONSO

Talvez a razão não seja o método adequado para falar das coisas do sexo. As explicações demasiado organizadas soam-me a falso. Podem ter uma aparência de beleza, como uma equilibrista deslizando sobre um fio brilhante, a dez metros do chão. Uma beleza limitada pelo instante, pelo comprimento do fio e pelo arrepio do medo. Talvez seja tudo muito mais complicado, como as mulheres sempre querem que seja. Nesta tasca onde nos reunimos uma vez por mês, nada é complicado. O Porto ganhou. Peço mais uma cerveja. Olho para cada um destes homens, deixo de ouvir. Às vezes acho que nenhum de nós está a ouvir os outros, e invade-me uma sensação de felicidade. Ninguém é obrigado a ouvir ninguém. Não é necessário.

– Afonso, ouviste o que eu acabei de te dizer?
– Ouvi, Joana, claro que ouvi.
– Então repete lá.

Leonor praticava o mesmo controlo. Repete lá, repete lá. Eu arrancava da memória aquilo que me parecia ter sido a sua última frase e repetia, obediente. Nunca estava certo.

– Trocaste tudo, estavas a fazer de conta que ouvias.

Ouvir é dos trabalhos mais duros que existem. Por isso escolhi a oncologia, em vez da psiquiatria. Os cancerosos não dizem

– repita lá isso, doutor.

Até preferem um tom ausente, esterilizado. Especializei-me em pensar em coisas positivas enquanto digo aos meus doentes que as soluções terapêuticas estão todas esgotadas. Apreciam a minha serenidade. Agradecem. É tudo uma questão de tom. E de distância. O fosso da orquestra. Todos vamos morrer um dia, eles têm o privilégio de saber quando. Podem despedir-se com calma.

– Espero que acertes, porque eu ainda não me despedi de ti.

Esta foi a última frase de Leonor. E eu sorri-lhe, como se pensasse nela. Nessa época tinha todos os sentidos tomados por uma Elizabeth de Manchester, cheia de sardas e de alegria, que andava a fotografar hospitais pela Europa fora. E não acertei. Só depois de enterrar a Leonor comecei a sentir amor por ela. Ou a sentir que ela me perdoava, o que é a mesma coisa. Levei muitos anos até conseguir recordar de novo, já sem raiva alguma, esses seus hábitos que me desesperavam. Como o de cantarolar enquanto eu procurava concentrar-me.

– Não cantes, Leonor, por favor.
– A minha voz é assim tão má?
– Não é isso. Desconcentras-me.
– Tu não querias ser cantor?

– Precisamente.

– Fujam delas, se são homens!

O que é ser homem? Alguma vez terá o Pedro pensado nisso? Será ele homossexual – ou um extraterrestre casto? Francamente, não sei o que é um homossexual. Perguntei uma vez a um colega meu, o Mário, que vive há mais de vinte anos com o mesmo homem. Riu-se. Respondeu que eu é que devia dizer-lhe, porque ele tinha dificuldade em definir-se desse modo. Devolveu-me a pergunta:

– A primeira coisa que te ocorre responder, quando te perguntam quem és, é essa? Sou heterossexual? O que é ser heterossexual? És um heterossexual como Estaline ou como Polanski, de quem gostas tanto? Não estou a desviar-me da questão, nota. Vivo há tantos anos com a mesma pessoa, sou-lhe tão naturalmente fiel e somos tão felizes os dois, que não sei mesmo que te diga.

Vinte anos a fazer sexo com a mesma pessoa, e em estado de felicidade, é um feito em que é difícil acreditar. Mário esclarece que a sua existência não é uma orgia sexual, e que o sexo está muito sobrevalorizado. Para se formar um casal, diz ele, é preciso aceitar os altos e baixos, não cair na esparrela da paixão exaltada. A minha mãe não o diria melhor.

Fujam, fujam das mulheres, não sejam parvos, repete Pedro. Guilherme apoia-o, acrescenta que nenhuma delas vale uma cerveja gelada. Pobre Guilherme. Já não suporta a vida de prateleiras arrumadas que construiu como um jogo de Lego. E agora vê-se numa encruzilhada, completamente enrascado. Telefonou-me há dias, perguntando-me se tinha tempo para um café. Fisgado pela surpresa, demorei dez segundos a responder. Guilherme disse que não fazia mal se eu não tivesse tempo. Percebi que o meu amigo precisava mesmo daquele encontro, tão invulgar a meio de uma tarde de quinta-feira. Meia hora depois estávamos com um par de cervejas à frente, na esplanada da Brasileira, a troçar dos turistas que se sentam ao colo do Fernando Pessoa para tirar fotografias. Calei-me e aguardei. Aguardei quinze minutos, nervoso, a cogitar que estava a ficar atrasado para as consultas. E os meus doentes nunca têm muito tempo para esperar. Apetecia-me dizer «desembucha, homem», mas não se pode dizer uma coisa dessas a alguém como o Guilherme, com tanta dificuldade em falar de si. Por isso esperei.

– Ontem descobri a mulher da minha vida.
– Ah. Mas isso não é uma espécie mitológica?
– Deixa-te de porras, Afonso. Falar não é fácil.
– E onde é que a descobriste? No Porto?
– Não. Na viagem de regresso.
– Mas não me disseste que foste e voltaste com a Clarisse?
– Isso.
– Então não percebo.
– Nem eu. Nem me peças que te explique.
– E o que é que vais fazer?
– Não sei. Acho que nada. Esquece.

Pareceu-me que, mal começara a confessar-se, Guilherme já estava a

arrepender-se. Talvez acreditasse que não valia a pena. Não adiantava nada. Fez um longo silêncio, acompanhei-o. Estima-se a crosta do silêncio, entre amigos. Depois continuou a falar. Trocar a mulher e o filho pela Clarisse seria uma asneira monumental.

– Eu não admito viver sem o meu filho. Os juízes dão sempre as crianças às mães – a não ser que sejam drogadas em último grau. E mesmo assim. Até porque agora os juízes são quase todos, eles também, gajas. Às vezes sinto-me tentado a dar razão àquele cronista refilão que brada por quotas para os rapazes nas universidades, alegando que os homens têm um ritmo de maturação mais lento. No meu caso, é verdade: não me sinto suficientemente adulto para viver sem o meu filho. Mereço-o mais do que a mãe. Sou eu quem o leva e traz da escola, quem lhe conta histórias para dormir, quem brinca com ele. Toda a vida quis ser pai. Não está em mim ser um bom marido, mas sempre senti o instinto da paternidade. Também existe, caraças. O problema é que agora só as mulheres é que têm direitos. Porque é que a Clarisse não ficou grávida de mim, naquele tempo? Nem sequer lhe perguntei se tomava a pílula.

Naquele tempo, homem algum fazia esse tipo de perguntas. Seria grosseiro. Se uma mulher aceitava ir para a cama connosco, partíamos do princípio de que estava precavida. Nunca nos ocorreria andar com preservativos. Dizíamos que seria como tomar banho de gabardina. Parecia-nos natural que a responsabilidade da contracepção fosse das mulheres, já que eram elas quem se arriscava a inchar durante nove meses e a ficar o resto da vida com um filho nos braços. Ainda não se falava de sida e, quando começou a falar-se, achávamos que era uma praga que só atingia os homossexuais, ou os muito promíscuos. Podíamos dormir com duas ou três raparigas diferentes por semana – Guilherme era assim – mas nunca nos sentíamos promíscuos. A promiscuidade é uma coisa que só se identifica nos outros. Se uma namorada, ainda que ocasional, engravidasse, nós cumpriríamos o nosso dever cavalheiresco: pagar um aborto. Desde que não fosse preciso assistir ao acto

em si. Éramos impressionáveis; tínhamos muitas reservas quanto ao que depois veio a chamar-se interrupção da gravidez. Eu, pelo menos, tinha. Custar-me-ia perder um filho que eu próprio tivesse feito. Porém, custava-me ainda mais ficar agrilhoado a uma mulher e a uma existência pequeno-burguesa por causa disso. Tive alguns sustos. Um ou outro ameaço: «Não sei se estou grávida.» Nunca estavam. Pelo menos, nunca soube que tivessem estado, o que vai dar ao mesmo.

Clarisse gostaria de ter tido um filho do Guilherme. Confidenciou-mo ela, há pouco tempo, quando me pediu que lhe passasse a receita para a mamografia anual. Nessa época desprezava as mulheres que engravidavam para prender os homens. Causavam-lhe dó e raiva. Achava um abuso, uma falta de respeito. Uma emboscada. Hoje arrepende-se de ter pensado assim. Acabou por não ter filhos. Não posso revelar ao Guilherme esta confidência de Clarisse. Está protegida pelo sigilo profissional, bem como pela minha amizade por Guilherme.

O sigilo é uma das características mais simpáticas da medicina. Poupa-nos imensos dilemas éticos. Tive a sorte de o perceber ainda durante o estágio, no banco de urgências do hospital central. Certa madrugada apareceu um casal aflito. A mulher estava com um corrimento vaginal muito estranho e intenso. O meu colega ginecologista foi observá-la. Resolveu o problema, e, enquanto a paciente se recompunha, decidiu tranquilizar o marido. Disse-lhe que não se preocupasse, que não era nada de grave, apenas uma infecçãozita resultante de um preservativo que ficara perdido dentro da senhora. Acrescentou, com um sorriso, que são coisas que só não acontecem a quem não brinca. O marido não estava habilitado a achar graça à brincadeira, pela simples razão de que nunca usara preservativos. A incursão ao hospital conduziu o casal ao divórcio, e o meu colega foi processado pela doente, por não ter respeitado o sigilo a que estava obrigado. Ainda hoje, quando encontro esse meu colega e evocamos a história, ele repete que gostaria de compreender porque não foi a mulher ao hospital sozinha, ou com uma amiga. Talvez não tivesse nenhuma amiga a quem confiasse a sua aventura extraconjugal, contraponho, para não o deixar sem resposta. Rimo-nos do assunto, mas não foi fácil para um ginecologista em começo de carreira arcar com um processo de quebra de sigilo. O país é pequeno, a palavra passa de boca em boca, e a clínica de um

médico depende da confiança dos seus doentes. Um homem que não saiba guardar um segredo não é bem um homem. O secretismo é uma das pedras basilares da masculinidade, tal como o respeito pelas hierarquias e pela autoridade. A compaixão é uma armadilha do mulherio que deita tudo a perder. Talvez aquela mulher quisesse o divórcio, e não tivesse coragem para o dizer. O divórcio é uma instituição feminina; as mulheres não conseguem perceber o que é gostar mais da lei e da ordem do que de si mesmas. Não são animais de hábitos, como os homens. Só os homens descendem dos macacos e do seu cortejo de imitações; as mulheres são uma espécie felina, rápida e afeiçoada a metamorfoses.

Clarisse fartar-se-ia do Guilherme em meia dúzia de meses. Há vinte anos que pensava assim – ela queixava-se continuamente da inércia dele. Se não se fartasse ela, fartar-se-ia ele. Clarisse era uma hiperbólica, para o melhor e para o pior. As suas fúrias passionais terminavam em bofetadas épicas. Era aquilo uma feminista e voluntária da Amnistia Internacional. Uma boa alma num corpo redondo, apetecível, mas demasiado palrador.

– Nem sequer é bonita

disse eu, só para dizer alguma coisa. Arrependi-me logo.

– Ainda bem que não é bonita para ti. Fico mais descansado. Tomara eu saber o que ela é. Gosto demasiado dela. Tinhas razão.

Durante vinte e cinco anos Guilherme convencera-se de que ele e Clarisse estavam destinados a ser amigos, nunca outra coisa. Apesar das prodigiosas noites de sexo que tinham partilhado, durante os primeiros oito desses vinte e cinco anos. Nessa época dormia com tantas mulheres que, a bem dizer, não tinha tempo para criar uma hierarquia de qualidade. Convenceu-se de que aquela atracção pela Clarisse era só uma coisa hormonal que iria sossegando com o tempo. Depois de todo este tempo, assustava-o pensar em ir para a cama com ela. Temia a comparação inevitável com esse outro ele, de vinte e cinco anos, enxuto de carnes e sempre pronto para a brincadeira. Agora tinha problemas cardíacos e começava a considerar o sexo como um desporto

perigoso. Substituía a pouco e pouco as amantes por namoradas virtuais. Sexo imaginário, um folguedo que alivia a tensão e não dá chatices.

Mas alguma coisa acontecera durante aqueles trezentos quilómetros de auto-estrada, a meio da madrugada. Não trocaram mais do que três ou quatro palavras, durante toda a viagem. Não ligaram o rádio. Atravessaram a noite em silêncio, acompanhados pela metade visível da Lua, primeiro laranja, depois amarela, depois totalmente branca, recortando árvores, montes e casas, como se o mundo girasse em torno deles a alta velocidade.

– Nunca estive tanto tempo em silêncio com nenhuma mulher. Sabes como é.

– Não, não sei. Comigo não se calam.

Parecia-lhe impossível um silêncio assim – sem arestas nem constrangimentos, o silêncio de dois seres que já não precisam de falar para se sentirem juntos, que já não precisam de se tocar para se saberem envolvidos um com o outro até ao fim da vida. O silêncio do amor – sem gargalhadas nem gritos, sem culpas nem explicações, sem embaraços nem exercícios de sedução. Às tantas ela viu-o bocejar e ofereceu-se para conduzir durante uns quilómetros, de modo a que ele descansasse. Ele disse que não era preciso. Pararam numa estação de serviço para irem à casa de banho, saíram ao mesmo tempo, sorriram e meteram-se no carro de novo. Clarisse não demorava horas na casa de banho, essa era uma das coisas em que parecia um homem. Uma daquelas raparigas, raras, de quem podemos dizer, como elogio, que é um dos rapazes. Ele disse-lhe que podia fumar dentro do carro, ela declinou a oferta dizendo que não queria prejudicar-lhe a saúde. Ele disse que não prejudicava nada, ela já nem respondeu. A certa altura dormitou e ele sentiu a cabeça dela inclinar-se na direcção do seu ombro. Despertou logo de seguida, e passou o resto da viagem a espreitá-lo pelo canto do olho, para se certificar de que ele não adormecia. Guilherme disse-me que teve vontade de adormecer e acordar ao lado dela já num outro mundo, onde não tivesse chatices com o trabalho, nem uma mulher e um filho, nem problemas de coração.

– Gastaste o coração, só isso. Tiveste uma *overdose* de amor,

explicara ela, rindo. Isso fora na viagem de ida, ao princípio da tarde, ainda Clarisse era a Clarisse de sempre: espirituosa, faladora, solícita, cheia de subentendidos maldosos. No regresso, surgira uma outra Clarisse, a mulher que sabia dele mesmo aquilo que ele desconhecia e que transmitia esse saber em ondas térmicas, através do silêncio, mergulhando ao seu lado na beleza da primeira noite de Primavera daquele ano.

– Afonso, por favor, não fales disto ao Augusto.
– Estás maluco. Nem ao Augusto nem a ninguém. Por quem me tomas?

Orgulho-me de ser o eleito do Guilherme, no momento da verdade. Guilherme meteu-me em diversos garabulhos. Se não fosse ele, seria hoje director clínico do hospital. Queria que eu privilegiasse a farmacêutica em que ele trabalha; como recusei, começou a fazer constar que eu estava por conta da empresa rival. Insinuou que eu me dedicava mais à música do que à medicina. Acresce que é militante do partido do governo, tem conhecimentos no Ministério da Saúde. Com uma frase aqui, outra ali, criou-me uma fama terrível. Negou sempre tudo, mas eu sei como ele sofre por não ser eu. Não conseguiu ser médico. Não conseguiu ser feliz, em nenhuma época da sua vida. Não conseguiu sequer escolher a mulher de quem, de facto, gostava. Disse-lhe, mais do que uma vez

– A Clarisse é que é mulher para ti.

Enfurecia-se quando lhe dizia isto. Resmoneava umas coisas sobre a inexistência comprovada de mulheres ideais. Por isso é que o fui repetindo, até ao dia em que ele se casou. Casou-se poucos meses depois da Clarisse. Então calou-se com o estribilho:

– Só os homens fracos é que se casam.

Guilherme esteve durante décadas convencido de que o casamento era a derrota final, a desistência do lado bom da vida. Eu não percebia como é que o sexo indiscriminado podia ser tão bom.

– Que gozo te dá comeres uma gaja que nem tiveste tempo para seduzir primeiro? Pareces um operário do século xix, numa fábrica de fodas.

Ele ia aos arames:

– És um grande invejoso, tu. Não percebes o que é que as miúdas vêem em mim, não é? Presunçoso de merda. Lá porque passas receitas, julgas que tens o segredo da felicidade no bolso da tua bata?

Respondia-lhe, sorrindo, que passava poucas receitas.

– Para mal dos teus negócios.

Este tipo de conversa não se pode ter com uma mulher. Experimentem chamar presunçosa de merda a uma gaja. Some-se no minuto seguinte, por causa da dignidade, do respeito ou coisa que o valha. Quanto à felicidade, aprendi a detectá-la quando aparece, e a vivê-la, se possível, sem reflectir sobre ela, nem procurar redimir-me através dela. As pessoas desperdiçam muito tempo a aperfeiçoar-se. A trabalhar para os outros. Para quê? Perdem de vista o óbvio, como o Guilherme perdeu a Clarisse. Empanturrou-se de mulheres, pensando que se livrava das grilhetas do amor. Sobrestimou a sua imaginação, pensando que conseguiria apaixonar-se quando e como quisesse, com limites que ele próprio estabeleceria. Os anos de Colégio do Exército criaram nele uma fé cega no autocontrolo – e uma excitação sôfrega pelo sexo feminino, que pertencia a outro planeta. Não valia a pena dizer-lhe nada; Guilherme fora exposto a um regime marcial e acabara por ficar refém dos espartanos sonhos do pai. Um refém revoltado acaba por se tornar um sequestrador suicida.

– Sou um predador. Um romântico e um predador.

Anunciava, impante. Confiava nessas duas qualidades para prolongar a juventude e escapar ao cepticismo serôdio de que, na sua opinião, padecíamos

todos. Expliquei-lhe que havia uma contradição nos termos: ninguém pode ser, ao mesmo tempo, um romântico e um predador.

Então e o Don Juan? O Casanova? – contrapunha o Guilherme, desvanecido com tão alta genealogia. Entre o meu amigo e esses dois mitos existe uma diferença abissal, a diferença que fez do século XX um universo completamente novo: o alarde. A publicidade é uma actividade romântica; nasce da ideia de que podemos alterar o modo de pensar de milhões de pessoas ao mesmo tempo. Os predadores agem pela calada, favorecendo a fama sussurrada que instaura o mito. Mesmo assim, tenho de admitir que o sucesso erótico do Guilherme me surpreende. Continuou a sua rotina de predador depois de casado. O seu truque é a sinceridade: informa-as logo à partida de que é casado, tem um filho e uma boa relação com a mulher. Acrescenta que adora a sua casa em Cascais, com um estúdio de fotografia que ele próprio montou e uma vista espectacular sobre a baía, e que por nada deste mundo largará aquela vida. As mulheres modernas adoram este género de desafios: um fulano que se aproxime delas com a conversa do casamento infeliz não obtém mais do que uns eflúvios de compaixão. Na melhor das hipóteses, um beijo na boca, para fim de conversa. Mas um homem feliz que mesmo assim lhes gaba os olhos, a pele ou a inteligência, é-lhes irresistível. Guilherme é tão perfeccionista que conseguiu seduzir uma mulher meses depois de a ter conquistado e abandonado, dizendo que não tinha «espaço emocional» para uma relação com ela, porque nesse momento estava envolvido em duas outras relações – além da feliz cônjuge, obviamente. A ex-rejeitada caiu-lhe nos braços numa noite em que ele lhe sussurrou que queria fazer amor com ela sem preservativo, que nunca se arriscara tanto, que com ela sentia que a entrega tinha de ser total. Total, evidentemente, durante umas horas daquela noite. Depois voltou a vestir o fatinho e a pôr a gravata e foi para o seu ninho aconchegante. A infeliz tomou aquela confissão de entrega por uma declaração de amor, e passou meses a fazer de tudo para que Guilherme não pudesse viver sem ela. Usou prodígios de luxúria, poemas – até escritos por ela, para mal dos seus pecados – desvelos e disponibilidades de gueixa. Percebendo que isso o enfadava, fez-se difícil e enveredou pela carreira do ciúme. Nada resultou. Guilherme acabou a repreendê-la por não ter sabido corresponder à sua sinceridade e à sua «entrega» tão especial – entrega

essa que se devia apenas à certeza de que a pobre apaixonada não só não era promíscua, como há anos não se lhe conhecia um caso. O sexo seguro é uma medida sensata nos tempos que correm, mas para quê sacrificar-se o prazer à sensatez quando se vai para a cama com uma mulher que só faz sexo quando se apaixona, e que perde anos de vida entre cada paixão? «Eu sempre te disse que não estava apaixonado por ti», explicou o Guilherme, solenemente moral, na despedida derradeira, admoestando a amante por reagir mal à sua nova condição de amiga e à sua impoluta sinceridade. Tudo isto me foi contado pelo Augusto, que acaba sempre por ser o confessionário das descarriladas do Guilherme.

– Ouço-as mesmo só por caridade cívica, que eu desde que casei com a Margarida contraí a doença da fidelidade. Acho que o Guilherme abusa. Espanta-me como elas deixam que ele abuse tanto. Deve ter uma pila de ouro, este menino. Um romântico e um predador, diz ele. Que frase tão foleira. Sabe lá ele sequer o que é o romantismo, coitado. Guilherme é um neo-realista tardio, um macho das lezírias quando já não há lezírias. Nunca soube o que era coragem a sério, nunca teve de se haver com guerras nem prisões, e acha-se muito valente porque dá a volta à cabeça das mulheres. Aldraba-as. E elas gostam, porque têm saudades do neo-realismo, estão fartas de amores virtuais, nessas *second lifes* da Internet. Pobres mulheres. Esta última era tão burra que ficou emperrada na questão da «entrega»: «Ele disse que queria entregar-se a mim, Augusto, usou essa palavra que os homens não usam, não achas que isso significa que, no fundo, no fundo, gosta de mim?»

Quem incutiu nas mulheres a ideia de que «o fundo» dos homens é igual ao da arca do Pessoa? Porque lhes é tão difícil entender que os homens usam todas as palavras que lhes permitam garantir a rendição da mulher – excepto, em princípio, a palavra «amor», que tem uma seta a apontar para uma gaiola? Guilherme, com a sua cara de beicinho, é um assaltante de corações femininos. O exterminador implacável, disfarçado de cordeiro

com olhos de mel. Um predador que se publicita é uma presa que se desconhece. Isto não se lhe pode dizer, a não ser que não se seja amigo dele. E eu sou amigo do Guilherme. Tão amigo que estou disposto a abdicar da minha voz por umas páginas, para que os caríssimos leitores possam ter o privilégio de entrar nas suas células cinzentas e apreciar-lhe, sem qualquer interferência minha, as sinapses. Recomenda-se às leitoras resguardo emocional, de modo a escaparem ao vórtice magnético que é este meu camarada.

GUILHERME

«Um por todos e todos por um.» A divisa do Colégio onde o meu pai me exilou aos nove anos só agora faz sentido, quando olho para estes tipos. Não presumem ser os mais bravos, os mais valentes, os melhores. Fazem o que podem. Uma vez disse ao meu pai isso mesmo, olhando-o directamente nos olhos: «Faço o que posso.» Levei uma bofetada que me perfurou um tímpano: «O que tu podes não presta.» E ele, que nunca passou de sargento, prestava para quê? Queria-me general ou, no mínimo, doutor. Lixei-lhe o programa. Decidi não ser nada do que ele queria. Acabei por não ser nada do que eu queria. Pior: nem me ocorreu conjecturar o que queria. Quando saí do Colégio, só pensava em arranjar uma casa, um emprego e namorar o mais possível com o mínimo de compromisso. Sonhava com uma casa cheia de discos, filmes e livros, um frigorífico cheio. Uma casa onde os sapatos e as roupas pudessem morar à minha maneira, espalhados, em desordem, misturados com os outros objectos. Estava farto de ordens, responsabilidades e punições. Queria tudo o que não tive naqueles oito anos de sofrimento. Aprendi a chorar em silêncio. Aprendi-o logo na primeira noite, quando o graduado que inspeccionava as camaratas me forçou a sair da cama e fazer cinquenta flexões enquanto me pontapeava: «Para saberes porque é que choras.» Os outros miúdos riam-se. De pavor, talvez, mas riam-se. Quase todos. Aprendi a vir-me em silêncio. Escondia papel higiénico debaixo do colchão para poder masturbar-me sem deixar marcas. Mesmo assim, fui apanhado. Não sei como: ter-me-á escapado um suspiro, uns segundos de respiração descontrolada, uma mancha no lençol. Alguém se chibou. Se calhar nem foi por mal. Muitas vezes as denúncias nasciam da necessidade premente de falar de alguma coisa, de rir de alguma coisa. Foi no meu segundo ano. Dois alunos mais velhos apareceram a meio da noite, abriram as luzes, tiraram-me os cobertores, mandaram-me levantar e fazer-lhes a continência. Depois mandaram-me despir e deitar no chão. Ordenaram a seis companheiros meus que se masturbassem para cima de mim.

– Vamos dar uma lição a este tarado sexual de merda.

Um por todos e todos por um. Tive sorte. Contavam-se histórias de miúdos

sodomizados pelos mais velhos. A um rapaz da minha camarata meteram-lhe a cabeça dentro da sanita, depois de terem urinado nela. Vivi também episódios de valorosa camaradagem. Certa vez, numa visita de estudo a um museu, larguei um piropo a uma rapariga bonita. A mãe não gostou e fez queixa ao comandante do grupo. Nessa noite, depois do jantar, o comandante formou o pelotão nos claustros e iniciou o interrogatório. Avisou que se ninguém se acusasse todos seríamos punidos com cem flexões ao luar. Um por todos e todos por um. Vítor, que era o melhor atleta do pelotão, avançou imediatamente: «Fui eu, meu comandante.» O comandante desconfiou, porque Vítor tinha um comportamento irrepreensível: «Fui eu sim, meu comandante. Não sei o que me deu.» O comandante assestou-lhe uma estalada tonante, para que Vítor não voltasse a praticar actos inconscientes. Fomos enviados para a camarata, enquanto Vítor ficava a fazer flexões debaixo da chuva
que entretanto aparecera para ajudar. Quis dar-lhe um presente em sinal de gratidão. O relógio do meu avô materno. Não aceitou: «Temos de ser uns para os outros. A mim as flexões não me incomodam nada, e tu ainda acabavas por ter um castigo extra. Para a próxima vê se te controlas.» Era difícil controlar-me, quando quase nunca via raparigas. Aos fins-de-semana ficava fechado no Colégio, porque o meu pai dizia que era muito caro pagar-me o comboio para Abrantes, além de que não queria que a minha mãe estragasse com os seus afagos as virtudes da minha educação castrense.

Mordia-me de inveja do meu meio-irmão. Chamavam-lhe bastardo. Toda a gente sabia que o filho da menina Amália dos Correios era filho do meu pai, aliás era o retrato escarrado dele. Mas esse bastardo foi criado com mimos que eu nunca tive e fez-se professor. Nunca lhe falei nem tenho pena disso. Tenho pena das lágrimas da minha mãe. E do desgosto que lhe causei por não ter estudado nem ter voltado para casa. Saí do Colégio e empreguei-me na farmacêutica. Nisso tive sorte. Assim encontrei e perdi Clarisse. A torrente de cor da minha vida. Fiz-lhe demasiado mal. Fiz-me demasiado mal, fornicando mulheres em série para tentar apagar a marca do seu corpo, a força do meu amor por ela. Ou pior: sem sequer me dar conta de que a amava. Nunca lho disse. Nunca o disse a ninguém. Nem sequer lhe disse

que adorava as covinhas no fundo das suas costas, o sinal do seu pescoço, a largura das suas ancas. Quando me sentia viciado nela engatava outra, dez quilos mais magra, alguém que não pudesse confundir com ela. Às vezes sinto que endoideço. Concentro-me no meu filho, na felicidade que quero dar-lhe. Ninguém é feliz. Nenhum destes meus amigos é feliz, é também por isso que gosto deles. Nem sequer o Augusto, embora seja o que se safa melhor. Entretém-se com a política, gosta dos negócios, fala bem, gosta de se ouvir. É um bocado encanitante. Afonso acalma-me, porque se desvaira por mulheres, quase como eu. Não lhes resiste ao cheiro, ao sabor. E sabe guardar segredos. É a profissão dele. Preciso desta malta, porque não sei sequer ser amigo de mim mesmo. Nunca soube. Cresci em grupo, à molhada, à balda. Cresci num mundo empertigado e cinzento, um mundo de uniformes. Sem mulheres.

AFONSO

Basta de destapar o Guilherme, queridas leitoras. São os que não sabem ser amigos de si próprios que mais precisam dos amigos, pelo menos sempre assim pensei.

– Não sei como podes ter amigos tão frustes

declara-me a Ana Lúcia, que não conhece os meus amigos, excepto por histórias soltas que às vezes conto sobre eles. Ela não sabe e eu não lhe explico. Ana
Lúcia é o esplendor do maniqueísmo em toda a sua incomensurável maçada. Se lhe dermos tempo e espaço para isso, faz prelecções sobre as escolhas e a forma como as pessoas se definem através delas. O bem e o mal. O belo e o horrível. O puro e o impuro. Como se a vida fosse um mercado de fruta e hortaliça biológica. O facto de ela dormir comigo não abona muito os seus princípios firmes e austeros como colunas gregas. O facto de gostar que eu a trate, na intimidade, como uma rafeira da pior espécie, ainda menos. Porque me procura ela, se tem um ramalhete de amigos de alta qualidade, sem pesticidas nem palavrões? Suponho que a plasticidade dos salões em que se move lhe contende com o sistema nervoso. Tudo tem o seu enquadramento e não há atrocidade que não seja resguardada pela contemplação filosófica do «olhar do Outro». O maniqueísmo representou um empenhamento na busca de uma verdade elementar, que servisse todos os indivíduos, considerando-os iguais e não «outros», como convém até hoje à diplomacia internacional e aos públicos ocidentais do folclore religioso que passa por cultura. O profeta Mani, que nasceu naquilo a que hoje se chama Iraque, foi preso e condenado como herege, acabando por ser esfolado vivo e sua carne atirada ao fogo, enquanto a sua pele era crucificada em praça pública na cidade de Gundeshapur. Buscar a verdade e a luz, ou admitir que elas possam existir algures, é uma tarefa que nunca esteve na moda. Ana Lúcia descortina em mim um maniqueísta, ainda que diferente dela, e isso conforta-a. Como a sua presença me conforta e anima.

Quando a minha filha morreu, Ana Lúcia tentou seduzir-me por carta. As mulheres são muito dadas à correspondência. Os Correios deviam ter promoções especiais para mulheres. Podem ser as primeiras a agarrar-se ao *email*, ao *facebook* e ao *twitter*, mas continuam a gostar de escolher selos, postais, cartões e papel perfumado. São imbatíveis em correspondência amorosa, e têm consciência disso. Suspeito que preparam colecções de cartas prontas para todos os graus de paixão. Suspeito, porque me recordo de uma rapariga do meu liceu, com jeito para as letras, que mantinha banca aberta de cartas para todos os gostos e feitios. Comprei-lhe uma missiva e arrependi-me. Estava repleta de fórmulas enfáticas. E rimava quase linha a linha, o que me parecia mal. O certo é que a substituí por um texto prosaico e autêntico, e a donzela a quem queria impressionar não se comoveu. Nem sequer se dignou enviar resposta por escrito. Limitou-se a caçoar de mim, sempre que eu passava, com o grupo das amigas. A humilhação dessa carta singela e a traição da minha primeira namorada, poucos anos depois, alteraram o meu futuro; até aí eu venerava as mulheres como deusas do Olimpo, a partir daí decidi conquistá-las como territórios infiéis. Com a idade, começo finalmente a olhar para elas uma por uma. Já não me assustam como um monstro colectivo e hipnótico. Invadem-me os sonhos e os dias, com as suas vozes desirmanadas, as suas lamúrias e os seus risos. Retirei-lhes o plural e o pedestal. Começo a rimar, como a menina da escola de outrora. Porém, há fenómenos que permanecem. A espécie evolui, mas os instintos primários continuam presentes nos cromossomas. A carta de Ana Lúcia era azul e cheirava a jasmim.

CARTA DE ANA LÚCIA

Menino Afonso. O amor é eterno como as estrelas. Não sabemos nada das estrelas, como nada sabemos do amor. Muitas vezes encontramos no brilho distante de uma estrela a coragem necessária para atravessar noites de excessiva treva. Sussurramos desejos às estrelas-cadentes e confiamos as lágrimas à beleza de um céu estrelado. Precisamos da tristeza para aprender a olhar para o céu. Não falo do céu metafísico, do céu povoado de deuses vingadores, desse céu demasiado terreno que, ao longo dos séculos, tem construído uma história de horror e guerra. Não falo do céu dos fiéis e infiéis, do céu que ergue fogueiras e cadafalsos, que inventa infernos e torturas, que se despenha em aviões sobre a humanidade. Falo do céu que existe sobre as nossas cabeças demasiado ocupadas a esgravatar a terra. Das estrelas que vivem e morrem sem que o saibamos,
e que nos iluminam, se soubermos olhar para elas, como se fossem sempre a mesma, a estrela inicial. É assim a eternidade do amor – indiferente à vida e à morte, capaz de sobreviver à pequena cronologia da vida. Capaz, acima de tudo, de fazer da semivida presunçosa em que tantas vezes nos enredamos, uma vida verdadeira, votada à única coisa que interessa – o Amor.

Temos o privilégio de nos sabermos mortais. O que fazemos desse privilégio? Em geral, fugimos dele, apavorados. Refugiamo-nos nas aparências do tempo, fazemos contas à vida. A morte de um jovem é uma afronta a essa nossa contabilidade estéril. As nossas vidas seriam muito diferentes se acordássemos para cada dia como se fosse o único. Quantas vezes repetimos: «Temos tempo»? Quantas horas ocupamos a complicar as vidas dos outros, em vez de simplificarmos a nossa?

Temos medo. O medo é o maior assassino; conduz-nos a subterfúgios infra-humanos. O medo criou os deuses do extermínio e da vingança, porque a sua natureza cobarde leva-o a viver de desculpas e a sacudir a responsabilidade. Quantas pessoas não se dizem «demasiado sensíveis» para ir a um hospital e acarinhar um doente terminal, ou para ir a um velório abraçar os que acabaram de perder uma parte de si? A doença e a morte confrontam-nos com a mortal mesquinhez desta «sensibilidade» – e convocam-nos para uma outra forma de

vida, eterna como a valentia e a bondade humanas, que são uma e a mesma coisa.

Repetimos que a fé é, face à morte, o maior lenitivo. Mas que é a fé verdadeira senão o absoluto do Amor? O Amor é o verdadeiro rosto de Deus. Um agnóstico pode encontrar esse rosto em cada ser humano. O Amor, vi-o, cintilante, nos teus dedos, enquanto acariciavas a tua filha, no caixão, como se de novo a acariciasses no berço, enquanto dormia. Não era uma despedida; era uma promessa de cumplicidade inesgotável, o que os teus dedos desenhavam, sobre o rosto e as mãos da tua filha morta. E essa promessa iluminava a capela, o caixão, o silêncio, cada uma das pessoas que chegavam para a cerimónia da despedida. Parece-me que não há outra razão para ter filhos. Nem há que temer perdê-los, porque o Amor não se perde, nem envelhece, nem morre. Basta olhar para as estrelas. Como eu olho para ti.

AUGUSTO

Estar com estes gajos é a adolescência que não tive. Vivi uma juventude carregada de tarefas, perigos e responsabilidades. Não tinha tempo para pensar em mim, era apenas um elemento num grupo vasto que tinha a obrigação de mudar o mundo. Na época de não ter memória, eu tinha mesmo de ser memória. Vivi demasiado tempo como justiceiro, lutei por coisas que afinal não eram justas. Ou que não era exactamente o que pareciam. Sou do tempo da cisão, do desdobramento. Das palavras necessárias. Agora, sinto urgência de dizer o desnecessário. Dizer tudo o que me apetece, de forma simples. Usar as palavras como simples extensões da personalidade – as mulheres são melhores nisso do que nós. Mais livres. Mais sérias, também. Demasiado analíticas: tudo tem de significar alguma coisa. O absurdo é uma coisa macha. Dá para o pior, mas também para o melhor: o humor desbragado. As mulheres nunca se riem verdadeiramente de uma anedota; na melhor das hipóteses, respondem com uma gargalhada polida, cerimoniosa. Se a anedota for porca, afectam um arzinho superior, chamam-nos infantis, dizem: que coisa. Se as anedotas se sucederem, desatam a bocejar. Têm outras vantagens, claro. Inúmeras.

A esperança, por exemplo. A política teria mais esperança se fosse uma actividade dominada por mulheres. Margarida fica uma fera quando digo isto:

– Ideia de um machismo refocilante essa; antes os gajos que dizem que as mulheres são demasiado nobres para poderem interessar-se por uma actividade medíocre como a política. Esses ao menos dizem ao que vêm.

Se respondo que não entendeu o que eu queria dizer, eriça-se ainda mais, chama-me paternalista. Desisto, abraço-a, desço-lhe as mãos pelo corpo e digo

– Deixa-me sentir-te.

Nisto entendemo-nos. Nos sentidos. Não me canso dela como sempre me cansava das outras. A tese das almas gémeas é uma fraude, mas é verdade que há uma pequena percentagem de corpos incompatíveis, uma alta percentagem

de corpos compatíveis e uma minoria de corpos feitos um para o outro. Quando se tem a sorte de encontrar esse corpo que se funde no nosso como o mar com o horizonte num dia de Verão, isso é a felicidade. Nem o amor nem o sexo servem para definir essa fusão. Trata-se de um fenómeno mais simples e mais complexo, assustador pela sua grandeza. Há quem fuja deste encontro como da peste; se eu me tivesse deitado com a Margarida aos vinte anos, teria certamente fugido dela com todas as minhas forças. Nessa época não só não acreditava no amor, como fazia da Liberdade uma espécie de deusa exigente erguida sobre um pedestal altíssimo. Livre sou-o agora, pela primeira vez, quando entro no corpo da Margarida, quando me inebrio com o cheiro e o toque da sua pele e deixo de saber quem sou. Tenho medo que ela desapareça. Que lhe aconteça alguma coisa. Que ainda pense no Afonso. Sofreu tanto por causa dele. Sei que não pensa nele quando está comigo, o que só me aumenta a vontade de estar com ela. Mas temo que ainda sinta amor por ele. Tem-lhe ainda demasiada raiva. Ela nega – com demasiada veemência. As mulheres amam sempre mais aqueles que menos as amam. Nisso, são iguais aos homens.

Não deixei de ser sensível a um corpo bem torneado, a um par de mamas saliente, ao sorriso de uma mulher. Entra agora na tasca uma mulher bonita, e o cérebro descarrega-me no corpo uma sensação agradável. Imagino-me a mexer naquela mulher. Mas é uma imaginação curta, sem vontade de enredo. Pensei que esta concentração da libido num só corpo me faria sentir diminuído. Mas é exactamente o contrário: deixar de ser escravo do sexo indiscriminado é uma libertação. Agora posso ser apenas amigo de uma mulher. Apenas amigo – triste expressão, que diz muito sobre o tempo que vivemos. A mulher bonita zanga-se com o homem que bebe sozinho na mesa do canto. Agarra-lhe no braço:

– Ou vens agora comigo ou já não voltas a entrar em casa.

Ele murmura qualquer coisa, com olhos de súplica.

– Gostas, gostas. Gostas é de garrafas, e de gajos de calções atrás de uma bola. És um bêbado. Que faço eu com um bêbado?

Boa pergunta. O homem acaba por pagar a conta e sair, cabisbaixo, atrás dela, deixando uma garrafa de vinho ainda a meio na mesa.

– Celiazinha, traz-nos o resto do vinho desse infeliz, para brindarmos à sua felicidade, vá lá.

– Estava bem arranjada se precisasse dos vossos brindes, eu.

– O Augusto não falava da tua felicidade, boneca, mas daquele pobre homem arrastado pela bruxa da mulher – explica Afonso.

Célia responde, a rir, que aquela nem sequer é a mulher dele: é «a outra». Explica que com a mulher e os filhos vem ele almoçar ali ao fim-de-semana.

– Eu francamente não percebo o que é que leva uma mulher a meter-se com um homem casado. É desgosto garantido, e desfeitas umas atrás das outras – acrescenta.

– Tens toda a razão, querida: eu acho que um homem casado só deve meter-se com mulheres casadas. Sou pela igualdade de género – diz Guilherme, rindo.

– Vocês têm todos muita garganta, isso é que é. Trago mais uma dose de batatinhas fritas?

AFONSO

– Olha lá, Afonsinho, andas deprimido? Se calhar andas a trabalhar de mais, rapaz. Isto de ser rico tem o seu preço. Vocês sabem que o nosso Afonso vai para o cemitério ler para os passarinhos? Pois é, malta, o nosso doutor está a passar-se dos carretos.

Filipe aproveitou uma fresta de silêncio para lançar a bomba. Respondi-lhe:

– Enganas-te, Filipe. Vou ao cemitério regularmente, sim. É para a minha filha que leio.

Esta resposta que eu pretendia arrasadora teve o condão de excitar o instinto protector da matilha. Repetiram-me que não tive culpa da morte da Mariana. Que todos morreremos um dia, etc. O Filipe quis redimir-se da graçola e não arranjou melhor do que dizer que se a Mariana fosse viva provavelmente seria agora uma drogada. Por causa de ter perdido a mãe, e assim. Porque a mãe faz falta às raparigas. A pena é o sentimento mais miserável que existe. Um *apartheid* que separa os felizes dos desgraçados. Prefiro o refinamento da sacanice. Não tem hipocrisia. Todos sabemos que a vida consiste na aprendizagem da frustração e do desconsolo. Quem é que estes tipos pretendem enganar?

Nunca deixei que Ana Lúcia me consolasse demasiado, mas também nunca a afastei. Só comecei a dormir com ela anos depois de viver com a Joana. Quando a minha filha morreu, deixei de conseguir ir para a cama com uma mulher. Continuava apaixonado pela Elisabeth, sobretudo porque ela já não estava apaixonada por mim. Chegou a dizer-me que eu atraía a morte, e que ela só era atraída pela vida. Pela liberdade da vida. *The freedom of life*. Em inglês tudo parece mais genuíno. Menos forçado. Questão de hábito. O fruto do complexo de inferioridade. Dei uma gargalhada; eu assisto diariamente à falta de liberdade da vida.

– Senhor doutor, não pode fazer nada para me dar mais dois anos de vida?

– Senhor doutor, não me deixe morrer.
– Senhor doutor, acha que tenho tempo para ir ver Paris?

Paris é igual ao que se vê nos filmes e nas fotografias. Cheguei a dar respostas assim, com raiva desses moribundos que olhavam para mim como se fosse Deus. Deus está a desaparecer. Vivemos, pelo menos aqui, na Europa, espalmados uns contra os outros. Essa novidade que aos ingénuos parece aterradora e aos engenhosos depressiva, a mim agrada-me. Aportamos, finalmente, ao único continente que nos faltava conquistar: a humanidade. Eu não quero ser Deus, porra. Só queria ter sido guarda-redes: defender a bola, impedir a marcação, estar atento a cada ziguezague do jogo, manter a calma, ouvir a ovação esfuziante da turba.

Na sua autobiografia, que me acompanha agora, Vladimir Nabokov recorda os tempos de juventude em Cambridge, nos quais, além da escrita, da entomologia, da prestidigitação e do ténis, se dedicava ao futebol. Escreve: «Fazer de guarda-redes apaixonava-me. Na Rússia e nos países latinos é arte nobre e nimbada, sempre, de um prestígio com singular sedução. Pelo papel à parte, solitário e impassível, que desempenha, um guarda-redes de primeira é perseguido na rua por miúdos em êxtase.» E, mais adiante: «É águia solitária, o homem do mistério, o derradeiro defensor. Os fotógrafos flectem os joelhos, numa reverência, e surpreendem-no em voo espectacular ao longo da baliza para fazer, com a ponta dos dedos, uma mudança de rumo à jogada baixa e fascinante; e o estádio dá um rugido de aprovação enquanto ele permanece esticado um momento, no sítio onde caiu, sem ter deixado que metessem golo.» Um guarda-redes depende só de si mesmo. Da sua capacidade de antecipação. Da sua percepção acerca do próximo passo dos outros. Nisso eu era muito bom. Se fosse filho de operário, ter-me-ia transformado num guarda-redes famoso. Rico. Depois faria uma Fundação para meninos pobres. Seria condecorado pelo Presidente da República. E ninguém esperaria de mim a salvação.

– Tempo, dê-me tempo, doutor.

Nasci num país que fabrica tempo. «Estou a fazer tempo», dizemos, quando

não sabemos o que fazer ou que dizer. Como se tivéssemos a faculdade de criar o tempo à nossa medida. A minha mãe dizia:

– Não tenho vagar.

Pedia-lhe que jogasse às cartas comigo, e ela nunca tinha vagar. Não usava a palavra tempo. O tempo era uma outra coisa, escrupulosa, dividida em sectores estanques, uma coisa máscula, distinta do vagar que era a propriedade utópica das mulheres. Uma espécie de continente ao qual elas aportariam, um dia, quando os filhos acabassem de crescer e partissem e os homens acabassem de envelhecer e perdessem o estro de as controlar.

Cresci numa terra onde o tempo e o espaço se confundiam e o horizonte não tinha uma linha terminal. Regressei de África uns anos antes do fim do império. O meu mundo encolheu de repente. Encolheu ainda mais no tempo da revolução, quando os meus tios e primos voltaram, sem ter onde cair mortos, e se instalaram no Porto, em nossa casa, às sopas do meu pai. Para não nos atravancarem tanto, os meus tios passavam o dia na rua. A visitar casas. Saíam de manhã cedo, de braço dado, à procura de sinais de casas para alugar ou para vender. Não tinham dinheiro para as comprar ou alugar, talvez soubessem já que não voltariam a tê-lo. Em Lourenço Marques tinham uma casa desmedida, com uma sala envidraçada virada para o mar, um jardim e uma piscina azul, vigiada por um criado cuja única função era limpar as folhas e os insectos, mantendo a água transparente. Acompanhei-os um par de vezes, nesse périplo diário pelas casas do Porto. A princípio só visitavam moradias, perguntando por todos os pormenores da construção e do funcionamento do sistema eléctrico, criticando a divisão do espaço e fazendo planos para mudar as portas ou ampliar as varandas. Por fim já se bastavam com apartamentos; gostavam de os visitar ainda habitados pelos moradores, para comentarem o mau gosto das alcatifas ou do papel de parede. Eram pessoas delicadas: nunca se lhes ouvia uma palavra de crítica, só perguntas: debaixo desta alcatifa, o soalho é de tábua ou cimento? É possível levantar uma ponta do papel de parede, para vermos de que espécie é a cola? Nunca mais tiveram uma casa a que pudessem chamar sua; quando o meu primo mais velho casou, foram viver para casa dele. Nos últimos anos de vida, viveram em trânsito: os três

filhos elaboraram um calendário de estadias temporárias em cada uma das suas casas, e os velhotes viviam entre esses três quartos de três casas diferentes, onde nunca ninguém lhes perguntava que programa de televisão preferiam ver. Morreram cedo, um atrás do outro. Como se não quisessem incomodar.

Nasci no Porto, mas só o conheci na adolescência, no regresso de Lourenço Marques. Esse regresso representou uma queda abrupta na realidade, o início de uma vida sem criados. Crescera a dar ordens a uma série de homens e mulheres, ordens que eram cumpridas com uma vénia. Aos cinco anos chamavam-me senhor. Regressámos antes da revolução, creio que por exigência da minha mãe, suponho que motivada por um caso do meu pai. Assim pude fazer uma transição suave do reino dos senhores e dos criados para a terra das hierarquias mutantes. Ficou-me, porém, um lastro de impaciência, uma árdua convivência com a frustração e sobretudo a impressão indelével de pertencer a um clube de eleitos. Não estou certo de ter afastado por completo essa impressão; combati-a com persistência, mas creio que essa sensação de superioridade me socorreu nos piores momentos.

Leonor dizia que o Porto arranha na pele da alma como o beijo de um homem com barba de três dias. Sim, é malcomportado, o meu Porto, desbocado e de palavra de honra. Fala grosso e a direito, dá-se mal com as palavrinhas redondas dos sonsos, é esquinudo, zaragateiro e genuíno. O meu Porto é uma cidade de rapazes boémios – nela fui menino e moço, bebia leite com canela mal chegava a casa para disfarçar o cheiro da cerveja das primeiras noites longas. Falávamos da vida fabulosa que havíamos de ter, dali a vinte anos, quando todos os nossos projectos se tivessem materializado. O Porto é uma cidade pragmática, de sonhos sólidos como as suas casas. Hoje conheço sobretudo o Porto rápido dos hotéis, das conferências e das promessas de encontros lentos – é o imposto que pagamos pela concretização de alguns sonhos dos nossos vinte anos.

– O problema do amor é o tempo – dizia agora o Guilherme. – A resistência

ao tempo.

– O amor gasta-se, Guilherme. A ideia do amor é sempre melhor, e tu sabes isso melhor do que ninguém,

disse eu, a pensar que Clarisse acabaria por se intrometer nos nossos jantares, ou que levaria Guilherme para longe de nós. Não estava preparado para perder o meu amigo para a hipnose do amor. Um dos subentendidos da nossa amizade era a irrelevância relativa do amor. Este novo Guilherme representava uma traição ao pacto implícito que nos unia. Esse pacto implicava o reconhecimento da impossibilidade do amor recíproco e, por conseguinte, a subalternização do amor. A paixão é o anúncio enganoso de um filme que nunca ninguém viu, porque não tem história para além do anúncio. Guilherme dissertou. Citou poetas.

> – O amor é a única possibilidade de transcendência que nos é dada. Não porque dure toda a vida mas por ser infinito enquanto dura, como escreveu Vinicius de Moraes. Cada vez há mais gente menos certa de alguma vez ter conhecido o amor. É de loucos. Somos loucos. Será o conhecimento assim tão incompatível com a eternidade? Teria razão aquele Deus castigador que condenou ao suplício da vergonha e dos trabalhos forçados as suas criaturas iniciais, porque se atreveram a sair da ignorância?

A narrativa bíblica pode ser interpretada de outra forma: Deus enviou a maçã e a serpente para que as suas criaturas ganhassem o direito ao livre-arbítrio. Nesta interpretação, que parte do princípio da responsabilidade, Eva e Adão saíram do paraíso oferecido para construir o seu paraíso, à sua maneira. Beneficiaram de um crédito vantajoso de que mais nenhum casal no mundo voltou a dispor: eram os únicos seres humanos sobre a Terra. Incomparáveis. Nascidos, sem apelo nem agravo, um para o outro. Hoje, esta predeterminação assemelha-se ao inferno, mas, no tempo do mito, o caso não se punha assim: Eva não sofria a concorrência de nenhuma Maria cheia de graça, e os

músculos de Adão, mirrados pela falta de ginásio e trabalhos duros, brilhavam na ausência de qualquer espelho, janela ou lavador de janelas. Podiam ficar fartos um do outro sem se aperceberem dessa fartura: não tinham mais ninguém. Nem sequer a possibilidade de se interrogarem sobre outras orientações sexuais. Viviam entre flores e frutos, em pleno desenvolvimento sustentável. Quando penso nesse paraíso, deixo de ter medo de cobras. Todas as coisas têm os seus lados positivos e as suas horas de fulgor. E estou em crer que, por muito que tenham gritado um com o outro, depois da saída do paraíso, e até amaldiçoado a sua sorte, Adão e Eva se divertiram mais nessa vida mortal que lhes coube do que na eternidade sem tempo de onde saíram. Pois que é a eternidade sem tempo? Nada. E o tempo sem eternidade? Um inferno.

– O infinito é a medida da eternidade humana.

Palavras da Leonor, há tantos anos morta. A ciência desfibra-nos em hormonas e compostos químicos para explicar que a paixão tem razões fisiológicas que se esgotam ao fim de dois anos de convívio. Três, com sorte. Para que queremos saber tanto? Para perder o deslumbramento da primeira troca de olhares, para perder o contacto com a eternidade que só esses instantes de entrega radical nos dão a ver. Beijamo-nos e pensamos no dia em que deixaremos de nos beijar – sem reparar que o pensamento nos conduz de imediato a esse dia.

– Não nos entregamos para não sofrer. Que graça tem essa vida sem entrega? – perguntou-me Leonor, tantas vezes.

– Tu és a minha casa, contigo eu sou livre – disse-me a Leonor, muito tempo antes de morrer.

Não tornei a assinar papéis de compromisso com ninguém. Achei que devia isso à Leonor, que em vida nunca senti como a minha casa. Era muito novo

quando nos casámos. Somos sempre demasiado novos para o casamento. É uma invenção da arrogância humana – por alguma razão Deus é solteiro.

Jacinto alega que a vida conjugal se avalia por noites.

– Fui casado mil e trinta e uma noites – anuncia, ufano.

A rigorosa contabilidade das noites é o pilar da sua teoria matrimonial. Defende que o casamento é o estado ideal do homem, porque é um exercício de inteligência e contemporização. Terminado o primeiro casamento, Jacinto andou sete anos naquilo a que ele chama *test-drive*.

> – As mulheres devem escolher-se com o mesmo cuidado que os automóveis. Observar bem se não há problemas com a direcção, se os faróis estão alinhados, se os travões funcionam. Requerem atenção intemporal: desconfiem das últimas modas. Mesmo porque a mulher da última moda já não é mulher; é um esqueleto faminto com *airbags* falsos. As mulheres, como os automóveis, querem-se acolchoadas. E suaves à condução. Não sou machista, longe disso: prefiro-as com GPS; elas que escolham o itinerário. Se vierem com um GPS sofisticado, que seleccione, mais do que o trajecto, o destino final, melhor ainda – a mim qualquer paisagem e lugar me serve, contanto que me deixem a felicidade de a apreciar. O amor deve ser lento e ter a sabedoria de se perder por atalhos; para velocidade e progresso já me basta o jornal, que não sai do mesmo sítio.

Os testes de condução do Jacinto nem sempre foram bem-sucedidos; uma estagiária do jornal pôs-lhe um processo por assédio sexual quando ele, enquanto seu editor, a despediu. Jacinto pediu-me que testemunhasse a seu favor, dado que me apresentara a jovem como sua amiga e estivéramos juntos em várias noites de boémia. Muni-me de um arsenal de desculpas atabalhoadas, entre as quais que tinha uma reputação a defender e não podia arriscar a minha carreira. Jacinto sorriu amargamente:

– Andaram as mulheres tantos anos a lutar para acabar com essa merda da reputação, e agora vens tu, feito virgem, atirar-me com a reputação à cara. Tu sabes que isto é uma infâmia, caraças. A miúda atirou-se para cima de mim com a artilharia toda. Nada contra. Mas dizer que a assediei… Eu é que podia queixar-me de assédio. Reescrevia-lhe as prosas todas, os artigos dela não tinham ponta por onde se lhe pegasse. Tu sabes isso. Fiz tudo para que ela ficasse no jornal. A administração não deixou. Eu fui só o mensageiro. O pateta. Comido por ela, isso sim.

Humilhava-me que Jacinto olhasse para mim como alguém que se rege pela ambição, em vez de fazer a coisa certa. Essa humilhação era o preço a pagar pelo meu erro. Também eu fora comido pela jovem; o que lhe faltava em talento profissional sobrava-lhe na arte sensual. Uma noite, quando a deixámos em casa, ela passou-me para a mão um bilhetinho onde escrevera o número da porta e do andar, e dizia que me esperava. Não podia contar isto ao Jacinto; a nossa amizade não suportaria a violência da humilhação mútua. Se me apresentasse como sua testemunha, acabaria por sair do tribunal como réu. Ou, pelo menos, como pateta adjunto.

A estagiária acabou por retirar a queixa, porque entretanto começou a namorar um deputado. Conseguiu uma assessoria muito bem paga num ministério, e deve ter considerado que não lhe convinha ter más relações com a imprensa. Jacinto casou-se de novo, um par de anos mais tarde, e não voltou a falar-me do assunto. Espaçámos os nossos encontros, que adquiriram uns fumos acrescidos de sarcasmo, da parte dele. Diz-me que é melhor que não me case, porque não sou de confiança e conduzo mal.

O segundo casamento dele também não foi um sucesso, apesar dos seus manuais de pilotagem: casou-se com uma menina bem que tinha a ambição de ser artista, e fazia umas naturezas, mais do que mortas, mortíferas. Jacinto arranjou-lhe um par de exposições em galerias dos circuitos intelectuais, a troco de um lote de boas e visíveis críticas dos artistas filiados nessas galerias, lá no jornal. Mas a pequena achou pouco: queria que o Jacinto encomendasse também textos laudatórios sobre as pinturas dela. Jacinto respondeu-lhe que jamais faria semelhante coisa, e a legítima calou e acatou. Poucas semanas depois, Jacinto foi acompanhar uma visita presidencial a Espanha. Quando

voltou, numa bela noite, a mulher tinha desaparecido com todo o recheio da casa: não ficou sequer uma cadeira em que se sentar, ou um colchão para dormir.

Nestes jantares com os rapazes, lembro-me sempre do Jacinto, que nunca os frequentou. Não tem paciência para grupos; gosta de ter a atenção exclusiva de um interlocutor. A mim agrada-me o calor do comum, o descanso concentrado e ruidoso da trupe, a possibilidade de dizer disparates ou ficar calado sem consequências. O passado partilhado é como um muro que nos poupa o desgaste das interpretações. Vivo a interpretar sinais, fazer diagnósticos, encontrar a lógica dos tumores e, se possível, vencê-los.

A verdade é que tenho saudades do Jacinto. Concebemos um programa secreto para o tratamento do *stress*: uma grande almoçarada, seguida de uma hora no Planetário, dormitando num mar de estrelas. Depois, cada um pegava no seu carro, e fazíamos corridas. No centro da cidade um de nós acelerava e batia no pára-choques do outro. Travávamos furiosamente, parávamos os nossos carros e entupíamos o trânsito todo a barafustar um com o outro. Insultávamo-nos com violência, fazíamos menção de nos atirarmos às goelas um do outro, até que um par de transeuntes incautos caísse na armadilha e viesse em nosso socorro. Fingíamos não nos conhecer de parte alguma, claro. Cada um de nós conseguia uma claque de apoio. Quando a polícia se aproximava ou a populaça já estava toda em guerra, metíamo-nos nos nossos respectivos bólides e zarpávamos. Nunca nos cansávamos deste nosso pequeno teatro de rua. Fazíamo-lo com perfeição.

Jacinto é a prova de que o trabalho compensa e
o mérito é premiado. Às vezes, pelo menos. Nasceu
e cresceu no Alentejo dos pobres. No jornal chamam-lhe, ainda hoje, Chulé de Ouro, por causa da sua obsessão por sapatos de marca. Diz ele que os anos que passou descalço o ensinaram a escolher o melhor calçado. Não o diz para se vangloriar do seu passado heróico; Jacinto fala de si mesmo e da sua história com naturalidade. Não renega as suas origens nem as exibe como uma medalha. Estudou sempre à noite, depois de um dia de trabalho no campo.

– No campo só se vive bem quando se é rico – costuma repetir.

Quando terminou o curso e começou a trabalhar num escritório de advogados, vivia com o mínimo possível, abaixo do indispensável, para pagar

os estudos aos irmãos – quatro raparigas e um rapaz. O rapaz mais novo desbaratou esse esforço. Reprovou três anos seguidos o décimo primeiro ano, e ainda teve o descaramento de lhe pedir emprego. Jacinto respondeu-lhe que jamais cometeria essa injustiça: arranjar-lhe um lugar seria roubá-lo a alguém que se esforçara para o obter – alguém como Jacinto.

– Posso vir a ser milionário, espero que sim. Quero dar aos meus filhos o que eu não tive. Dá-me muito gozo fazer do apelido Lavadinho um nome sonante, que inspire respeito. É uma vaidade que me anima. Nunca me tornarei igual a esses finórios que arranjam tachos para a família toda. A minha herança de camponês é essa: honrar o trabalho, reconhecer o mérito. Não é esse o melhor exemplo que podemos dar aos nossos filhos?

Não tenho filhos a quem dar exemplo. Costumo brincar com isso – não há mesadas para pagar, nem birras para aturar, nem guerras feias com ex-mulheres por causa das crianças. Quando a Mariana morreu, a família repetia-me que era uma pena não ter tido mais filhos. Eu respondia que talvez um dia descobrisse que até tinha, nunca se sabe. O escândalo que de imediato se estampava no rosto da minha mãe e dos meus tios dava-me a vingança necessária contra aquela barbaridade. Como se os filhos fossem lâmpadas que se substituem. Sou ainda o pai da Mariana. Não há um só dia em que não me lembre dela. O mais simples dos instantes de felicidade traz o aguilhão da sua ausência. Tanta coisa que ela não experimentou. Porque é que a empurrei para aquela viagem sem regresso? Era mais fácil afastar-me dela do que acarinhá-la.

– Com estas novas técnicas de manipulação genética a perversidade humana não terá limites. Que me dizes, Afonso?

– Digo-te, Augusto, que essa ideia apocalíptica não resiste a cinco minutos de análise. Há que ter alguma fé na capacidade de responsabilização do ser humano.

– Fé? Estranho ouvir essa palavra na tua boca.

– Fé significa confiança no que não é ainda visível. Nesse sentido, sou um

homem de fé, sim. Os avanços diários da medicina sustentam esta minha fé. A descoberta dos segredos do genoma também.

– Haverá sempre irresponsáveis com poder.

– E isso é razão suficiente para mandar parar as máquinas do génio, da investigação, da criatividade? Há uma atenção geral aos perigos da novidade, uma atenção inédita na História. Legisla-se como nunca se legislou. A preocupação com os direitos das pessoas nunca foi tão grande. A força da razão começa apenas a despertar. Não queiram já sufocá-la. Não caiam na ingenuidade catastrófica dos cépticos de serviço.

– Os broncos serão sempre maioritários – declara Filipe, do cume da sua elevadíssima ilustração.

– Viver a desancar na ralé não te dá saúde, Filipinho, nem te aguça o entendimento.

Penso demasiado. Sinto-me soterrado em pensamentos baços como corpos. No hospital os corpos tornam-se transparentes e o pensamento flui como o sangue, exacto, vermelho, visível. Dispomos de traçadores cada vez mais minuciosos, fármacos marcados com isótopos radioactivos, que percorrem os corpos e nos permitem observar os órgãos sem modificar os seus processos fisiológicos. Cada tumor tem o seu comportamento singular, que é preciso seguir, sistematizar e atacar. Com os aceleradores lineares que fazem com que as partículas corram a uma velocidade próxima da luz, conseguimos gerar uma energia que modifica os tecidos. O acelerador pode ser dotado de um acessório para controlar a respiração do doente, evitando que a irradiação atinja a área limítrofe da zona afectada, em tumores que se movem com o acto de respirar. A quimioterapia clássica não distingue células doentes de células sãs, cura e mata em simultâneo. Cada tumor tem a sua história individual, cada organismo reage de forma singular aos tratamentos. A investigação genética conduz-nos a uma eficácia progressiva nos tratamentos. Células e moléculas comportam-se de um modo lógico e interdependente. À escala do microscópio, todas as coisas são em si mesmas outras, a vida estilhaça-se e recompõe-se permanentemente, desenha-se uma linha de claridade que de outro modo não seria perceptível. A superfície da pele é espessa. É à superfície que as coisas são obscuras, absurdas. A oncologia é uma arte de

revelação e controlo. Sossega-me. Exige-me tudo mas não me devassa. Nada interessa além do que se vê. No mundo exterior, o que se vê é apenas a camada superficial do que acontece, em turbilhão, por subterrâneos a que nunca temos acesso total. A música permite-me sobrevoar esse caos. As palavras assombram-me, perseguem-me, como metástases incontroláveis. As mulheres falam. Livram-se das metástases, mesmo que morram delas. As mulheres morrem melhor do que os homens. Portam-se melhor nos hospitais. Não choram. Não gritam. Não sei como fazem.

– O sofrimento é como a liberdade: só aproveita aos corações de grande fortaleza. Aos outros, corrompe-os, mais nada.

Assim falava Leonor, e eu julgava que não a escutava. À medida que aumentava a sua sabedoria, encolhia o meu amor por ela. Tinha medo.

Fugi do Porto para Lisboa, há muitos anos, porque o meu amor pelo Porto tem um cheiro a casamento. Lisboa é uma dessas cidades-manequim de que toda a gente é íntima sem nunca a ter visto. Amar uma cidade destas é simultaneamente um orgulho e um vexame; é amar o invejável e o óbvio. As declarações de amor directas não lhe servem; escorregam pelas suas colinas sonsas, enredam-se nas suas vielas fadistas, tornam-se clichés. Sempre que tentam prendê-la a uma imagem fixa, Lisboa escapa-se – a sua alma turbulenta disfarça-se de outro lugar. Foi sempre uma cidade de partidas e chegadas, a cidade-porto de onde partiram os navegadores nos séculos xv e xvi, a cidade-refúgio dos judeus europeus durante o Holocausto nazi. E é a cidade desta turba de benfiquistas incuráveis que são os meus amigos.

PEDRO

Há uns anos, conheci uma jornalista brasileira no Pavilhão Chinês, onde tomava um copo com Afonso ao fim da tarde, depois de ter ido assessorá-lo na compra de um computador. A jornalista assistira a uma cantoria do Afonso, dias antes, no bar do hotel onde estava, e tinha ficado encantada. Repetia a palavra «encantada», no meio de uma rajada de desculpas pela sua intromissão na nossa conversa, dizia-se envolvida numa pesquisa sobre os novos valores da velha Lusitânia, sempre com os olhos fixados em mim. Não me envaideci excessivamente: dei o desconto à beleza de Lisboa, ao primeiro contacto dela com esta nossa versão fechada da língua portuguesa, ao romantismo daquele bar e das suas incontáveis vitrinas com colecções de soldadinhos de chumbo. Ela possuía um talento particular para cartas de amor, e eu gosto de alimentar talentos. Enquanto conversava com ela, esquecia-me do tempo. Gosto
de me esquecer do tempo. Nunca tive qualquer espécie de atracção física por ela, o que, estranhamente, ela parecia não compreender.

Minha flor tropical,

O corpo queima, quando o contacto com o espírito é total, e a alma não pode estar inteira. Quero a tua amizade chamejante, a cumplicidade a toda a prova. Adoro-te. Beijos.

Meu sabiá,

As flores respondem à carícia do sol. Algumas delas florindo escandalosamente. Porque será que as pessoas, que aparentemente sabem muito mais do que as plantas, temem a floração do toque?

Que beijos são esses seus, apenas virtuais?

Jamais pedi um beijo. Em menina eu os dava, simplesmente. Agora tenho remorsos desse beijo que pedi em vez de dar, e você me negou. Medo de ter perdido o ímpeto confiante de beijar. Me sinto, como escreveu Clarice Lispector, sozinha na noite de outra pessoa – uma outra pessoa íntima e estranha, feita de pedaços de você e pedaços de mim.

Vivo na cidade mais bonita do mundo e isso dói porque me lembra ainda mais de você. Vivo cercada pela sua língua, que é a música silenciosa da minha. Que saudade do som da sua voz.

Vem me ver. Apenas isso. Vem.

Não tornarei a pedir nada ao seu corpo que sua alma não possa me dar.

Sei adorar você sem lhe tocar.

E sem te beijar. Mas vem bater um papo comigo. Vem, enquanto estou por perto.

Teria aproveitado para conhecer o Rio de Janeiro se não fosse a veemência da jornalista brasileira, dessa vez que fui a um congresso sobre novas tecnologias, no Recife. Uma coisa é alimentar a ideia da paixão na placidez asséptica do circuito virtual, palavra a palavra, outra coisa seria confrontar-me com ela. Hoje concluo que deveria ter enfrentado a minha apaixonada no Brasil. Enviei-lhe um *email*, já de Lisboa, desculpando-me com o trabalho e reiterando o meu desejo de continuar com a nossa cumplicidade. As mulheres adoram a palavra cumplicidade. Não parecem entender que a cumplicidade é o carrasco da paixão. O que nos atrai é aquilo que nos permite realçar as nossas diferenças. Pelo menos a mim: gostaria que uma mulher me fizesse sentir homem, macho, muito diferente dela. O que só me aconteceu, até agora, com mulheres de papel ou de celulóide, divas de cinema, princesas de olhos tristes em pinturas da época romântica. No entanto, eu precisava de manter aceso aquele fascínio. Sempre era melhor do que nada. A jornalista carioca atravessou o Atlântico e instalou-se numa pensão do Príncipe Real. Procurava-me no trabalho. Passava as noites no Pavilhão Chinês, à minha espera. Enviava-me *emails* imensos e desesperados, acusando-me de a ter seduzido e

abandonado, de ser ingrato, de não ter coração. Por fim, já nem conseguia ler aqueles estendais de acusação. Um dia escrevi-lhe meia dúzia de linhas simples e amigáveis, explicando que tudo não passara de um equívoco criado pela caudalosa imaginação dela, que o rosário das suas queixas estava a tornar-se um círculo diabólico. Esta história só podia acabar mal, como de facto acabou. Porém, despertou o meu interesse pela narrativa. As mulheres gostam que lhes contem histórias. Agora tenho uma história incompleta que trago comigo num caderno para todo o lado. A história de Bárbara, a partir de uma mulher que não conheço – apenas a vi rir, uma noite, no Pavilhão Chinês.

– Tanto que eu queria estar no lugar dessa mulher aí,

disse-me a jornalista brasileira. Mensagem demasiado directa; a mulher estava com um homem que lhe beijava o pescoço.

– Nem todos somos vampiros.

Quando respondi deste modo, reparei que a mulher estava sentada numa cadeira de rodas. Ela voltou-se ligeiramente, olhou-me, e o seu rosto teve sobre mim um efeito extraordinário. Parecia envolver-me e rejeitar-me ao mesmo tempo. Como se fosse uma personagem de sonho, próxima e inatingível. Os seus olhos comunicavam a todo o rosto e toda a figura um ar de majestade tranquila e senhora de si. Não era uma dessas belezas que subjugam o coração acendendo os sentidos; falava primeiro à inteligência do que ao coração. A arte parecia ter colaborado com a natureza naquela criatura, meia mulher e meia estátua. O riso inquietante dessa mulher que viria a chamar-se Bárbara fazia tremer os vidros dos armários que preenchem o bar. Não tardou que lhe caísse no rosto um véu de melancolia. Anotei-o em silêncio, e não imagino por que razão regressa agora à minha mente esta anotação. É privilégio do inconsciente escolher o que vê e o que regista, à revelia do consciente que aparelha a voz do mando. O véu de melancolia, não podia vê-lo a jornalista, porque tinha o seu particular véu sobre os olhos. Cobiçou-lhe a superfície da alegria:

– Tomara ter uma gargalhada dessas para usar. Tomara ser essa mulher.

MANUSCRITO DE BÁRBARA

A inveja é um objecto repugnante, impede-nos de ver a beleza do mundo. Desfaço-a em palavras para me
ver livre dela, sobretudo quando a pessoa que invejo não passa de uma personagem. Sim, começo por admitir que tenho inveja de Bárbara, a protagonista desta história. Ela roda radiosamente sobre as minhas palavras, e isto não é uma metáfora. Roda sobre a minha prosápia de omnipotência; por mais que saiba tudo dela, sobra-me sempre a sua felicidade. Eu bem queria escrever mais uma história de desencanto e cinismo, sinónimos contemporâneos da inteligência. Esta fulaninha não me deixa, ri-se dos meus apontamentos tortuosos. Encosto-a ao momento da sua desgraça, mas ela não quer recordá-lo assim. Afirma que o livro tem de encontrá-la no auge da sua vida, no instante em que faz amor com Júlio.

– Fazer amor já não se diz, Bárbara.

– Quero lá saber. Chama-lhe o que quiseres, polígrafo, desde que me ponhas nos braços do gajo.

– Polígrafo?

– Sim, é o que tu és. Ou pensas que só porque se te meteu na cabeça essa mania tonta de compreender as mulheres já és um escritor?

– Mania tonta?

– Sim. As mulheres não existem. Os homens não existem. Ainda não deste por isso? O mundo não é tão fácil. Vá, põe-me nos braços do gajo.

– E como é que eu escrevo isso?

– Sei lá. Não escrevas, contempla. Se contemplares silenciosamente, as palavras vão aparecer-te.

– Tu gozas e eu assisto?

– Claro. Foi para isso que se inventou a literatura, salvo erro.

Deixa-te de masturbações prévias e vê lá se entras na minha cabeça. Se entrares devagarinho pode ser que ainda gozes alguma coisa.

Desejava-o violentamente. Uma coisa bruta, de cheiro. Desde que a parte inferior do seu corpo morrera, pensava que estava liberta das toxicodependências da pele. Descobria agora que não há partes inferiores ou superiores, que o seu corpo era ainda um corpo, precária massa de nervos em busca de injecções sucessivas de felicidade. Enquanto o seu corpo reagisse à infindável novidade do mundo, estava salva. O novo era a força motriz de Bárbara; para o melhor ou para o pior, não desistia de se surpreender. Sabia que resistiria a tudo, menos ao tédio. Mas neste momento em que Júlio se ajoelha diante dela para a beijar, Bárbara já não sabe nada. E isso é novo nela.

– Demorou, mas consegui pôr-te de joelhos a meus pés.
– Chiu. Este não é o momento de brincar.

Bárbara habituara-se a usar o humor como método de navegação social. Para poupar embaraços aos outros. Os gordos e os inválidos querem-se bem-dispostos. Mas neste momento em que a boca de Júlio lhe percorre demoradamente o nariz, as orelhas, o pescoço, Bárbara é outra vez uma mulher inteira, vulgar, alucinada de desejo. Sente que a pele do seu corpo se abre de uma vez só, húmida e ávida como um recém-nascido. Quer guardar o corpo dele dentro do seu, quer que o sexo dele a magoe com uma doçura de vidro, quer que os músculos dele rasguem a carne adormecida das suas pernas e a transformem na rapariga intacta que o amara tanto, tão desajeitadamente, há quinze anos.

Ir para a cama com Júlio era uma repetição, e isso assustava-a. Mas o medo fazia também parte do prazer; o medo da entrega. Repete para si mesma que agora será diferente, agora já aprendeu a separar o desejo do amor. Agora já nem sequer acredita no amor romântico, eterno, construído como uma casa de bonecas. Perdera essas ilusões antes de perder a metade de baixo do seu corpo. Como se o corpo tivesse metades – a língua dele acaricia-lhe o céu da boca, os dedos dele brincam com os seus mamilos e ela sente que as suas pernas mortas serão capazes de ressuscitar e de envolver o corpo daquele homem que a possuíra e esquecera aos vinte anos.

– Nunca te esqueci, Bárbara. Tu não me passas ao lado.

Ergue-a nos braços e deita-a na cama, com uma delicadeza extrema. A delicadeza de alta costura que se oferece aos doentes, aos diminuídos. Ela sussurra que não sabe se será capaz, ele diz

– Chiu, confia em mim,

e começa a despir-lhe as calças, muito devagar. Sentia tanto orgulho nas suas pernas, dantes; custava-lhe entender como poderia um homem esquecê-las, depois de ter sido abraçado por elas. Agora ele afasta suavemente os seus joelhos mirrados, beija-lhe as coxas e ela tem ganas de chorar. Olha para ele e sente, no torso, cada um dos seus beijos, o que é clinicamente impossível. Júlio sempre fora impossível. Quando entra dentro dela diz-lhe:

– És tão bonita.

Nunca lhe dissera isso, das múltiplas vezes em que entrara nela, com uma facilidade de corrente eléctrica, havia quinze anos. Nessa época, Bárbara era uma rapariga muito bonita. Não era alta, pelo contrário, mas a sua beleza resplandecia como um farol, atraindo e assustando o marinheiro de água doce que mora no fundo da alma de cada rapaz. Como se aquela beleza evidente a tornasse inacessível ao negrume da carne. Era raro atingir o auge do prazer; não conseguia deixar de pensar na sua imagem reflectida nos olhos dos homens, nunca chegava a perder a consciência do seu próprio corpo. Guiava-se pelo método da observação participante, teorizava com segurança sobre o egocentrismo técnico dos homens. Tinha orgulho nos seus orgasmos masculinizados – escaladas rápidas, esforçadas, seguidas de uma curta explosão de gozo puramente individual. É verdade que estava quase sempre sozinha quando atingia o tal cume veloz que julgava privilégio cultural da masculinidade. Mas isso não a preocupava, porque acreditava que toda a gente está sozinha. Com o seu esplêndido corpo envolvido no fragmentário pós-modernismo dos novos estilistas, Bárbara exortava as amigas a assumirem o desejo, concreta e cientificamente, como os homens. Agora tem metade do corpo desprogramado para o prazer, e vem-se, vem-se como os namorados de antigamente lhe ordenavam, dissolve-se numa alegria lenta, fulminante, areia

quente que se deixa levar pelos dedos devastadores das ondas. Júlio encontra no fundo do corpo de Bárbara uma fragilidade que o excita incondicionalmente. Pede-lhe desculpa por ter atingido o orgasmo demasiado depressa, e ela ri-se:

– Agora já não precisas de me pedir desculpa por nada. Já não tenho mapas para o ponto G nem para a hora H. Desde que continues a beijar-me, enquanto aqui estás.

– Já não vou a mais lado nenhum.

Bárbara ri-se, o riso é o contraponto da sua vida. Ri-se enquanto se deixa levar para longe de tudo o que conhece, ri-se enquanto mergulha mais e mais no oceano babélico do corpo, sem pensar no suor e no esgar, descobrindo o perfume hipnótico do prazer partilhado, o sabor da pele salgada pelo suor do desejo do outro, ri-se esquecida das pernas mortas que Júlio apoia nos seus ombros, esquecida de que os médicos e a família a decretaram excluída da vertigem da entrega física. Embriaga-se de riso para não chorar, sempre fora assim. Diziam-lhe que tinha um riso cheio de sol, e ela cumpria as expectativas solares dos outros. Agora Júlio pede-lhe que não se ria dele, por favor, por favor, e entra nela outra vez, diz-lhe que está quente e molhada e irresistível. Está molhada por causa da chuva de prazer dele, e diz-lhe isso mesmo.

– Mentirosa, mentirosa, menina má e mentirosa, adoro-te,

é o murmúrio dele enquanto se desfaz de novo em chuva dentro dela, e Bárbara chora mesmo porque é a primeira vez que Júlio lhe diz que a adora e já é demasiado tarde para que ela acredite nessa palavra. Júlio não mente, Júlio sempre fez questão de não mentir, mas agora Bárbara sabe que cada pessoa tem o seu dicionário particular. Adorar pode não ser mais do que uma forma de lamentar, ou de agradecer. Prefere fixar-se nas labaredas que ardem, à sua revelia, nos olhos dele.

Conhecera-o numa festa, em casa de amigos. Ouviu-lhe a voz antes de o ver – uma voz rude, sem gradações, que não a impressionou. Gritava contra o

imobilismo reaccionário dos presentes, acusava-os de não serem capazes de viajar para fora dos seus pequenos umbigos freudianos e tentar compreender o Inconsciente Político Global que regia o mundo, admoestava-os por aderirem como alforrecas às ciladas do Capitalismo tardio e ao materialismo não-dialéctico.

– De onde é que tu vens, dos Estados Unidos?

Júlio, que então Bárbara ainda nem sabia que era Júlio (e que, de qualquer forma, diria que o sujeito não contava senão como «efeito textual de co-incidência»), corara até aos dedos dos pés (sim, o sujeito usava sandálias). De facto, acabava de chegar de um curso de Verão organizado pelo Programa Marxismo e Sociedade da Universidade de Berkeley. Meia hora mais tarde, ainda sem saber que nome lhe dar, Bárbara achou-se nos braços dele, numa fúria de beijos que os conduziria, ainda sob o efeito dessa mesma lua, à cama de Júlio, uma cama emprestada em casa de um amigo. Júlio estava apenas em trânsito na cidade, dentro de um mês regressaria aos Estados Unidos para estudar Biologia. O irmão acabava de morrer com sida e ele queria especializar-se em Virologia. Bárbara não resistiu a comentar:

– Uma motivação altamente impessoal. E ainda falas mal do Freud.

Arrependera-se assim que acabara de lançar a graça. Mas Júlio tinha a grande qualidade de apreciar o humor cáustico. Pelo menos o dela. Sorriu, beijou-a e disse:

– De qualquer forma, para tua informação, o Freud era péssimo na cama. Nada parecido comigo.

Bárbara sorrira e dissera que era mesmo uma ideia de homem, essa de que há bons e boas na cama, em abstracto, como se a cama fosse uma ciência exacta. Agora acrescentaria que essa ideia de hierarquias sexuais contradizia o multiculturalismo horizontal dele. Os cânones tinham acabado; com boa vontade, tudo era igual a tudo. Bárbara nunca fora particularmente

vocacionada para a boa vontade. De resto, a separação deles ficara a dever-se a um choque de perspectivas sobre a boa vontade. Júlio queria que Bárbara procurasse compreender a importância do seu trabalho no grupúsculo de marxistas de vanguarda de que fazia parte. Bárbara queria que Júlio entendesse que ninguém pode pretender amar a humanidade descurando os seres humanos mais próximos. Júlio argumentava que o amor é um saco de gatos, uma desculpa para a inacção e a autocomplacência. Bárbara chorava. Júlio beijava-lhe as lágrimas e acabavam por se entender de novo na cama. Ou onde calhasse – na casa de banho de um café à beira da estrada, no carro, numa praia deserta. Tinham vinte anos. E depois ele voltou para os Estados Unidos, os telefonemas foram-se espaçando, nenhum deles tinha ainda *email*. Júlio pedia-lhe que compreendesse que não gostava de escrever. Bárbara pedia-lhe que compreendesse que não gostava de compreender.

Dois anos depois, numa noite de Inverno, Júlio bateu-lhe à porta. Bárbara estava mais ou menos a viver com um jornalista, que o recebeu com cordialidade e fez café para todos. Três meses depois, Bárbara encontrava o seu jornalista na cama com uma fotógrafa e enxotava-os de casa, ainda meio despidos. Despejara-lhes nas costas, escada abaixo, o colchão japonês, os sapatos e os restos de roupa de marca. Pensou em Júlio e, pela primeira vez, deu-lhe razão: que se foda o amor. Gritou da janela:

– que se foda o amor que se foda o amor que se foda o amor que se foda o amor

enquanto o namorado e a nova amante apanhavam um táxi e a rua inteira parava a olhar para ela. Claro que voltou a acreditar no amor. Negava-o, ria-se, mas acreditava tanto no amor que ficara paraplégica por causa dele. Debruçara-se demasiado para estender na corda da roupa, o mais distante possível da parede, uma camisa do seu novo namorado.

E agora, seis anos passados sobre aquele estúpido acidente que lhe partira o corpo ao meio, Júlio, o homem que sabia que o amor era um embuste, voltava a queimá-la com o seu olhar de incêndio. Aparecera numa festa de angariação de fundos para a selecção paralímpica, de que ela era uma das promotoras.

Agachara-se diante dela para lhe falar, de olhos nos olhos:

– Há anos que não sei nada de ti. Como estás?

– Bem. Enfim, às vezes farto-me de estar sentada. Mas agradeço-te que não me perguntes como é que eu fiquei assim. Não estamos num *remake* de *O Grande Amor da Minha Vida*, garanto-te que não me deixei atropelar por causa de ti.

– Não mudaste nada. E isso é bom. Casaste?

– Achas que… Não, olha, acabei por te dar razão, o amor não tem interesse nenhum.

Júlio respondera, rindo, que casamento e amor não eram necessariamente sinónimos, até porque não existem sinónimos imutáveis. Explicara que estava casado e tinha dois filhos, mostrara as fotografias das crianças, com mãe incluída, Bárbara abanara a cabeça em assentimento, ébria de inveja das pernas feias da mulher dele, grossas e morenas, vitoriosas, brotando como ervas daninhas de um fato de banho com rosas cor de laranja. Quando ele se foi embora, agarrou-se à ideia de que Júlio era um ex-bonitão casado com uma mulher de mau gosto.

– Mau gosto, mau gosto, mau gosto.

Ele tem barriga de cerveja, barriga de cerveja, barriga de cerveja. E está semicareca. Um semicareca é a versão barata e envergonhada de um careca. Mau gosto. Repetia esta expressão que ofendia o seu sentido estético. Contudo, quanto mais aumentava o fosso do gosto, maior era também a força do seu desejo. Caía na masmorra do snobismo, que tem muralhas de celofane; passava dia e noite a pensar mal de Júlio, a enumerar-lhe, um a um, os defeitos. Quando, uma semana depois, ele lhe enviara um *email* em mau português, falando da necessidade de uma partilha que nunca chegara a alcançar e dos bilhetes dela que guardava com carinho, respondera-lhe, com dedos trémulos, que não parasse de lhe escrever, que ele tinha o dom de trazer à luz uma inocência que ela julgava perdida. Teria ocasião de se arrepender destas mentiras em que se envolvia como num manto de seda, mas o travo do

arrependimento futuro apenas lhe ampliava agora o desejo. Projectava incessantemente aquelas horas de intimidade com um homem duplicado. Em cada beijo, em cada carícia, o rapaz impetuoso e superficial da sua juventude emergia à transparência deste homem sereno, desconhecido e meio careca. O cheiro do homem era o cheiro envelhecido do rapaz, transportando-a do seu actual meio corpo para esse tempo antiquíssimo em que o mundo era uma bola de brincar. Quatro horas e dezassete minutos de um prazer aguçado pela melancolia.

No corpo de Bárbara, este momento não parou ainda de acontecer, não foi arrastado pelo fluxo de surpresas que ela inventa persistentemente. O movimento temporal deste romance é orquestrado, palavra a palavra, por essa colecção de instantes imóveis dentro da existência de Bárbara. A meio da madrugada, acordou Júlio, fotografou-o estremunhado, e mandou-o embora.

– Ficas bem, sozinha?
– Há anos que vivo sozinha, Júlio. A tua cama não é esta.

Desta vez é Júlio quem se ri. Veste-se, beija-lhe a testa e sai. Bárbara odeia que a beijem na testa. Sempre odiara. Desde que passara a viver sentada numa cadeira de rodas esse ódio tornara-se uma declaração política.

– Não me dês beijinhos paternalistas.
– Está descansada. Não sou o teu pai.

Há seis anos, o pai de Bárbara assumira o encargo de lhe comunicar a tenebrosa mudança da sua vida. Suava desesperadamente nesse instante em que lhe pegou na mão. O esforço desmedido que fazia para sorrir era mais forte do que aquele sorriso aflito, içado a guindaste sobre um pântano de lágrimas, procurando agarrar-se aos restos da voz afundada.

– Respira fundo, rapariga. Conta até três. Tenho uma boa notícia e uma má. A boa é que esteve aí o manda-chuva lá da tua produtora, deixou-te estas rosas e disse que te arranjava trabalho, sem problemas. Achas que agora te aguentas com a má, soldado?

Lembrou-se da mãe. Quando Bárbara se queixava de cansaço ou de qualquer contrariedade, a mãe respondia:

– Não ofendas Deus Nosso Senhor. Tanta gente que gostaria de ter as tuas perninhas para se cansar, tanta gente que daria dinheiro para ter os teus problemazinhos.

O pai encolhia os ombros e rosnava:

– Beatices, Maria de Fátima. Cada um tem de viver como deve ser com o que tem.

Para o pai, tudo tinha de estar «como deve ser». Quando soube daquele infortúnio sem remissão, a mãe encafuara-se na igreja a pedir desculpa a Deus pelos pecados da filha e a acender uma vela à Virgem como quem mete um requerimento no departamento dos milagres. Na hora da desgraçada notícia, Bárbara não recebeu os braços da mãe nem os beijos do namorado que estivera na origem da sua definitiva miséria. O pai deu-lhe um ramo de rosas sem cartão, dizendo que o rapaz lhe deixara as flores antes de ir trabalhar, e que voltaria mais tarde. Não voltou; mandou-lhe uma carta muito curta dizendo que aceitara uma proposta de trabalho irrecusável no Algarve, que continuava a ter muito carinho por ela e que se veriam um dia destes. Carinho. A palavreca chilra que os homens usam como preservativo do amor. Que se foda o carinho. Que se fodam todos, a mim é que já ninguém me vai foder. Bárbara praguejava com a veemência e a fé de quem reza. Sim, durante seis anos ninguém a fodeu.

Júlio deu várias voltas de carro à cidade antes de voltar para casa. A curiosidade era a melodia da sua vida. Não resistira à experiência do sexo com uma mulher supostamente assexuada. Gostava de flutuar no erotismo do medo – a ideia de destapar as pernas mortas de Bárbara apavorara-o, e esse pavor tinha qualquer coisa de muito excitante. Agora ponderava que, no enlevo do

medo e da piedade, talvez tivesse falado de mais. Dissera-lhe que ela era bonita e que a adorava, declarações a que uma mulher diminuída não estaria decerto habituada. Se bem que Bárbara não encaixasse no perfil de uma mulher diminuída. Deficientes somos todos, quantas vezes ele próprio não repetira isso, cheio de boa consciência? Talvez ela entendesse que essas palavras significavam apenas uma simpatia de circunstância. Os psicólogos que acompanham a recuperação dos deficientes explicam-lhes que a vida deve saborear-se momento a momento, de uma forma leve e intensa. Bárbara continuava tão intensa como na juventude, disso não havia dúvidas. Uma maravilhosa companhia para os jogos do prazer. Quase melhor do que dantes – perdera muitos atributos físicos, evidentemente. Em compensação, tinha agora o peito e os braços muito mais musculosos, e Júlio sempre gostara de corpos bem tonificados. E se a intensidade crescesse e engolisse a leveza? Não, esses desvarios só acontecem a quem tem tempo livre para pensar, e Bárbara tinha uma vida demasiado ocupada. O trabalho é uma terapia segura. E se, mesmo assim, Bárbara se apaixonasse por ele? Uma mulher numa cadeira de rodas era um poderoso sinónimo de prisão, e Júlio prezava acima de tudo a liberdade. Não, antes da liberdade vinha a igualdade. Mas esta convicção soava-lhe cada vez mais distante, parecia-lhe uma frase solene da infância, escrita a giz num quadro preto fora de si mesmo. Igualdade, o que era isso? Os mesmos direitos para todos, exactamente. Por conseguinte, uma deficiente motora também tinha direito ao prazer sexual. Júlio apenas garantira a concretização de um direito constitucional. Todos temos direito ao prazer, e à identidade, e à independência. Isso, independência. Bárbara havia de perceber. Não lhe mentira; dissera-lhe que era casado. Bárbara nem sequer era o seu primeiro caso extraconjugal – e só não lho dissera porque ela não perguntara. Júlio respondia sempre com verdade a todas as perguntas. Felizmente a mulher não lhe fazia perguntas. Nunca lhe fizera perguntas; por isso casara com ela. Júlio passara a infância na África do Sul, estava habituado aos grandes espaços, precisava de ar. Quando viera para Lisboa tudo lhe parecia apertado, mesquinho: as casas, as ruas, as pessoas. Acelerava a mota pela marginal até ao Guincho, sentava-se à beira-mar, horas a fio, a recordar os gritos dos pássaros, a cor vermelha da terra. Nunca se regressa ao lugar onde se foi feliz – Júlio não temia os regressos, nunca permanecera em

território algum o tempo suficiente para se deixar contaminar pelo vírus embrutecedor da felicidade. Seria imoral ser feliz, num mundo tão sobrecarregado de desigualdade. Imoral e perigoso. Como se sobrevive à felicidade? Como se sobrevive às coisas que não dependem de nós?

Agora já sabia como era o sexo com uma mulher deficiente. Matara a curiosidade. Algo dessa curiosidade persistia nele, uma espécie de irritação. Júlio não estava habituado a ser enxotado da cama a meio da noite. A mulher dele nem sequer estava na cidade. E Bárbara não era só uma mulher deficiente. Bárbara continuava a ser sobretudo uma rapariga com a qual ele dormira no tempo em que a vida era sonho. Um regresso ao passado que saturava o presente de uma neblina de prazer. Júlio estava habituado a manter bem seguras nas suas mãos as rédeas da curiosidade. Não gostava de ser surpreendido por elementos que não pudesse analisar ao microscópio e classificar. Não gostava do efeito que Bárbara começava a produzir nele. Decidiu que não voltaria a escrever-lhe nem telefonar-lhe. Tinha muito trabalho em atraso, e um homem é aquilo que faz.

Bárbara gostava da adrenalina do desespero. Vivera dela até ao momento em que a sua vida desacelerara definitivamente. Depois, durante uns meses, ocupou-se a encenar o seu próprio suicídio, a pensar na melhor forma de assegurar remorsos eternos ao indigno namorado e ao cortejo de homens que a haviam desiludido. Preocupara-se tanto em fazer as coisas certas. Via agora, com extrema nitidez, que as coisas certas eram apenas as coisas que os outros consideravam certas. Bárbara: simultaneamente excessiva e excessivamente controlada. Gabavam-lhe a capacidade de adaptação, o dom de resolver qualquer emergência. À última hora, um convidado faltava, a apresentadora adoecia. Bárbara pegava no telefone e dizia:

– Calma. Tudo se resolve.

E tudo se resolvia. Quando alguém lhe manifestava a sua admiração por

aquela tranquilidade olímpica, Bárbara respondia, sorrindo:

– Esperem até me apanharem com uma dor de dentes. Aguento todos os desafios, menos os do corpo.

Sonhava que não se conseguia mexer. Acordava em pânico: era perseguida por assassinos e não conseguia mexer as pernas nem gritar. Caía neste sonho desde muito pequena. Diziam-lhe que era normal. Ela contava-o repetidas vezes para que lhe voltassem a dizer que era normal. E também por superstição: os sonhos que se revelam a terceiros já não se realizam. Tretas. Agora achava que devia ter acreditado em bruxas, sinais, destinos. Devia ter procurado a profecia nas cartas e nas linhas da mão, devia ter procurado desfazer o azar. Descobria que há o azar e há a sorte. Descobria-o irremediavelmente tarde. Já não podia escolher. Passara anos a queixar-se da infinita proliferação das escolhas. De repente, as escolhas reduziam-se-lhe de um modo pornográfico: estava-lhe vedada a entrada na maior parte desses lugares onde os objectos se expunham, proliferantes. Lugares estreitos, lugares com degraus. Prateleiras altas. Livrarias, bares, jardins, restaurantes, cinemas, teatros – agora teria de se cingir ao reduzido número dos que tinham acesso para deficientes. Saias curtas, sapatos de dança, patins, esquis – tudo isso acabara de morrer. Os países que ainda não conhecia, as ruas que nunca mais poderia calcorrear. Era agora um peso para aqueles que a amavam. Para os outros, nem isso: uma nuvem evanescente. Nada poderia fazer sofrer os que a haviam abandonado em pleno naufrágio. Tinha vontade de se matar.

Por outro lado, a sua morte tornaria a vida dos maus demasiado fácil. O suicídio de Bárbara não desencadearia remorsos em André – o remorso não fazia parte do cabaz de escolhas de André. Da mesma forma, Bárbara nunca escolhera o ódio, e de súbito achava-se escolhida por ele. Odiava André. Era um ódio compacto, gorduroso. Desfigurava-lhe os pensamentos, desfigurava a pessoa que Bárbara era. Considerava a hipótese de organizar o suicídio de forma a que parecesse um homicídio, deixando uma carta de acusação a André: «A quem possa interessar: se eu aparecer morta, será certamente pela mão do meu ex-namorado André, que me persegue com ameaças…», etc. Comprimidos, pistolas, veneno. Os comprimidos seriam a solução mais fácil,

estando internada numa clínica. Talvez também a menos degradante, do ponto de vista da estética póstuma. A ideia de assombrar André, de transformar-se numa âncora que o prendesse ao inferno, entusiasmava-a. Congeminou em pormenor. Apurava o plano, dia após dia.

Nesse período chegaram ao centro de recuperação onde Bárbara estava internada três crianças angolanas cujas pernas tinham explodido ao pisar minas, três crianças que tornariam o seu suicídio uma futilidade. E Domingos trouxe-lhe o primeiro filme de Eric Rohmer, *Le Signe du Lion*, a história de um jovem bem-sucedido que de repente é sugado por uma espiral de desgraça mas vai adiando sucessivamente o seu projecto de suicídio, em parte por curiosidade, em parte por não acreditar que alguém nascido sob o solar signo do Leão possa ter um destino tão infeliz.

– Não há dúvida de que vais morrer, Bárbara. Não te safas, ninguém até hoje se safou. Entretanto, há tanta coisa que ainda não experimentaste.

– E tanta coisa que nunca mais experimentarei, Domingos. Porra.

– Sabes lá, caraças. Se queres chorar, chora. Estou cá para isso. Mas não te ponhas a armar em Deus.

Chorar. O mito das lágrimas, redenção derradeira dos ateus. O choro é a versão contemporânea da oração. Como se a água dos olhos lavasse os pecados do mundo. Bárbara tinha um doutoramento em lágrimas, experimentara o catálogo completo: a cascata da raiva, o regato da tristeza, o conta-gotas da solidão, a barragem fechada da dor seca, a torneira racionada de água quente que amolece a frieza do outro. Nenhuma modalidade de choro resolvia nada; na melhor das hipóteses, as lágrimas maquilhavam os sentimentos moribundos, prolongando-lhes a aparência de vida. Essa maquilhagem podia atingir um grau de excelência *cum laude*, e obter um embalsamamento durável – mas não era capaz de extirpar a morte do interior das coisas ou das pessoas.

Em vez de chorar, Bárbara entreteve-se, nesses primeiros meses, a anotar ausências. Ria-se das vozes tíbias que lhe telefonavam dizendo que estavam com ela em espírito e que gostavam demasiado dela para poder visitá-la, naquela clínica tão assustadora. Desprezava menos aqueles que pelo menos

usavam a frontalidade do silêncio. Gente que ela acarinhara, ajudara, amara.

– Pulgas. Mosquitos, Bárbara. Ainda bem que te livraste deles. Estas épocas são boas para fazer a triagem, é isso que tens de pensar,

repetia Domingos, todos os dias.

– Estas épocas, pois, não há dúvida,

respondia Bárbara, com uma casquinada em forma de grito. O médico fora bastante claro, aquela paralisia não tinha cura. Pelo menos no estado actual da medicina. A mãe de Bárbara passava os dias inteiros a rezar pela evolução da medicina ou a marcar lugar no guiché dos milagres. O pai trazia-lhe jornais, livros, música e chocolates, despejava as notícias do mundo e desandava:

– Até amanhã, soldadinho, porta-te bem.

Bárbara tinha vontade de lhe retorquir que os soldadinhos de chumbo não têm maneira de se portar mal, mas tinha demasiada pena dele para o ferir com o seu humor amargo de derrotada. Marta passara a espaçar muitíssimo as suas visitas, desde o dia em que se candidatara à colecção de mini-saias da irmã e Bárbara lhe replicara que ao menos podia ter tido a gentileza de esperar que os músculos das suas pernas acabassem de encolher. Os colegas da televisão apareceram em bandos nos primeiros dias, para contarem a tragédia em primeira mão, mas foram desaparecendo, à medida que os meses passavam. A imobilidade de Bárbara parecia volatilizar os corpos à sua volta. Domingos recordava-lhe que, por outro lado, apareciam também pessoas com as quais Bárbara tivera pouco contacto e que agora vinham dizer-lhe que estavam disponíveis para tudo o que precisasse. Mas Bárbara não queria ter necessidade de ninguém. Nunca soubera receber, acomodara-se à vaidade formigueira da doação. Quando alguém lhe declinava uma oferta o seu amor-próprio dava cambalhotas de raiva. Que André a tivesse abandonado sem sequer olhar para a sua cara era uma humilhação tão dolorosa como aquela cadeira de rodas. Queria ter sido ela a repudiá-lo, na presença daquele

enfermeiro atlético que a tratava por raio de sol. A psicóloga dizia-lhe que pusesse a raiva no papel, que o insultasse por escrito até ficar esvaziada daquilo a que chamava «bloqueios aos sentimentos positivos».

– Vá para o caralho com o seu carregamento de sentimentos positivos. E que lhe faça bom proveito.

respondia ela à psicóloga. A psicóloga mantinha uma bonomia de aço.

– Não sou a primeira entrevadinha a mandá-la para o caralho, pois não? Porra, aqui nem se consegue ser original.

Bárbara nunca fora mulher de praguejar, a não ser em momentos muito especiais. Parecia que nascera com um manual de boas maneiras acoplado. Qualquer que fosse a tecla em que se lhe carregasse, saía sempre a palavra diplomaticamente correcta. Domingos admirava-lhe esta qualidade, mas sentia que gostaria mais dela se Bárbara fosse capaz de soltar um palavrão de vez em quando. O acidente trouxe Bárbara para o mundo dos imperfeitos, e Domingos sentia-se agora, pela primeira vez, seu íntimo. Começou a contar-lhe a história das grandes paixões da sua vida. Alongava-se em cada episódio, com um estendal gráfico de pormenores que deixava Bárbara de boca aberta, como uma criança diante de uma história de bruxedos.

– Jura!

Domingos jurava e acrescentava. Já não sabia se inventava ou recordava, mas afinal só os que vivem agarrados ao corrimão da vida não a inventam. Contou-lhe como tinha sido apanhado a concretizar a fantasia erótica de um jovem, que consistia em ser sodomizado enquanto passava a roupa a ferro, envergando apenas um avental de folhos. Pensou que valia a pena prescindir dos tesouros embaraçosos da sua intimidade para ressuscitar o arco-íris que cintilava em cada gargalhada de Bárbara. Três meses inteiros a ouvi-la chorar, minuto
a minuto, segundo a segundo. Bárbara uivou consecutivamente durante três

meses. Uivava alto como um cão abandonado, não respondia a perguntas nem a carícias. Agarrava a mão de Domingos e uivava. Não se atrevia
a perguntar, nem a si mesma:

– porquê eu?

Tinha pudor. E sabia perfeitamente porquê ela. Como a mãe tantas vezes lhe dissera, vivia na lua. Tropeçava nos astros, desastrada. Vivia na lua a um ritmo supersónico de boneco animado. Aquela desgraça acontecera-lhe porque queria ser a mais eficiente e produtiva das bonecas da terra. Fazia uma coisa a pensar noutra. Estava quase sempre a pensar noutra coisa. Vivia em voo. Não suportava a ideia de permanecer para sempre assim, em terra, aterrada. Não suportava a ideia de se matar – sobrava-lhe sempre uma maldita esperança, e a mão de Domingos. Um dia acordou a praguejar. Domingos olhou para Bárbara, aliviado; a amiga estava salva. Praguejou com ela vertiginosamente: de mãos dadas, insultaram o mundo e escarneceram de todos os seus habitantes conhecidos.

A partir desse instante, tornou-se obcecada em aprender tudo, em pôr a funcionar todos os músculos que lhe sobravam para se tornar de novo autónoma. Só Domingos permanecia ao seu lado; acordava iluminada pelo seu sorriso e adormecia agarrada à mão dele.

– Estás com olheiras, amigo. Não podes ficar aqui tanto tempo. Quase nem dormes. Qualquer dia o Henrique tem um ataque de ciúmes e vem cá esfaquear-me.

– O Henrique já está habituado a ter ciúmes de ti. Anda cheio de trabalho, lá no infantário, com a preparação da festa de fim de ano das criancinhas. Manda-te beijos.

– E tu, não tens nada que fazer? Trocaste a música das tuas pautas pelo choro da tua amiga paralítica?

– É, sou um masoquista incorrigível, já sabes.

Amamos as crianças como reservatórios de alegria, a alegria que trocamos pelos cromos cínicos da idade adulta. Uma conspiração a cada esquina – Bárbara não queria viver assim. Ter-lhe acontecido uma coisa terrível significava que, a partir daqui, já nada lhe podia acontecer de pior. Claro que isto não era verdade. As coisas podiam sempre piorar, como os amigos ternamente lhe recordavam, pensando animá-la. Explicavam-lhe que podia ter ficado tetraplégica. Ou cega. Com os fusíveis do cérebro avariados. Morta. Contavam-lhe histórias de outras desgraças, supostamente mais tonitruantes do que a sua. Tinham pena dela e ao mesmo tempo não queriam que ela tivesse pena dela. Os rapazes lançavam-lhe piropos que nunca se teriam lembrado de lançar quando ela era uma mulher terrivelmente bonita. Bárbara lembrava-se de como a telefonista gorda se derretia toda quando lhe diziam que tinha os olhos bonitos. Quando não se pode dizer mais nada de uma mulher gabam-se-lhe os olhos – de qualquer forma, nenhum par de olhos é igual ao outro.

– Menina de olhos bonitos, faz-me a ligação ao Sindicato dos Maquinistas?

Enlevada, a mulher passava a chamada do estagiário untuoso à frente da do chefe rabugento. A outra coisa que resultava sempre era dizerem-lhe:

– Está muito mais magra!

PEDRO

As mulheres e a obsessão pela magreza. Que farei a esta Bárbara paralítica que me foi deixada como herança? Levanta-te e anda? Algum Júlio com um neurónio activo ficaria com ela? Ir para a cama com ela, qualquer homem iria – eu gostaria de ir. Que sei eu de cama? Tudo o que a imaginação e a pornografia me permitem – e é muito. A verdade é que não existem muitas mulheres com quem eu tenha mesmo vontade de ir para a cama. O meu amor pelas heroínas do cinema, ou pelas musas dos pintores, não passa por aí. Não entendo a rendição imediata que Afonso ou Guilherme manifestam diante de qualquer fulana com mamas que se vejam. Parece-me uma coisa ligeiramente boçal, de tão genérica. Mas as inválidas sempre me excitaram. A experiência directa da diferença. A gratidão nos olhos de uma mulher. A garantia de ser homem. Um bom homem. Mas ficar uma vida inteira com ela? A minha mãe atirou-me o manuscrito à cara:

– Que ordinarice é esta? De onde é que copiaste isto?

– Mãe, voltaste a espiolhar as minhas coisas?

– Esse caderno estava caído no chão, ao lado da tua secretária. E não são as tuas coisas, porque um filho meu não seria capaz de escrever uma pouca-vergonha como esta. Parece a tua letra. Mas não posso acreditar que isto seja teu.

AFONSO

Existe entre os homens uma categoria de amor definitivamente puro, incontaminável pelas ondas hipnóticas do desejo, sobrevivente a toda a espécie de fraqueza e pusilanimidade. Estamos sós num universo agreste, e temos consciência da brutalidade dessa solidão. Fomos, desde sempre, educados para a autonomia, o desempenho e, em caso de necessidade, para o heroísmo. Aprendemos desde crianças a resistir à mágoa dos pormenores. Não nos iludimos, nem crescemos na esperança das ocasiões felizes. Fomos treinados para transformar os desgostos em acasos, e para os sufocar na rotina do trabalho. Não exigimos aos outros um comportamento ético exemplar; guardamos as forças da exemplaridade para as grandes guerras, os momentos de catástrofe, se os houver. Quantas vezes Guilherme me falhou? Quantas vezes Filipe traiu Augusto? Quantas vezes Pedro nos decepcionou?

No entanto, permanecemos amigos, sabemos que podemos contar uns com os outros para o resto da vida, por mais que a preguiça, a cobardia, a luxúria, a ambição, a insegurança ou um misto de todas estas misérias humanas procure separar-nos.

Enquanto Augusto fala da crise na indústria discográfica, penso na deliciosa submissão da Ana Lúcia. No modo como a sua voz se transfigura quando geme:

– Sim, meu senhor, eu mereço esses açoites, tudo o que o senhor quiser.

Diz-me coisas semelhantes por escrito, nas brincadeiras eróticas a que de vez em quando, muito de vez em quando, nos dedicamos através da Internet. Mas a voz,
a pele, o cheiro, não consigo desistir deles. Ainda assim, excelsa invenção, a Internet: Joana a perguntar-me, no tom agastado que é a sua marca, se eu fiz as compras do supermercado, e eu a abanar a cabeça que sim, enquanto

ordenava silenciosamente à Ana Lúcia que se ajoelhasse, e me chupasse o pau até ao fim. Ao contrário de Joana, Ana Lúcia obedece, no mundo da intimidade, virtual ou real. Aparece nas capas da imprensa económica como a supermulher dos negócios, em títulos que são vénias à sua capacidade de liderança: «Não se metam com ela!», «Uma mulher de aço e ouro», «Ela é quem mais ordena», e depois na cama é isto: de joelhos, de gatas, a levar açoites – coisa leve, que eu não sou nenhum brutamontes – e a pedir mais. Sem o caudal de desejo da Ana Lúcia eu já não seria exactamente um homem. Entro dentro da Joana e esmoreço. A Joana não me perdoa e vinga-se chamando-me velho, frouxo, incapaz. Fecho os olhos e penso na Ana Lúcia. Assim consigo, de vez em quando, satisfazer a Joana.

Para a Joana, tudo o que eu faço ou não faço é pouco. Uma insegura. Não posso abandoná-la, claro que não. Por um lado, Joana não seria capaz de viver sozinha. Por outro, eu já não saberia viver sem ela. Sempre fui desconfiado, defensivo. Quando casei com a Leonor, avisei-a de que nem tentasse lançar-me a coleira ao pescoço:

– Lealdade, sim, fidelidade não posso prometer.

Era ainda o tempo em que achávamos que podíamos pendurar a alma no cabide e usar o corpo, sem misturas. Leonor concordou com esse princípio, desde que eu o aplicasse também a ela. Acedi, porque nessa época eu acreditava que, ao contrário dos homens, as mulheres eram feitas de uma só peça, não tinham a faculdade de separar o corpo da alma. Não dizíamos alma, dizíamos espírito. Ou cabeça. O coração era uma víscera alienante. O importante era que não mentíssemos. Confundíamos o amor com a exigência da verdade. Estávamos ambos convictos de que, disséssemos o que disséssemos, nenhum de nós seria capaz de sentir desejo por outra pessoa.

Com Joana sucede-me o contrário: tenho gosto em me submeter a ela. Arrepia-me pensar que caí nas suas mãos. Mas penso pouco. Para pensar ainda menos, entrei num jogo erótico com Ana Lúcia. O que mantém os casamentos é o soro da hipocrisia. Joana não acredita muito em si mesma. Porém, eu acredito nela. Tem a força viril de pôr sempre a sua vontade e os seus interesses à frente de tudo. Os seus interesses resumem-se ao desfrute das

comodidades da existência: televisão, cinema, música *rock*, preguiça, jogos de computador. Odeia teatro, música clássica, ópera. Não gosta de ler. Sofro do mal contrário: li demasiados livros. Agora cinjo-me a ensaios e biografias. Busco páginas que me desassosseguem, que me obriguem a fazer perguntas que ainda não fiz, que me engatem e me levem à perdição. Sei onde encontrá-las em certas fábulas-ensaio (o bife do lombo disso a que se chama romance) e em alguns poemas. Mas estou cada vez mais cansado das palavras e das estruturas repetidas. Só devem ler-se as coisas essenciais, mas para as encontrar temos de percorrer quilómetros de páginas acessórias.

No princípio procurei arranjar-lhe trabalho. Rapidamente desisti: ela criticava tudo e todos, alegava que não estava disposta a participar da balda geral. A verdade é que a Joana não quer trabalhar. Há nessa atitude qualquer coisa de arcaico e genuíno que me atrai. Poderia aprofundar as causas dessa atracção. Não estou interessado. Gosto. A Joana é enervante, deprimente, castradora, egocêntrica. Mas eu gosto. Nesta época em que os discursos sobre as coisas as substituem, na era das metalinguagens, dos metassentimentos e das metaexperiências, a primeira, e imensa, qualidade da Joana é a de existir como um ser-em-acto compacto. Mexe-me com o fígado e com o cérebro e com o coração e com os ossos. Sacode-me as entranhas. Uma experiência em primeiro grau.

– Acho que a Joana não te faz bem. É uma miúda. No sentido mais primário da palavra. – Augusto, sempre artilhado de Leal Conselheiro.

Primário, seja. Joana é infantil. Sei que não quero ter de amadurecer nem mais um milímetro. Já me basta a maturidade excessiva do corpo: os cabelos cada vez mais ralos, os pêlos brancos, as pregas, o peso. Augusto gosta de dizer às mulheres que um homem com mais de quarenta anos sem barriga e com os músculos todos no lugar é, de certeza, um homossexual. Uma vez, a Joana disse-me: «Estás tão largo que já nem te consigo abraçar. Tens de ter cuidado, estás a ficar velho e mole.» Habitua-te, respondeu-lhe o meu cérebro, enquanto a minha boca lhe respondia, sorrindo: «Há coisas piores.» Oh se há. Este apêndice abaixo do umbigo, que já mal consigo ver, e que já tem dificuldades em ficar duro dentro dela.

– Como é que tu podes ter escolhido uma gaja tão insignificante, depois de teres vivido com algumas das melhores mulheres do país? Como é que me trocaste por essa pífia?

Isto era a Margarida, há uns anos. A eterna rivalidade das mulheres. E ainda palram sobre a tragédia da competição masculina. Estou tão cansado disso. Joana não tem qualquer espécie de competição com ninguém, nem consigo mesma: é capaz de andar uma semana seguida com a mesma *T-shirt* velha, não usa cremes para a celulite nem quer ser a melhor dona de casa, a melhor profissional e a mulher mais bonita e espirituosa, tudo ao mesmo tempo. Sobretudo, tem a grande vantagem de não querer ser mãe. Está sempre zangada sem que se perceba com quê, e isso comove-me.

Persuadi-me de que podia ensiná-la a ser feliz. A velha história do Pigmalião. Depois descobri que o desleixo e o mau humor dela não têm cura, nem vontade de a ter. E essa descoberta foi estranhamente reconfortante. Um caso perdido. Uma obrigação a menos. O Porto vencera o jogo, mais uma vez. O meu Porto,
o clube onde o meu pai me inscreveu no próprio dia em que nasci. E a chuva lá fora, gloriosa, chorando por mim, chorando as enxurradas de lágrimas que eu já não sou capaz de chorar. Um alívio.

A morte da Leonor desencadeou em mim o desejo de compreender as mulheres. Somos educados para desistir desta empreitada; no máximo, procuramos baralhá-las, confundi-las. Domá-las. Por volta dos trinta anos desistimos; deve ser isso a maturidade. No meu caso a coisa passou-se ao contrário; o famoso mistério feminino atingiu-me, a pouco e pouco, depois da morte da minha mulher. Chamem-lhe culpa – pouco importa. A condição de viúvo proporcionou-me as condições ideais para essa investigação – as mulheres adoram desafiar mulheres mortas. Sabem coisas do outro mundo. Primeiro refugiei-me na música – a Leonor não levava a sério a minha vontade de compor. Por alguma razão há tão poucas mulheres compositoras; a

música é demasiado fluida para a alma compacta de que elas são feitas. Há na música qualquer coisa de irrealizável que choca com o ímpeto realizador das mulheres. Gostam de canções, porque têm enredo, narrativa, destinatários. Gostam que lhes cantem canções. Leonor namorou um cantor antes de me conhecer e dizia que a minha voz não tinha extensão suficiente. Todavia, gostava que eu lhe cantasse para a adormecer. Forrei de fotografias dela a sala do piano e pus-me a compor. Escrevi inúmeras canções para ela, cantei-as em bares. As outras mulheres gostaram da minha voz rouca e sem extensão. Só a Joana diz que a minha voz não presta. Joana devolve-me sempre à realidade terrena. Há tempos fez-me uma cena de ciúmes. Eu estava no banho, o meu telemóvel apitou com sinal de mensagem, ela foi ver.

– Quem é a Soveral? – perguntou-me, em tom de trovoada.
– O Soveral. Um colega meu. Porquê?
– É *gay*, esse teu colega?
– Acho que não. Nunca lhe perguntei. Porquê isso agora?
– Porque te mandou uma mensagem, e é uma mensagem de gaja.

Precipitei-me para o telemóvel, em pânico, bal-
buciando
– Que disparate, Joana, agora deste em espiar-me?

Ana Lúcia está muito bem industriada acerca
das mensagens de telemóvel. As regras são simples: em princípio, nunca. Em caso de necessidade absoluta, só palavras inócuas. A mensagem dizia: «Espero-te às 18.30. Antes não posso. Dia intratável. Desculpa.»

Fico parado no meio da sala, surpreendido. Porque continuo tão preso à Joana? Porque ela evoca menos um ser humano do que o encontro da neve e da luz na solidão fantástica de uma montanha do Norte. Passamos o tempo à procura de mulheres que se adeqúem aos epítetos que lhes queremos dar, e não consigo esgotar Joana em nenhum epíteto.

– Que mal tem esta mensagem?

– Não sei. Tu me dirás. Só sei que é coisa de gaja. Ai de ti.

A ameaça da Joana quase parece um elogio. Será um elogio?

– Já te disse que o Soveral é um homem.
– Nenhum homem pede desculpa, menos ainda por sms. E «intratável» é palavra de gaja. Explicações extensas são coisas de gaja.
– Está bem, então o Soveral deve ser uma gaja, e eu não sabia. Mas porque é que isso te interessa?
– Interessa-me. Ponto final.

Interessa-me. Isto, sim, é um elogio. Uma aura verde de ciúme. Um presente, raro, da Joana, que é muito ciumenta mas nunca desce à indecência de o admitir. Refugia-se nos jogos de computador. Acaricio-lhe o rosto e digo-lhe:

– Envelheceste.

Brusca, afasta-me a mão. Tenho mais dezoito anos do que ela, sim. Quando se envelhece, há um momento em que paramos de envelhecer. E então podemos dizer a alguém muito mais novo:

– Envelheceste.

Enquanto ossos e dentes enfraquecem, o resto do corpo aproxima-se da pedra. Os canais do sangue. Os nervos, os músculos, as válvulas do coração e até os pulmões vão ficando com depósitos de cálcio e tornam-se duros. O envelhecimento torna-nos mais rijos. É fácil detectar o instante exacto em que a esperança começa a ganhar os vincos do desespero, o ricto áspero do tempo perdido. Joana começa a ser a minha alma gémea. A descobrir as minhas mentiras para lá das camadas de névoa. A ver-me.

– Querias. Conheço-te o suficiente para não me deixar envelhecer.

A medicina pode travar, durante um tempo, este processo. A medicina corre

contra o tempo, como um desportista olímpico. Pode ganhar-lhe minutos, ou anos. Todavia, nunca chegará a conseguir corrigir-nos a vida. Como seria a minha vida corrigida? Se eu não tivesse conhecido a Leonor, teria ido fazer um doutoramento nos Estados Unidos. Deixei-me governar pelas mulheres – pela vaidade de ser amado pelas mulheres. Talvez nunca tivesse chegado a cantar. Talvez tivesse chegado a gravar discos. Pergunto à Joana:

– Alguma vez pensaste em como seria a tua vida corrigida? Se não tivesses apanhado aquele avião onde nos conhecemos? Se te dessem a hipótese de começar de novo, agora, o que farias?

A minha quase alma gémea encolhe os ombros e remexe-se no sofá:

– … E se, em vez de mim, te tivesse calhado como companheira de voo uma assassina em série? E se esse avião onde nos conhecemos tivesse caído? Estás a desviar o assunto. O que é que interessa, isso da vida corrigida? Os teus pensamentos cheiram sempre a bocados de literatura. Escreve sobre isso, se quiseres. Ainda acabas a tirar o mofo num psiquiatra. O que te vale sou eu. Sem mim já não tinhas saúde mental nenhuma.

Deve ser verdade, porque os olhos dela continuam a ter o poder de me anavalhar o corpo. Quem disse que as mulheres são doces? Quem disse que os homens preferem as mulheres doces?

Ana Lúcia enviou-me há dias um conto sobre o desejo. Um jornal de economia pediu-lhe um texto sobre a crise e o desejo, e ela resolveu, nas suas palavras, baratiná-los.

– A crise é uma coisa mental, querido Afonso. Como o desejo, não achas?

Não sabia como lhe responder. Ou antes: não quis dar-lhe a resposta que ela esperava. Seria perigoso. Deixei-a em pousio. Não permitirei que ela avance sobre mim vestida de Leonor. As metamorfoses das mulheres assustam-me.

O DESEJO, LEMBRAS-TE?

Por Ana Lúcia Soveral

Berlim era, nessa época, a cidade do desejo – uma cidade tão bela quanto infame, cortada ao meio por um muro, alto e perigoso como uma mentira. O desejo é atraído pelos muros e pelas mentiras, alimenta-se deles sem querer, porque o desejo não sabe senão desejar. Esbarra num muro, olha para o infinito do céu e transforma a rigidez do cimento numa montanha rochosa a escalar. Da areia das palavras faz ouro puro, escaldante – o desejo não aceita a erosão e o frio do mundo.

Quantas vezes menti a mim mesma para fazer de conta que o meu desejo ardia, de igual forma, no corpo do homem que eu desejava! Não há desejos intransitivos – mas há desejos equivocados, perdidos, extraviados, desejos que nos atravessam sem nos tocarem. Fui desejada sem o saber – soube-o sempre depois – por homens que até poderia ter desejado, se o soubesse antes. Pensava noutras coisas. Os homens vêem o desejo como as mulheres vêem a culpa – como uma coisa com braços e pernas e rosto e olhos, imediata. Um irmão gémeo. Se nos distraímos desse gémeo, o homem distrai-se de nós. Arquiva-nos: indesejante, indesejável. Talvez uma mulher que se sinta indesejável acabe por se tornar indesejante, sim. Eu perdia-me a pensar. Não via nada. Foi por isso que me descobriste e que te apaixonaste por mim – porque eu era alheada. De certa maneira, morava nas nuvens, como tu. Como se também já tivesse morrido – sim, eu tinha morrido já muitas vezes, era isso que tínhamos em comum. O saber da morte, a ciência da ressurreição. Por isso escolhi viver sobre um trapézio – entre o mundo de cima e o mundo de baixo, como se tivesse asas. E depois tu abdicaste das tuas asas e caíste na Terra por amor de mim. Todas as pessoas caem na Terra por amor de alguém – mas, embora a Terra tenha encolhido neste último século, nem sempre encontram esse alguém. Faltam-lhes asas.

A mim, agora, sobram-me as asas. Sobram-me muito, neste momento em que me aproximo da cama onde dormes, da almofada ainda molhada pelas lágrimas que choraste antes de dormir. Um anjo não chora, mas nem por isso é

menos triste. A nossa é uma tristeza seca, excessivamente forrada de penas. Acaricio-te devagar, abro os lençóis e deito-me ao teu lado. Recordo o cheiro do teu corpo – o desejo revela-se no lume dos olhos, mas é no perfume da pele que nos envolve, escorregando da alma, como um abraço invulnerável ao tempo. Só nos teus sonhos podes agora sentir os meus beijos, o sabor do meu corpo – tu sabes que a vida não é mais do que um sonho breve. Não chores, Damiel. Eu existo em ti.

Reconheci-te imediatamente, lembras-te? «O meu homem. Só com ele podia ser solitária e abrir-me. Deixá-lo entrar totalmente em mim, cercá-lo com o labirinto da felicidade partilhada.» Encosto as minhas asas aos teus sonhos. Nos teus sonhos eu continuo a ser a mulher que fui, antes de ser o anjo que tu já não podes voltar a ser. «Aconteceu algo. Continua a acontecer. É inevitável. Era noite e agora é dia. Quem era eu? Eu estava nela e ela em redor de mim.» Continuo em redor de ti, Damiel, continuas dentro de mim, no forro da noite que é agora o nosso dia – a noite em que as cores se diluem e o meu mundo a preto e branco se funde com a cor do teu.

O muro desmoronou-se, Berlim já não se alimenta de mentiras. Como se a força do nosso desejo tivesse libertado a cidade – eu acredito que sim. No entanto, os anjos continuam a deambular pelas ruas da cidade, atraídos pelos fragmentos de solidão que transformam as pessoas em muros.

Eu sei que não devia ter morrido, Damiel. Eu sei que tu pensas que se me tivesse deixado possuir pelo teu desejo não teria morrido – não é verdade, meu amor. Desejei-te provavelmente de mais, e o desejo é mortal. Se não te tivesse desejado tanto não seríamos os dois, agora, eternos.

AFONSO

– Hoje não estás cá, Afonso. Ouviste o que eu te perguntei?

– Não, Pedro, desculpa.

Os homens não se ofendem com o alheamento dos amigos. Não fazem perguntas íntimas. Sabem esperar. Sabem aceitar. Sabem que não se pode estar sempre a acompanhar a realidade. Sabem que há coisas que não são para resolver. Não se propõem resolver-nos os problemas, para depois nos atirarem à cara os problemas que nos resolveram. Não nos culpam.

– Não te parece que três eleições num só ano é demasiada democracia para um país com nove por cento de analfabetos?

– Não sei. Já não confundo eleições com democracia. Nem sei se vou votar. Estou cada vez mais analfabeto, eu também.

Augusto põe o seu fácies mais grave para lembrar que temos a taxa de analfabetismo mais alta da União Europeia. No seu entender, a culpa é do Estado, que não conseguiu tornar a escolaridade obrigatória uma lei efectiva, sobrepondo-se ao arbítrio das famílias. Juntos, o obscurantismo, a resignação e a ignorância criam um caldo cultural que alimenta a vitória da demagogia populista. O que é um perigo, brada Augusto:

– Quem não lê não pode analisar estatísticas nem comparar dados, e fica à mercê da hipnose física e verbal dos prestidigitadores de factos e palavras. As escolhas políticas tornam-se atracções sentimentais.

– Tudo é sentimental. Até tu, grande orador.

– O que tu queres dizer é que eu sou suficientemente macho para ser sentimental quando é preciso.

– Grande tirada, sim senhor. Para benfiquista, não estás mal. Se o teu clube jogasse com a arte com que tu falas, o futebol voltava a ser uma coisa bonita.

– A culpa não é do futebol. O futebol é igual a tudo na vida; quando passa a

reger-se por interesses exteriores à dinâmica do campo, trama-se. É tudo uma questão política. Aquele penálti roubado, é política da mais suja.

– É jogo, camarada. Para jogar é preciso aceitar os erros. Quando uma equipa depende tanto do árbitro, está lixada.

O erro é a melhor definição da humanidade; no mundo animal não existe o erro, apenas a morte. A evolução da ciência fez-se sempre através da tentativa e erro. A beleza do futebol está na coreografia dos passos certos e dos passes errados que conduzem à alegria do golo. A paixão pelo futebol é um encantamento pela realidade em bruto. Seja qual for o resultado, cada jogo é um ensaio aberto, sem as chatices dos romances de que as mulheres gostam, trágico-repetitivos. O futebol é imprevisível e absoluto como a música; nunca se sabe onde acaba, porque nunca acaba – nunca existe a derrota ou a vitória final, o arrepiante «foram felizes para sempre» que faz suspirar as mulheres. Quem quer ser feliz? E, ainda por cima, para sempre? O futebol
é um altar alternado de desgraças e milagres, o campo da injustiça democrática, do poder arbitrário, da sorte inesperada. Uma escola onde se aprende a admirar a beleza dos grandes gestos falhados – o pontapé magnífico que lança a bola ao poste, a dança inebriante subitamente travada pelo corpo de um adversário, o salto do guarda-redes que deixa entrar a bola por um milímetro.

Olho para o ecrã da televisão. Leio, em rodapé,
a notícia da morte da escritora Orlanda Cohen. Conheci-a bem. Foi minha paciente. Cancro do útero. Safou-se. Morreu agora, não sei de quê – se fosse cancro, escreviam no rodapé «doença prolongada». Se fosse suicídio, escreviam «morreu subitamente» ou «de causas ainda não apuradas». Teve um marido; quando a conheci já o tratava apenas por anjo tutelar. Nas entrevistas também falava dele assim: o meu anjo tutelar. Era uma mulher bonita, com os ossos bem desenhados e olhos cor de limão. Sorria, acendia um cigarro,

– Não vai proibir-me de fumar, pois não, doutor?

dizia que a sua vida nada tinha de interessante,
e começava a conversar. Em 1939, dias antes de rebentar a guerra, despedira-se da mãe e do pai e das irmãs e dos amigos da aldeia de Enxergas, no fundo da planície, para vir para Lisboa estudar Direito, e depois endireitar o mundo. As freiras do pensionato onde se instalou começaram por achar estranho que ela saísse, com rapazes e tudo. Tiveram de se habituar à determinação do seu sorriso. Orlanda é que não se conseguia habituar à sofreguidão de chumbar do seu professor de Direito Administrativo. Por isso, no segundo ano, fez as malas e foi para Coimbra. Um dia uma colega apresentou-lhe um novo colega chamado David. Orlanda mal olhou para ele, tão triste estava ainda da morte recente do primeiro namorado. Uma pneumonia, falta de antibióticos, era assim. Em que ano exactamente é que aconteceu aquela história de o porteiro não a deixar entrar na Faculdade, porque ela tinha calor e decidira não vestir meias? Não importa: no dia seguinte, Orlanda entrou, fresquíssima, com as pernas pintadas. Coimbra era gelada para quem vinha de uma aldeia do Sul. Quando veio o frio, decidiu comprar meias de lã grossa, como usavam as varinas. Demorou a perceber porque é que toda a gente olhava tanto para ela. Continuou a fumar, a ir ao café e a sorrir diante do escândalo das pessoas.

Quando, em 1949, Orlanda voltou à aldeia, ia só de visita, licenciada e casada com David Cohen. Certamente já teria escrito aos pais contando que aquele colega ligeiramente mais novo que a convidara para almoçar logo que chegara a Coimbra se tornara grande amigo e, em poucos dias, companheiro imprescindível. Ou talvez não tivesse falado do almoço, Orlanda sempre fora tão independente. Na aldeia tratavam-na por Nana. Continuaram a tratá-la assim quando ela se tornou famosa: Orlanda Cohen, a escritora que quebra todos os tabus. A portuguesa que faz estremecer a língua de Camões sob um vendaval de erotismo. Cada novo livro de Orlanda era apreendido pela censura, três dias depois de publicado. O editor negociava com os censores esses três diazinhos que lhe permitiam esgotar edições e tornaram Orlanda a primeira mulher *best-seller* em Portugal.

Muitos anos mais tarde veio o 25 de Abril, e Orlanda tornou-se então uma figura publicamente celebrada. Ofereciam-lhe viagens, mas David dizia-lhe:

«Desculpa, eu não vou. Pendurado em ti, nunca. Vai tu, porque é que não vais?» Não ia. Já não saberia sair sozinha. Estavam já moldados um no outro como peça única. Ela mudava o mundo. Ele administrava a casa. David cozinhava «divinamente», como ela não se cansava de repetir. E tratava-lhe dos contratos com as editoras, dactilografava-lhe os poemas quantas vezes fosse preciso, a qualquer hora,

(David? Estás acordado? É que eu dormia muito melhor se me passasses agora estas páginas)

preparava-lhe a ceia ou deixava-lhe o pequeno-almoço pronto antes de sair, enfim, essas coisas para as quais ela não tinha jeito. Orlanda escrevia pela noite fora, na escrivaninha-mesa-de-cabeceira, enquanto ele dormia mesmo ali ao lado, tinha o sono bom, ele, ela não, escrevia insonemente. «Como uma condenada», dizia, com um sorriso de menina em formato de lenda.

A princípio trabalhavam os dois fora de casa. David começou pela barra do tribunal, mas cedo temeu que a sua relativa surdez comprometesse o destino dos clientes. Dedicou-se então ao recato do direito comercial. Orlanda nunca gostou de advogar, fez-se jornalista, quase sempre trabalhos precários, durante a ditadura.

Orlanda não se atordoara. Sabia desde o início que seria difícil. Orlanda nunca teve decepções. Manteve-se, na vida real, sempre muito terra-a-terra. O importante era estarem juntos.

– O David foi um companheiro extraordinário,

dizia, sorrindo. Os jornalistas que a entrevistavam escreviam textos alucinados sobre a luminosa energia dos seus olhos.

– O David nunca interferiu numa palavra que fosse, repetia.

Isso era o terreno dela. Ele limitava-se a folhear o prontuário ortográfico, dicionários, gramáticas, coisas que ela lhe pedia para verificar. Orlanda de braço dado com David por Lisboa, cinco quilómetros diários que ele precisava de andar. Orlanda e David conversando sempre. Jamais os amigos com que se encontravam no café os surpreendiam a ler o jornal, ou sequer calados.

Orlanda a quem mãe, pai e marido morreram num espaço de dois anos. Orlanda bonita num vestido branco. Orlanda folheando os originais antigos cuidadosamente dactilografados e encadernados.
Orlanda que gostava muito de conversar com jovens. Orlanda que vivia quase só de chá e torradas, porque sem David não fazia sentido almoçar ou jantar a sério. Orlanda que não suportaria uma outra companhia permanente, depois desse homem que as biografias dela descreviam como «muso exemplar».

– Tire-me lá as entranhas, não faz mal, ninguém vai dar por isso

Orlanda que não mudou um móvel depois da morte de David. Orlanda que ia a concertos ou ao cinema às seis da tarde, a hora que mais lhe custava.

Só nunca respondeu à pergunta central: a inspiração, de onde lhe vem a inspiração, qual é o milagre? – insistiam os jornalistas, sempre que ela ganhava mais um prémio. Orlanda teve a sorte de viver até aos dias da consagração, dos consensos, das homenagens unânimes. Já não precisava do esforço dos livros novos, cada reedição era um frenesim mediático. E a inspiração? – perguntavam eles, de onde vem? Orlanda Cohen explicava pacientemente que a inspiração tinha uma existência demasiado física e concreta para que se pudesse falar dela, «por uma questão de pudor, entende?» – e sorria. Os entrevistadores sorriam-lhe e depois escreviam que o amor de David era ainda o rastilho do sorriso dela, que fora sempre esse homem o princípio e o fim de cada história dela. E não se enganavam. Várias vezes, ao longo da vida, Orlanda quis sair de casa para correr atrás da promessa erótica de uns olhos recém-descobertos. Ou, simplesmente, para se deleitar na solidão de uma pensão à beira-mar.

Apenas uma vez o conseguiu, por poucas horas. David seguiu-a, agarrou-a por um braço e levou-a para casa. Fechou-a à chave no escritório, sem comida nem cigarros, e disse-lhe: «Se queres comer ou fumar, escreve. Não é isso que uma escritora faz? Só te deixo sair quando me mostrares o poema que acabaste de escrever.» De outra vez pô-la durante dois dias a pão e água, porque ela tentara enganá-lo: copiara uma história de um escritor obscuro,

mas o marido percebeu que aquilo não era dela. Depois da morte de David, Orlanda deixou de escrever. Secou-se-lhe a inspiração.

Consegui salvar-lhe a vida. O útero nunca lhe fora necessário. Ofereceu-me um manuscrito.

– Um conto meu. Não é erótico, não se preocupe. É curto. Gostava que o guardasse. Obrigada.

Quanto valerá agora este manuscrito?

MÚSCULO INVOLUNTÁRIO

Um conto de Orlanda Cohen

Para Sara Cohen e para o seu filho David

Em má hora ela falou. Disse que mais valia arrancarem-lhe o coração. Tinham acabado de lhe arrancar o filho dos braços. Neste lugar, tudo se entende à letra. O guarda riu-se, espetou-lhe uma faca no peito. Nevava. Ela caiu, ele ajoelhou-se na neve ao lado dela, rasgou-lhe a carne, puxou-me e atirou-me para o chão. Deixei de ser o coração dela. A neve cobriu-me. Se não nevasse, eu já teria morrido. Ou alguém me teria comido; é esse o destino de qualquer resto de coisa carnal que surja na lama. Duas aurículas, dois ventrículos, envolvidos por uma espécie de túnica que se chama pericárdio. As cavidades internas estão forradas por uma membrana delgada que se chama endocárdio; à zona muscular dá-se o nome de miocárdio. Ela deixou de sofrer. Eu também – esse é o privilégio do cérebro. Ao coração, músculo involuntário, pede-se-lhe apenas que bombeie o sangue. Que estremeça e lute pela vida. Acabou a minha luta. Silêncio. Não sinto. Apenas um rumor de vida; o dos pequenos riachos de sangue que se infiltram na lama e na neve. Os prisioneiros são chamados para cobrir de terra os poços de sangue. Debaixo da terra o sangue pode sobreviver umas horas mais. Talvez um dia nasçam aqui flores cor de sangue, flores grossas, belas e inúteis como corações.

Procuro recordar o ritmo da vida, continuar a vibrar. Não sei porquê – para que há-de bater um coração sem corpo? Para que há-de sobreviver? O domínio das perguntas não é o meu. O cérebro da minha dona estava sempre a fazer perguntas. Era professora de astronomia. Embalava o filho com canções sobre a lua, dizia-lhe que um dia iriam visitá-la. Não era um devaneio romântico. Sara não era desse tipo. Era do género controlador. Quando me sentia agitado, trémulo, a bombear-lhe uma excessiva quantidade de sangue para o rosto ou para o sexo, zangava-se comigo e dava-me ordem para que me controlasse. Era uma excelente criadora de ordens. Queria que o universo tivesse um sentido. Estudava para que o universo se organizasse. Não se

dispersava. Só se apaixonou uma vez. Todas as amigas dela se apaixonavam com frequência. É uma das actividades favoritas das pessoas, em situações de guerra: perder a cabeça e seguir o coração, dizem elas. Na verdade é exactamente o contrário: decidem apaixonar-se para preservar a cabeça e o corpo, para não verem a comida que não têm e as possibilidades da existência que se fecham, como cercas de arame farpado, ao seu redor. As pessoas enganam-se de propósito, para terem a ilusão de que poderiam controlar a vida, se quisessem fazer o esforço de não se enganarem. Desejam aqueles que nunca as desejarão, desdenham o que lhes é dado para obter esse prémio superior,
o sublime prazer da infelicidade conquistada. A Sara, essa interminável brincadeira dos afectos causava-lhe dó. Ou, às vezes, riso. Era fácil viver no peito dela. Uma vida tranquila, apenas agitada pela descoberta de uma nova estrela nessa névoa sem limite a que se chama céu. Sara acabou – eu sou tudo o que dela resta, e por pouco tempo. Um coração sensato a cristalizar sensatamente em gelo, no silêncio do sangue. Não ter ouvidos nem olhos. Nem ossos que se possam quebrar, nem nervos. A minha felicidade é essa.

Duas mesas a um metro de distância uma da outra, suportando uma vara de metal da qual pendia um corpo algemado, de cabeça para baixo, ao qual fustigavam, com tiras de couro, as costas e as solas dos pés. O balouço de Boger, assim chamado em honra do homem da Gestapo que inventou esta económica máquina. Já não sinto os gritos que soltavam os homens e mulheres durante a tortura. Para abafar o barulho convocavam a orquestra. Uma orquestra de prisioneiras, exemplarmente dirigida por Alma Rosé, sobrinha de Gustav Mahler. Ordenavam-lhes que tocassem marchas alegres, com energia, para que o som da música apagasse todos os outros. Sara não sabia tocar nenhum instrumento, e não havia ali trabalho em que uma astrónoma pudesse ser útil. Uma das funções de Sara era lavar o sangue do chão, depois de terminado o interrogatório. Logrou esconder o bebé durante quase um mês. Teve a sorte de chegar num comboio demasiado cheio. Teve a sorte de ter um bebé tranquilo. Teve a sorte de conseguir escondê-lo debaixo de uma manta no fundo do barracão antes
de ser inspeccionada, tatuada e tosquiada. Teve a sorte de ser forte e não estar grávida. Teve a sorte de conseguir enviar o filho mais velho para longe, antes

da chegada dos comboios. Sara gostava de enumerar as sortes que acumulara. Mas o bebé chorava cada vez mais, e era-lhe cada vez mais difícil arranjar um bocadinho de qualquer coisa alcoólica para o calar. As outras mulheres não conseguiam dormir. Alguma terá acabado por a denunciar – a troco de um bocado de pão, talvez. Na melhor das hipóteses.

O frio entra em mim. Congelo devagar. Muito. Devagar. Se ao menos eu pudesse hibernar até que alguém precisasse de um coração e alguém descobrisse o método de transferir corações de uns corpos para os outros. Alguém. Nem que fosse para acordar num corpo de cão. Se os cães sobreviverem a isto. Ou sobre o tampo de uma mesa de escola, com dedos de crianças a mexerem-me, para verem como é composto um coração. Um coração judeu. Duas aurículas, dois ventrículos. Um órgão esponjoso, de cor avermelhada, coberto pelo endotélio, uma capa de células planas que evita a coagulação do sangue. Um coração judeu. Em tudo exactamente igual a qualquer outro coração humano. Abandonado, em excelente estado de conservação, na neve suja de Auschwitz, no último dia do mês de Dezembro de 1944.

AFONSO

O desejo de fazer da vida uma forma de arte espectacular levou a que a italiana Giuseppinna, de 38 anos, que dava pelo nome artístico de Pippa Bacca e era sobrinha do artista conceptual Piero Manzoni, se lançasse pelo mundo, à boleia, vestida de noiva, para depois colar as fotografias desse projecto intitulado *Brides on Tour* numa galeria. A ideia era viajar assim de Milão a Jerusalém, «através dos países tocados pela guerra» – mas, mal chegou a Istambul, finou-se-lhe o projecto e
a vida: foi violada e estrangulada. Ficou a irmã, para dar a explicação póstuma:

– O traje era uma metáfora do encontro com o outro, a união e a busca da parte feminina positiva, da mulher como fonte da vida, estabilidade e sensatez.

Este tipo de frases normalmente acaba em tragédia. Filipe zomba da artista e da sua ingenuidade e eu dou por mim a defendê-la com unhas e dentes. Como se atreve o medíocre Filipe a escarnecer daqueles que morreram a tentar fazer alguma coisa? Falaria assim se não se tratasse de uma mulher? Fico espantado comigo mesmo; a continuar deste modo, tornar-me-ei feminista. Este vício de dar açoites à Ana Lúcia não me está a fazer nada bem. Isso, não o sabe Filipe. Não o sabe ninguém. Os meus encontros com Ana Lúcia são absolutamente secretos. Serão? Ana Lúcia deve falar com as amigas. As mulheres falam. Duvido que conte os pormenores humilhantes. Devo duvidar? As mulheres têm um certo fascínio pela humilhação. Pelo menos a maior parte das mulheres que conheço. Joana não.

Filipe inspira-me piedade. Uma piedade que nunca desenvolvi em relação aos meus doentes. Anuncio-lhes a proximidade da morte com o sentimento de que é a minha própria morte que anuncio. Tenho sempre esse cuidado, embora a minha morte seja invisível. Eles sabem que sou viúvo. As enfermeiras contam-lhes, de uma maneira ou outra. Para que eles não se sintam tão sozinhos. Para que não se revoltem contra mim. Quanto mais pessoas morrem às minhas mãos, mais invulnerável me sinto. Saio do hospital com a sensação

de que tenho a sorte de estar do lado certo. Como se a bata branca me protegesse de alguma coisa. A bata branca de Deus, que se veste de branco e tem barbas brancas mas nunca morre. Nunca quer saber de nada, por isso não morre. Tenho o poder de salvar, o poder de matar. Poderes temporários, irrisórios.

Sou amigo do Filipe desde o liceu, no Porto. Comecei por me abrigar à sua sombra; ele era rezingão e impositivo e eu era triste. Vinha do espaço quente e ilimitado e caíra numa cidade desprovida de céu, enfiada num capacete de nevoeiros húmidos. Filipe vivia em contestação contínua. Era uma máquina crítica em constante laboração. Nada lhe agradava, e essa fúria metódica condizia comigo. Entrou para o curso de arquitectura do Porto quando eu vim para Lisboa estudar medicina. Ao cabo de um ano já se incompatibilizara com todos os professores e com a maioria dos colegas. Tudo era demasiado pequeno para ele. Decidiu então que queria ser artista. Fechou-se em casa a estudar a obra de Roy Lichtenstein e a fazer, com uma década de atraso, pinturas parecidas com as dele. Depois enviou fotografias dos seus trabalhos para todas as galerias de Paris. Quando recebeu uma carta de duas linhas comunicando-lhe que o seu portfólio parecia interessante mas, infelizmente, dada a distância, não seria possível dar um parecer definitivo, Filipe informou-me de que, nas próximas férias, eu tinha de ir com ele a Paris. Magnânimo, acrescentou que eu podia levar a Leonor, com a qual começara a namorar há meses. Nenhum de nós tinha dinheiro. O Filipe declarou que já tratara de tudo: ficaríamos em casa de um primo de um amigo de um amigo dele. Fiquei contente por saber que o Filipe tinha um amigo, que por sua vez tinha, inclusive, outro amigo. Um festival. Era a prova de que afinal havia metamorfoses no mundo. Vastas metamorfoses.

A viagem ficaria muito barata, porque o Filipe fazia questão de ir de camioneta. No comboio, as suas obras de arte teriam de ir longe dele, no vagão das mercadorias – e isso não era uma hipótese. A Leonor protestou:
o comboio ficaria praticamente pelo mesmo preço e seria muitíssimo mais confortável. Tentei persuadi-la de que a arte do Filipe merecia o incómodo. A minha amizade pelo Filipe enterneceu-a. Estava apaixonada por mim. Acreditava que os meus amigos seriam necessariamente encantadores. A viagem, a que nos lançámos em pleno Agosto, veio a demonstrar-se uma

experiência de tortura refinada: a camioneta não tinha ar condicionado e abarrotava de emigrantes carregados de garrafas de vinho, enchidos e queijos fedorentos. Em vez de dois motoristas, como seria obrigatório, apresentou-se apenas um, homem sólido e prazenteiro, que nos explicou que o outro estava de baixa médica, mas que não haveria problema: ele aguentava perfeitamente trinta e tal horas de estrada. O processo que utilizava para se aguentar acordado ao volante, só mais tarde perceberíamos: pôr a música no volume mais alto. O repertório musical da camioneta era constituído por canções da terceira divisão regional da música ligeira portuguesa. Um massacre auditivo. Quando chegámos, esvaídos de sono, e depois
de muitas voltas pelos corredores do metro, à porta parisiense do primo do amigo do amigo, apercebemo-nos de que o dito não estava informado da nossa chegada nem disposto a albergar o trio de desconhecidos alagado em suor que lhe batera à porta. Leonor teve um acesso de produtiva fúria e arrastou-nos para a primeira pensão barata que nos surgiu diante dos olhos, a cinquenta metros do prédio onde fôramos rejeitados, numa travessa do Boulevard de Port-Royal. Filipe bradava que não queria ficar no bairro do malvado primo do amigo do seu agora ex-amigo. Dessa vez, para meu descanso, Leonor venceu. O quarto era desprovido de casa de banho – havia que percorrer um longo e escuro corredor até essa divisão comunitária. Tinha um bidé e um lavatório, ao fundo da cama. Os lençóis pareciam mais ou menos limpos, o que, dada a curta permanência dos clientes nos quartos, era quase um luxo – ou pura sorte. Cansados como estávamos, dormimos como santos, apesar dos grunhidos animalescos que ecoavam dos outros quartos e do constante abrir e fechar de portas. Na manhã seguinte, porém, Filipe protestava que a noite lhe saíra demasiado cara, porque pagara o mesmo que a Leonor e eu por um quarto onde dormira sozinho. Encontrara a solução: uma pousada de juventude que havia perto da Bastilha. Leonor argumentou que essas pousadas se organizavam em camaratas, repartidas por géneros, e que não estava disposta a ir dormir com uma dezena de mulheres que não conhecia de parte alguma. Filipe tinha a certeza de que não era assim: também havia quartos de casal.

Não estava enganado, o meu amigo; apenas não lhe ocorrera que esses quartos fossem poucos, e exigissem marcação prévia. Prometeram-nos um

quarto para a noite seguinte, e encaminharam-nos para as camaratas: Filipe e eu para a dos homens, Leonor para a das mulheres. Apercebemo-nos então de que o preço da dormida se referia apenas ao catre e ao colchão com o seu forro, sem lençol nem cobertor – isso seria pago à parte, peça a peça. Feitas as contas, a dormida na pensão de Port-Royal saía mais cómoda e barata. Além de que, na pensão, cada um entrava e saía quando queria, enquanto que, na juvenil pousada, o toque de recolher soava à uma da madrugada: quem aparecesse cinco minutos mais tarde dormiria na rua. À segunda noite, conseguimos instalar-nos num quarto para três pessoas. Leonor suplicou-me que ficássemos no quarto de casal que vagara entretanto, mas não me pareceu correcto abandonar o Filipe na camarata masculina. Volvidos dois dias, Filipe mudou-se para casa do seu
potencial galerista. Nunca chegou a expor-lhe um único quadro, mas albergou-o, segundo o seu relato, principescamente. Leonor e eu permanecemos no quarto de três camas, porque entretanto já não havia outro. E pagámo-lo na íntegra, sem que Filipe pronunciasse sequer a palavra obrigado. Voltámos para Lisboa sozinhos, ao fim de dez dias, na tenebrosa camioneta que já pagáramos, porque o bilhete de ida e volta saía mais barato. Filipe esticou a hospitalidade do seu potencial galerista até aos limites do impossível, e regressou à pátria em meados de Setembro.

– Nunca mais me convides para sair com esse sacana. Nunca mais, ouviste?

A minha relação com Filipe tornou-se clandestina. Quando a Leonor morreu, Filipe telefonou-me. Não se limitou a dar-me os pêsames. Pediu-me um emprego. Uma coisa qualquer, dizia. Quase acreditei que estava humilde. Pensei que o desespero lhe ensinara a humildade. Mas Filipe nunca se deixa abater.

– Uma coisa qualquer, enfim, mas com dignidade. Um lugar de gestão

numa empresa qualquer. Já deves ter livrado da morte um monte de gajos ricos, não? Aí na Mouraria o que mais deve haver é gajos ricos que não sabem gerir porra nenhuma.

Lisboa, para o Filipe, é a terra dos mouros – um lugar de poesia, complacência e boa vida. Falei com Augusto, que lhe arranjou um lugar na discográfica. Pouco tempo depois, Filipe estava a apresentar à administração um plano de reestruturação da promoção discográfica, zurzindo na inépcia de Augusto. Não foi capaz de compreender o desagrado profundo com que o administrador, amigo de Augusto desde os tempos de África e da resistência à ditadura, recebeu aquela proposta. Sentiu-se injustiçado: trabalho é trabalho, dizia.

– E a gratidão?
– A gratidão é um vício mafioso,

contrapôs Filipe, enxofrado e ofendido. Lisboa ostracizava-o porque ele era do Porto. De nada adiantou explicar-lhe que eu também era do Porto, e nunca me sentira ostracizado em Lisboa. Retorquiu que eu tinha sorte. Que eu fora sempre mimado, ao passo que ele vivia numa batalha sem tréguas. Jamais lhe ocorreria pensar, e muito menos afirmar, que a minha carreira resultava do meu empenhamento e da qualidade do meu trabalho. Filipe não consegue ver qualidade em ninguém, para lá de si e da sua mulher. Casou cedo, com uma aspirante a artista plástica que, na vida real, era professora de Trabalhos Manuais. Quando eu a apresentava deste modo, Filipe corrigia-me de imediato: professora de Educação Visual e Tecnológica. Tal como ele, Benedita era um talento injustiçado. Portugal era demasiado pequeno para aquele par de talentos em botão. O país sonegava-lhes todas as oportunidades. Exauria-os.

As diligências de Augusto junto da administração da empresa para evitar que Filipe fosse despedido não foram bem-sucedidas. Filipe manifestou desconfiança em relação às tentativas de socorro realizadas

por Augusto, que acabou por lhe dizer, consternado, que talvez fosse melhor não misturarem mais o trabalho com a relação pessoal. Filipe guarda sempre a prerrogativa da última palavra, salvaguardando assim, no seu entender, a vitória pelo atrevimento.

– O teu problema, Augusto, é precisamente esse. Misturas tudo.

Augusto usou da sua sabedoria e fez de conta que não o ouviu. Um desenhador que fazia capas para a discográfica e que tinha conhecimentos nos meios de comunicação social conseguiu que encomendassem ao Filipe umas ilustrações para um jornal em remodelação, que procurava «novos olhares». Filipe protestou com o pouco tempo que lhe era dado e com o exíguo pagamento dos seus desenhos, atrasou a entrega do trabalho e levou o editor até às margens da exasperação. Tudo isso seria irrelevante; aos artistas admitem-se estados de alma turbulentos e reacções de arrogância defensiva. Filipe considerava que o mau génio era uma característica fundamental do espírito criador, e nessa consideração estava muito bem acompanhado pelas ideias do seu tempo. Há todavia limites para a exposição dos abismos do espírito, e Filipe carecia de sensibilidade para intuir esses limites. Na festa de apresentação da nova imagem do jornal, o editor decidiu chamá-lo ao palco, pedindo um aplauso para aquela
sua recém-descoberta promessa da ilustração. Filipe subiu ao estrado já de mau humor; só quem não o conhecesse poderia pensar que ele apreciaria tais gestos de paternalismo magnânimo em relação à sua pessoa. Podem identificar-se inúmeras máculas no Filipe, mas o rosto de garoto – os olhos redondos, o nariz largo e a boca polpuda, a franja castanha tombando-lhe sobre as sobrancelhas espessas, a pele rosada – não é culpa dele. Ter apenas um metro e sessenta e sete de altura também contribuiu para a sua aparência de eterno rapaz, e terá certamente influenciado a sua pose arrogante e a sua consciência de perseguido. Filipe subiu ao estrado, e em vez de agradecer a distinção desancou a falta de profissionalismo do jornal, destacou a má paginação e a péssima impressão das suas obras, e afirmou esperar que, da próxima vez, as coisas corressem melhor. Para seu espanto, não houve próxima vez. Para Filipe, essa foi a prova reiterada do seu azar, e de que o país

não o merecia.

Não consigo deixar de estar ao lado de Filipe. Perdoo-lhe tudo, com a convicção íntima de que o perdão é o maior desprezo que se pode oferecer a alguém. Há um prazer obscuro nesta arrogância de parecer bom, de castigar com o perdão as falhas dos outros. É isso o que Jacinto faz comigo: eu sou o Filipe do Jacinto, a sua confirmação de superioridade. Recusei-me a defendê-lo em tribunal. Faltei à festa dos seus cinquenta anos. Inventei uma doença e depois alguém lhe disse que me tinha visto, nessa mesma noite, num bar. Sina de país pequeno; até as mentiras são curtas, por falta de ar.

Filipe afigura-se-me uma peça de barro toscamente trabalhada e mal cozida, a estalar por todos os cantos. Sinto uma espécie de ternura pelos seus acabamentos deficientes, pelas suas potencialidades e pelo modo como ele investe contra elas. Quase admiro as suas bravatas. Não se encontra hoje ser algum capaz de realçar o mal e acentuar os podres de todas as coisas com um desprendimento radical, indiferente aos seus próprios interesses. Filipe é um interesseiro incapaz de identificar os seus próprios interesses. Um falhado que persiste na falha. Um miúdo imune à introspecção. Numa sociedade marcada pela estratégia e pela doença da análise e do sentido, Filipe apresenta-se como uma figura refrescante. O louco da aldeia que confirma a sanidade mental dos outros.

Sobrevive agora de migalhas. Guilherme arranja-lhe de vez em quando uns grafismos de folhetos de propaganda, tendo o cuidado de não o pôr em contacto com qualquer ser humano na farmacêutica. Mudou-se, com a sua musa Benedita, para casa dos tios. Repete que, se tivesse um ateliê, poderia transformar-se no grande artista que pensa ser. Não sei se Benedita continua a receber estas declarações com o olhar embevecido dos primeiros anos. Um dia Benedita telefonou-me dizendo que sentia um caroço no peito e pedindo que eu a recebesse na consulta. Marquei-lhe uma mamografia, que apareceu limpa –

mas Benedita insistia em que eu a observasse pessoalmente, para ficar descansada. Rogou-me que não dissesse nada ao Filipe, para não o preocupar. Os seus modos não eram os de uma mulher assustada, mas os de

uma provocadora. Não consigo chamar-lhe sedutora, porque nunca descortinei um pingo de sensualidade naquela mulher cheia de trejeitos, vestida pelo último grito da moda do ano passado, sempre desfasada e convencida de ter artes para desfazer corações. Durante anos dei-lhe o desconto de ser a namorada,
e depois a mulher, do Filipe. Ser mulher do Filipe não é para qualquer uma. Talvez por isso Filipe goste tanto de sublinhar, impante:

– Não vos percebo. Eu sou um monogâmico obsessivo.

Brindamos. Sempre que Filipe dispara o tiro da sua superioridade sentimental, nós brindamos:

– Longa vida ao único monogâmico obsessivo deste reino e arredores.

É um jogo para todos nós menos para ele, que aceita o brinde como um ritual de consagração. Brinda com coca-cola, porque Filipe não bebe. Também não se verga à superstição que manda que os brindes sejam feitos com bebidas alcoólicas. Não permite que as crendices o toquem. Nem fuma. Não tem nenhum dos vícios em que nós, os deserdados da vontade e do juízo, nos comprazemos. É um homem feliz.

Benedita, todavia, não possui a auto-suficiência do marido. Precisa de seduzir. O que estaria muito bem se a Providência a tivesse abençoado com características sedutoras. Não digo que seja feia; a beleza pode não ser relativa, mas é sobrestimada quando se pretende transferi-la do campo da estética para a brutalidade da vida. O corpo da Benedita é harmonioso, os elementos do rosto, olhados como partes de um desenho, são interessantes. A totalidade movente do conjunto, porém, produz um efeito de imperativa dissonância. Benedita não anda, desenrola-se; não gesticula, demonstra; não fala, sussurra maternalmente verdades absolutas. Um perfeito desastre na conquista, tanto no que se refere à técnica como aos alvos: Benedita deveria ter tido a percepção de que os amigos do Filipe não poderiam ser incluídos no seu território de caça. Filipe tem tão poucos amigos. No dia em que pegou na

minha mão e a colocou sobre os seus seios nus, o meu contacto com ela terminou. Um alívio. Fiquei certo de que ela não sofria da obsessão romântica de que sofre o Filipe. Nem de cancro da mama.

Filipe rejubila nestes jantares mensais. Queixa-se da sociedade e do país. Faz troça de cada um de nós. Exibe-se. Vangloria-se. Precisa disto.

FILIPE

Preciso de quê, Afonso? Poupa-me. Tenho dó de vocês. Acham-se os maiores e são uns tristes. Passam a vida a fazer concessões, a ser diplomáticos, a calar ofensas. Para terem carreiras. Campeões de esquina. Tu não tens voz e cantas e aplaudem-te. Não és uma estrela mas enganas uns tantos. Adaptas-te ao teu tempo, fazes a música que os outros querem ouvir, nas horas vagas do teu ofício de cirurgião. As pessoas mitificam os médicos e os cantores. Como se não fosse apenas uma questão de pauta e de técnica. Com as maquinarias cirúrgicas que hoje existem, e a caterva de assistentes que tu tens, o teu trabalho tornou-se tão simples como pilotar um avião. Tudo automatizado. Desisti de fazer parte desse mundo. Já não há artífices, artistas. Só espertalhaços do conceito, que ganham a massa e mandam fazer as obras aos carpinteiros, ferreiros e pedreiros que ainda existem. Saio destes jantares insatisfeito. Empanturrado e tenso. Falta-te sentido de humor, Afonso. Levas-te a sério. Ficaste espingardado comigo por causa daquele episódio do cemitério. Uma amiga da Benedita viu-te a ler em voz alta sentado numa campa, e eu achei piada. Não me ocorreu que tu, que te proclamas ateu, falasses com almas do outro mundo. A Mariana já morreu há tantos anos. Tu vês tantos moribundos todos os dias. Pensei que já tivesses ultrapassado isso. Sei pouco de ti, desde que te juntaste a essa inacreditável Joana. A Leonor também não era grande fatia. Quase nos estragou aquela sensacional viagem a Paris, lembras-te? Teria sido muito melhor se tivéssemos ido apenas os dois. Nunca tiveste jeito para escolher namoradas. Ou não acertaste. Nessas coisas, quanto mais se escolhe menos se acerta. Eu sempre soube o que queria. A posteridade far-me-á justiça.

PEDRO

A porta da tasca fechou há mais de uma hora. Somos os últimos, os únicos. Cresce a sinfonia da chuva e do vento. Entramos na fase das anedotas em série, para que o riso enxote o sono e possamos ficar juntos por mais algum tempo. As anedotas entram numa espiral pornográfica. São a linguagem cifrada que utilizamos para falarmos de nós sem nos revelarmos. Para nos expormos sem ansiedade nem culpa. Há um pudor na catarse impudica, um pudor anti-sentimental. Somos homens: precisamos da culpa para encontrar a paz. Somos homens: precisamos de exorcizar a culpa para não nos afogarmos nela. Somos homens: ninguém nos ensinou a chorar. Penso no caderno preto molhado que encontrei ao lado do corpo da jornalista brasileira, na noite em que ela caiu à porta do Pavilhão Chinês, em coma alcoólico. Guardei-o discretamente, temendo que fosse um diário comprometedor. Afinal era apenas o manuscrito de Bárbara. Jerusa chamara-lhe Vera, mas eu rebaptizei-a com o nome da Bárbara escrava de Camões. Ou da Barbara Stanwyck, muito parecida com a mulher da cadeira de rodas. Quase ilegível, por causa da chuva. O manuscrito que tenho copiado e reinventado vagarosamente ao longo do último ano. Não sei porquê, nem para quê. Sei que me tranquiliza.

MANUSCRITO DE BÁRBARA

Bárbara regressara à produtora de televisão. O seu grau de exigência e inflexibilidade era agora inversamente proporcional à sua situação física: via o mundo de baixo, sentada, pelo que não admitia que alguém lhe falasse de alto, nem pudesse imaginá-la como uma mulher boazinha. Enjoava meninas piupiu e arrasava qualquer tentativa de olhar complacente. Mandava as pessoas sentarem-se à sua frente, obrigava-as a falarem-lhe olhos nos olhos. Antes do acidente, sujeitava-se à opressão sub-reptícia da maioria constituída pelas pessoas altas: deixava que lhe pusessem o braço sobre os ombros para que a intrujassem com meiguice, passava dias inteiros com o pescoço a apontar para o céu para não perder os discursos alheios, desistia de comprar as suas revistas favoritas por vergonha de pedir que lhas alcançassem, da estante de cima. Habituara-se a ver só metade dos filmes, porque as pessoas altas não gostam das primeiras filas do cinema. Ainda por cima, sempre preferira os homens altos. Era a lei das compensações.

Essa meia vida estava terminada. Implacável, a voz de Bárbara ecoava no estúdio:

– Falas com o cavalo, sim senhora. E é melhor que lhe fales à séria, como se fosse uma pessoa, ouviste? A produção arranjou uma voz do caraças para o bicho. As pessoas adoram bichos, o que é que tu queres? Estão fartas da Humanidade. Se queremos audiências, temos de ter animais – fofinhos ou nojentos, pouco importa. Mas às dez da manhã não podemos ter coisas nojentas, percebes? Nem sexo, nem violência. Só vítimas pobrezinhas e honradas, cantigas de roda e animais domésticos.

Tremendo, a apresentadora explicava que, na infância, o pai a obrigara a montar e ela caíra do cavalo. Tinha seis anos, partira uma perna e fracturara duas costelas. Jurava que, ainda por cima, o cavalo a mordera.

– Fiquei traumatizada. Faço tudo o que tu quiseres, mas um cavalo não. Não pode ser um cão ou gato?

Bárbara retorquiu que não tinha tempo para traumas de infância, e que o episódio da mordedura era falso, porque os cavalos não mordem, nem mesmo lambisgóias inúteis como a sua interlocutora. E que gatos e cães já estavam muito vistos. Além de que eram muito imprevisíveis. Um cavalo traria ao programa outro porte, outra dignidade. O cavalo, concluiu Bárbara,
é um dos animais mais telegénicos que existem. A atarantada apresentadora não conhecia a palavra telegenia, e teve a inocência de o confessar. Bárbara deu três voltas ao estúdio, bufando e praguejando.

– Nem sequer é um cavalo, caraças. É uma égua. Uma égua tenrinha, a bem dizer, virgem. Uma égua sossegadíssima, própria para os programas da manhã. Que mais queres?

Gaguejando, a apresentadora perguntava se as suas respostas à égua iriam estar no teleponto. Alegava que não sabia improvisar, e que ninguém a informara de que não teria texto. Bárbara dirigiu-se a alta velocidade para a porta do estúdio, gritando que precisava que alguém lhe explicasse de onde tinham desencantado aquele emplastro, ao qual já nem a idade poderia desculpar.

– Com quem é que esta dormiu? Como é que querem que eu suba o *share* com estas fedúncias que não sabem nem dizer bom dia a uma égua?

Bárbara rodou até à casa de banho. Estava exausta e não podia deixar que ninguém o soubesse. Sentia que se excedera com a pobre apresentadora, que não era mais burra do que a maior parte das pessoas com quem trabalhava, a começar pelos responsáveis do canal. A rapariga não tinha culpa de ter

aprendido tão pouco e de não ser mais dotada de inteligência. A rapariga não tinha de arcar com o peso violento da sua raiva, a raiva que a beleza dela lhe despertava. Sentia uma onda de vergonha subir-lhe pelo peito e sufocar-lhe a garganta: quem pusera na sua boca aquela pergunta boçal:

– Com quem é que esta dormiu?

Em que espécie animal estava a metamorfosear-se? Num réptil rastejante, parecia-lhe. Um animal de sangue frio, capaz de viver com a cauda cortada. Bárbara não queria ser isso. Ficou sentada na sanita, com a cabeça baixa, a sentir o calor das lágrimas, uma a uma. Repetia o nome de Júlio, não sabia se para encontrar serenidade ou um atalho mais rápido para a autopiedade. Ouviu passos, um par de saltos agulha em ritmo acelerado, toc, toc, toc. Bárbara já não tinha passos – a sua entrada sinalizava-se agora pelo guincho eléctrico das rodas. Pelo menos tinha uma cadeira eléctrica. A imagem da cadeira eléctrica fê-la sorrir: condenada à morte numa cadeira eléctrica. Mas uma condenação a longo prazo: talvez tivesse ainda três décadas de vida naquela cadeira. A dona dos saltos agulha entrara na porta ao lado da sua e falava ao telemóvel. Bárbara escutou.

– Eu sei, porra. É dentro da minha barriga que esta merda está, o que é que achas? Não digo merda? Mas então o que é que tu queres que eu diga? Não era um filho, era uma hipótese de filho. Ou uma hipótese de monstro. Com as coisas que eu tenho metido, o mais certo era sair já viciado e tudo, estás a ver? De qualquer maneira, está morto. É o meu peso morto. Já tomei cinco comprimidos daqueles, e nada. Nada, quer dizer: um mal-estar do caraças. Mas sair, não sai nada. Cinco, pois. Se calhar aquela porcaria já estava fora do prazo. Ou apanhou calor, sei lá. Tanta publicidade a esta coisa dos comprimidos, e afinal… Pois é, eu sei que tenho de resolver isto – mas tenho lá tempo. Até já nos rimos disso – de eu andar com um cadáver escondido. Rimo-nos, pois – achavas melhor chorarmos? Não, a culpa não é do gajo, quem se ri mais sou eu. A ele até lhe dão uns ataques de lirismo, põe-se-me a fazer festas na barriga e a choramingar: «meu querido filho morto, que brutamontes que eu sou.» Sabes, não é na barriga dele, pode ser romântico à

vontade. E dá-lhe gozo ter remorsos. Coisa de gajo.

A voz calou-se, por um minuto. Escutava. Recompunha-se. Procurava lenços de papel. Bárbara ouvia o barulho das chaves a tilintar, o ruído nervoso dos dedos da outra mulher vasculhando o interior da mala. E, de novo, a voz.

– *Também* tu? Estás choné? Sim, sim, muito lindo: eu tinha a criancinha. Imaginemos que tudo corria bem. Saía-me um bebé rosadinho e perfeitinho, e não um *junkie* como nós. Passado um mês ou dois, o gajo punha-se na alheta, e eu ficava literalmente com o menino nos braços. Como o líder lá da banda dele, aquele que é uma estrela da moral e da ética de esquerda, e trocou a mãe do filho por aquela seráfica das novelas. Actriz? Não, porra, actriz sou eu – esta com que ele está agora é uma manequinzeca com boas cunhas. Pois o gajo dá entrevistas a dizer como é que se educam crianças, ouviste? Gaba-se de nunca ter dado uma estalada ao filho. Pudera. Se nunca o vê. Deixou a gaja em Braga com
a família dela e agora arma em jovem pai enamorado, a escrever canções para o puto que entretanto já semeou na tonta das novelas.

Bárbara esperara que a voz daquela mulher, uma das jornalistas da estação, fosse falar dela. Da desgraça dela. Do mau humor dela. Invadia-a uma doce decepção – o mundo girava sem ela. A novidade comportava um elemento de epifania: as outras mulheres atravessavam dramas que já não lhe pertenciam.

– Ouve, essa cena da culpa não dá mesmo. De qualquer forma, agora é tarde de mais. Mas tu achas que eu posso ir fazer o aborto de manhã, estar às três da tarde a rir-me para a fotografia ao lado do gajo, e à noite a rir-me outra vez no jantar dos anos da minha prima? O gajo pediu-me para esperar mais um dia ou dois. Eu também o compreendo, tem a apresentação do disco novo, anda uma pilha de nervos. E parece que a coca já não lhe faz o

mesmo efeito. Diz ele que, dantes, cheirava uma
coisinha de nada e ficava cheio de ideias brilhantes, com um parlapié do caraças. Agora parece que já não dá. De qualquer forma, com este tiroteio de comprimidos, a única coisa que eu sei é que tenho uma coisa morta na barriga. Melhor nem pensar muito nisso. Depois falo-te, agora tenho de ir.

Bárbara saiu da casa de banho com um sentimento de satisfação por não ser a outra mulher. Acabara de decidir aceitar a proposta do director do canal para que realizasse o seu próprio programa de entrevistas. Recusara bruscamente o convite, porque lhe parecera uma esmola. Levara anos a fazer projectos de programas aos quais a direcção nem sequer se dignara responder. Agora queriam exibi-la como uma atracção de circo – uma aleijadinha com bom aspecto. A infeliz que reverteu o destino cruel. A anormal de serviço. Aqueles cinco minutos na casa de banho das senhoras fizeram-na compreender a anormalidade como componente essencial do carácter humano. O acidente dava-lhe a oportunidade de fazer aquilo que sempre quisera fazer. Não interessava se por boas ou más razões. Tudo é matéria de delito, e o cérebro humano um labirinto de cobaias.

AFONSO

Acendo o último cigarro. Um oncologista que fuma, diz a Ana Lúcia, é uma estupidez. Sou homem, não sou obrigado a ter nenhum argumento contra a estupidez. Ela pretende obviamente demonstrar-me que os meus cigarros são um sintoma. As mulheres vêem sintomas em tudo. Por isso são excelentes médicas. Fazem questão de nos arrasar com a sua excelência. Não é uma coisa nova. O mundo é, desde o início, assim. Nós virados para a terra, à procura de pedras de arremesso, elas viradas para o céu, à procura de sentido e de aplauso. Só é nova a visibilidade do contraste. O choque de dois universos que existiram durante milénios sem se tocarem. Os sexos procuravam-se, uniam-se e separavam-se sem que houvesse qualquer contacto autêntico. Esta era a ordem do mundo. Crescei e multiplicai-vos. Sou homem, não preciso de ser perfeito. Não quero a chatice incomensurável da perfeição suprema. Sou médico, sei que o corpo humano é um formidável composto de imperfeições. Lido com essas imperfeições todos os dias, e isso me basta. Não tenho de me afirmar – entendes, Ana Lúcia?

A chuva abrandou com o início da madrugada. A rua cheira ao mofo da roupa húmida. Margarida telefona a Augusto, reclamando, e ele cita Pessoa, em tom dramático

– Se eu casasse com a filha da minha lavadeira/ Talvez fosse feliz.

Pedro recorda que Pessoa nem tinha lavadeira, nem manifestara qualquer interesse pelo casamento. Elementos que o confirmam como homem de génio. Augusto contesta; entende que o génio de Pessoa consistiu na experiência virtual absoluta dos sentimentos de qualquer homem.

– Ele sabia aquilo que eu viria a sentir, conhecia os meus desejos antes mesmo de eu nascer.

Filipe diz que não é preciso ser-se um génio para conhecer os desejos de Augusto. Augusto não se dá ao trabalho de responder. Cantarola um fado:

– Se uma gaivota viesse/ trazer-me o céu de Lisboa/ no desenho que fizesse,

e eu acompanho-o. O Filipe muda de alvo. Não bebe, pelo que nunca chega a afogar os sarcasmos.

– Até à próxima, doutorzinho. Não cantas mal, mas não te sabia fadista. Confessa: tu és do Futebol Clube do Porto porque te sentes culpado da tua paixão por Lisboa. É mesmo a única paixão a que és capaz de ser fiel.

– Sim, Filipinho. É isso aliado a um outro factor: não gosto de clubes que perdem.

O Filipe fez-se benfiquista assim que desembarcou em Lisboa. Benfiquista teórico, como no Porto era dragão imaginário; nunca lhe ocorreria pagar quotas de coisa nenhuma. Uma vez tirou-me da lapela o autocolante da Liga Portuguesa contra o Cancro, e colou-o na dele. Para não ser incomodado, explicou-me. O pai dele, mesmo nos anos em que morou no Porto, manteve a doidice pelo Benfica. Quando o estádio velho foi destruído para que se construísse o novo, arrancou a sua cadeira de sócio e trouxe-a para casa. Põe a cadeira de plástico em cima do sofá, em frente à televisão, e é assim que assiste aos jogos. Para dar sorte. Talvez um dia resulte.

A noite serenou. Jactos de luz descem agora do céu, como se a Lua se dedicasse a reconhecer e identificar pedaços desgarrados da cidade. O temperamento de Lisboa adapta-se ao espírito de comunhão como ao eco da misantropia. Os meus velhos amigos suspiram. Preparam-se para regressar aos respectivos lares.

– Queres ir já para casa? – pergunta-me Pedro. – Apetece-me dar uma volta. Comi de mais.

Despedimo-nos dos outros e começamos a caminhar, sem destino. Enfiamo-nos pelas ruas estreitas do Bairro Alto, estranhamente deserto nesta madrugada. Não há jovens bebendo nas ruas que prolongam os bares. A chuva enxotou a clientela. Um fio de música escorre de uma porta entreaberta. Não tenho vontade de voltar para casa. Deambulamos em silêncio pela noite íngreme, como se, fazendo subir o corpo, pudéssemos erguer a alma até um

lugar onde a dor fosse visível. Curável. O contacto diário com a morte anestesia-me. Gostava de saber sentir como sei pensar. Desembrulhar-me dos pensamentos em que me sinto mumificar. Libertar-me do tédio que cresce em mim como uma doença crónica, vagamente letal.

– Vê-se logo que a Ema Bovary é uma criação masculina. Nenhuma mulher experimenta aquele grau de tédio, garanto-te. Flaubert disse a verdade com a célebre frase «Madame Bovary c'est moi». Claro que era ele; um homem a brincar às mulherzinhas. O senhor Bovary era mau na cama, essa é que é a verdade. Naquele tempo, escritor algum admitiria que uma mulher tivesse apetite sexual. Nem hoje, a bem dizer. As mulheres têm muito mais desejo do que os homens. É isso o que vos trama. Não aguentam.

Discursos da Ana Lúcia, em combate permanente. Lança-se nos meus braços com um fogo-de-artifício de escárnio, para se proteger. Às vezes chamo-lhe bruta, insensível, violenta. Tenho consciência da crueldade destas palavras, que uso, também eu, para me defender.

– Se eu fosse bruta e insensível e violenta tu tinhas escolhido viver comigo

disse-me ela, de rajada, um dia. Saiu-lhe. Eu não a escolhi. Nunca escolheria uma mulher que é dona e senhora das suas próprias escolhas. Costumo recordar-lhe que foi ela quem tomou a iniciativa de me seduzir. Os seus fantásticos olhos verdes alisam-se em melancolia, tornando-se ainda mais bonitos. Não resisto a provocar-lhe essa tristeza que é uma declaração de amor. Sinto-a fechar-se como uma adolescente destroçada e então tomo-a nos braços, acaricio-a e entro dentro dela com uma paixão urgente, vertiginosa, profunda. Ela sussurra-me que é só minha, toda minha, que faça dela o que quiser, e eu sei que é verdade. Porque me prefere, esta mulher poderosa que faz fantasiar tantos homens? Porque me é tão fiel, há tantos anos? E por que razão não consigo largá-la nem escolhê-la? Numa dessas noites de especial desvario perguntou-me o que sentia eu por ela. Disse-lhe

– Gosto muito de ti. E gosto muitíssimo do teu corpo.

– Corpos há muitos – respondeu-me ela. – Põe-te na rua. Já.

Saí. De qualquer forma estava na minha hora. Disse-lhe:

– Quando te passar o mau humor, avisa. Manda-me um *email*.

– Não, mando um sms. À tua mulher, já que a ti, estou proibida.

– Não sejas cabra, Ana Lúcia.

– Não sou cabra, Afonso, sabes muito bem. Sou só a tua puta de luxo. Ou melhor: a tua puta barata. Nem um jantar te custo, já viste? É só foder e andar. Pira-te.

Encontrei-a cerca de um mês depois, num desses colóquios transversais e pós-modernos da Casa de Serralves. Estava-nos destinada a mesma mesa de conferências: um padre falava sobre a beleza da alma, eu falava sobre a beleza da medicina, ela sobre a beleza da economia. Eu disse umas baboseiras sobre a beleza extremista da medicina numa época dominada pela mediania e pelo consenso. Falei da alegria de devolver às pessoas a noção harmoniosa (porque simultaneamente trágica e feliz) da temporalidade, que a nossa era suprimiu, sobrepondo-lhe a noção de espaço.

A Ana Lúcia evocou o conceito de «ordem espontânea» de Friedrich Hayek e associou-o à literatura e à língua. Tal como a economia dominada por um planeamento central acabava em pobreza e escravatura, dizia ela,

a predefinição da beleza significa a sua morte.

– Uma língua nunca se fixa num ponto de equilíbrio. O verbo irregular é o sangue da língua. A criação das línguas é um exemplo claro da capacidade criativa do ser humano, e da sua aptidão para construir algo em conjunto sem planeamento prévio ou supervisão de especialistas. Nós temos a obsessão da ordem e pavor do caos, mas o caos faz parte da beleza, o caos é o nosso destino. Temos de inventar uma ordem que permita a respiração do caos.

O biólogo incumbido da beleza da ciência atracou-se a ela como um lobo com cio e a Ana Lúcia deixou-se levar, ignorando-me ostensivamente. Não preguei olho naquela noite: passara meses a planear essa ida ao Porto, mexera os cordelinhos para ser convidado – eu, que odeio palestras – só pela alegria de passar uma noite inteira com a Ana Lúcia, acordar ao seu lado, tomarmos o pequeno-almoço juntos

e fazermos amor de manhã. Passei a noite a imaginar aquele corpo sumptuoso a ser devorado pelo barbudo do biólogo, num outro quarto do mesmo hotel. Quase enlouqueci de ciúmes. Ora eu não podia admitir a entrada desse sentimento mesquinho na minha vida. Não tinha tempo para isso. Decidi apagar a Ana Lúcia definitivamente da minha cabeça. Escrevi essa decisão na

minha agenda. Aquilo que registo, entendo, assimilo e cumpro.

Julgava eu. Dois meses depois encontrámo-nos no enterro de uma das heroínas da Ana Lúcia, uma deputada activista e corajosa, estupidamente morta por uma gravidez ectópica, aos 37 anos. Conhecia-a mal, de jantares de beneficência, coisas assim, mas gostava de a ouvir falar, apreciava-lhe a frontalidade e a independência, que aliás causaram muitos problemas à sua carreira política. Fui ao enterro dela porque quis homenageá-la. E abraçar a Ana Lúcia, sim, se fosse possível – antes que também ela desaparecesse, e eu ficasse a sós com a nossa zanga, com a carga dessas palavras cortantes em que nos mutilávamos. Ana Lúcia desabou em lágrimas nos meus braços, mal me viu à porta do cemitério.

Quis consolá-la, mas dessa vez ela não queria conversar.

– Abraça-me. Preciso mesmo que me abraces, só isso. Não te peço mais nada.

Nunca mais nos zangámos. Em certas despedidas vejo o brilho das lágrimas nos olhos dela. Então digo uma graça e ela solta uma gargalhada que me soa a soluço, mas fica tudo bem.

Se eu fosse mulher, seria igual à Ana Lúcia. A minha história com ela é quase incestuosa, e ela sabe-o. Como irmãos, passámos anos às arranhadelas um ao outro, por excesso de proximidade. Invejo-lhe a transparência das fúrias e dos êxtases, a variedade e a força dos deslumbramentos. Talvez o tédio seja um dos castigos da masculinidade, sim. As mulheres resistiam ao velho tédio do século xix como resistem às neuroses do século xxi. Ambos são sintomas de um conforto que ainda não as contagiou. Preciso das mulheres para me libertar desse mal-estar difuso que tem vindo a agravar-se em mim com a idade. As mulheres têm a agilidade de mudar de alma como mudam de vestido. As mulheres podem vestir-se como quiserem. Agarram-se à moda como os homens se agarram às bandeiras. São mais espertas. As bandeiras nunca dão independência aos homens que as defendem, as bandeiras enterram os homens. O mundo está carregado de cemitérios feitos do amor às bandeiras. No miradouro de São Pedro de Alcântara, com a Lisboa pombalina adormecida a meus pés, acabo

de descobrir que o individualismo foi inventado pelas mulheres. Tenho de patentear esta descoberta, que anuncio a Pedro.

PEDRO

Entramos no Pavilhão Chinês para celebrar a ideia esdrúxula que acudiu ao Afonso. Entro acompanhado pelo fantasma de Jerusa. A jornalista brasileira. Evito o nome dela. Retalha-me um nervo qualquer. Nem sequer posso beber para apreciar um pedaço de dor. O álcool ajuda ao gozo de sofrer. Sentamo-nos na mesa de Jerusa. As vozes de Maria Bethânia e Chico Buarque cantam *Sem Fantasia*. Jerusa dizia que as paixões têm três fases: lírica, trágica e cómica. A lírica define-se pela lucidez e pelo encantamento

– a chamada fase das borboletas, entende? Quando você tem borboletas voando dentro do estômago

Não, nunca entendi. Lembro-me de achar estranho que a Beatriz da minha turma de liceu fosse um ser humano como eu, com pés em vez de asas. Lembro-me de esperar por ela com o coração acelerado. Lembro-me de que ela aparecia envolta numa aura de luz. Sentia-me encandeado. Nada de lucidez. Menos ainda de borboletas. A fase trágica, continuava Jerusa, é a da concentração obsessiva no ser amado, também conhecida por período do terramoto, quer porque a cidade inteira pode cair sem darmos conta disso, quer porque a mínima decepção é um terramoto; a fase cómica seria a do desmoronamento final.

– Como uma pintura cubista. O amado se desfigura diante de nossos olhos, se transforma numa composição dissonante. E aí você não tem nem como chorar. Então o nosso riso é um uivo, enquanto rolam dentro de nós pedras de gelo. Nas paixões brutais essas três fases podem se suceder, num atropelo, em apenas um dia.

Jerusa caída à porta de um bar na noite de Lisboa, esgotadas todas as fases.
– Porque é que eu estou bem mais perto de você do que você de mim?

– Como é que você pode ser tão meu, e não entender isso?

– Não se preocupe, meu bem. Estou seguindo as regras dos AA (Apaixonados Anônimos): um dia atrás do outro. Devagarzinho.

Peço um chá de menta e abro o caderno onde Jerusa deixou o início da história de Bárbara. A história não é minha, a minha mãe tem razão. A história já não é de ninguém. A história de uma mulher estátua que não conheço, imaginada pela mulher que eu matei. A mulher que, sem querer, me ensinou que o amor pode nascer sem desejo. Que, ao contrário do desejo, o amor não se desfaz com a morte do corpo. Essa mulher arrasta-me agora para os seus braços inexistentes.

– Eu matei uma mulher, Afonso.

– Deixa lá, rapaz. Eu já matei muitas e estou aqui, vivinho e relativamente bem-disposto. Tudo passa.

Afonso bebeu de mais e continua a beber.

– Não estou a brincar.

– E eu não sou um comissário de polícia. Se me dissesses que querias salvar uma fulana qualquer, podia ajudar-te. Mas se já a mataste, o que queres que faça? Além disso não acredito que sejas capaz de matar sequer um mosquito, Pedro. Deixa-te de merdas. Tens uma apaixonada, é?

– Tive. A Jerusa. Aquela que nos apareceu neste bar, uma noite, para te dar os parabéns pela tua música. Estás a ver?

– A ver, propriamente, não estou, mas tenho uma vaga ideia. O que é mau sinal: significa que não tenho um cordão de fãs tão grande como mereço. É gira?

– Mais ou menos. Matou-se. Por causa de mim.

– Ui, que presunção. Aprende uma coisa, Pedrinho: nenhuma gaja se mata por causa de um homem. Isso só aconteceu numa peça de teatro do Shakespeare. E mesmo assim, por engano.

– Esta matou-se mesmo, Afonso. Caiu fulminada aqui mesmo à porta.

– Ora. Porque estava farta da vida. Ou porque não conseguiu um passaporte europeu. Ou porque te queria impressionar e se enganou na dose. Esquece. Eu matei a Leonor na mesa de operações. E matei a nossa filha, quando a mandei para Inglaterra. Mas estou aqui, não estou?

– Não sei, Afonso. Não sei onde estás tu nem onde estou eu.

– Ao menos dormiste com ela?

– Não. Nem isso. Não fui capaz.

– Então não me fodas. Nenhuma gaja se mata por um homem que nem sequer a comeu.

– Nem por humilhação?

– As mulheres, meu querido, já nascem vacinadas contra a humilhação. Por isso é que aguentam tanto. Por isso é que a violência doméstica não passa de moda. De qualquer modo, os meus parabéns. Não te conhecia essas artes de sedução. Para te dizer a verdade, a malta até pensava que tu… enfim…

– … era homossexual, não?

– Qualquer coisa assim.

– A realidade é muito menos interessante: sou apenas um desajeitado de merda. Um incapaz.

– Não me digas que és virgem.

– Não, Afonso, não te digo. Estou cansado, e hoje não aguento mais ficar aqui. Vou andando, se não te importas.

Não me apetece confessar-me. Não adianta nada. Afonso talvez até chegasse a entender-me – mas que consolo encontraria eu nesse entendimento? A dor é intransmissível. A mesma dor nunca é a mesma. Preciso do traço da caneta que liga o silêncio da morte às palavras da vida. Deixo-me ensopar pela chuva, como se flutuasse dentro de um céu arruinado. É uma sensação agradável. Reparo que o caderno de Jerusa, pendurado do bolso exterior da minha gabardina, está completamente ensopado. Ilegível. Não me pertencia. Porque insisti em copiá-lo, reescrevê-lo, romanceá-lo? Eu nem gosto de romances. Pretendia meter-me na cabeça de uma mulher. Arrogância? Estupidez:
a cabeça de uma mulher, a cabeça de um homem. Classificações abstractas que nos impedem de ver o que existe: um formigueiro humano sem sentido algum.

AFO NSO

Um alívio, a saída do Pedro. A meio da noite, já não aguento conversas densas, a não ser entre mim mesmo e um copo de *whisky*. Deixou-me um rasto de mulheres mortas, o cabrão do meu amigo. O meu cérebro alucinado ressuscita uma passagem das *Confissões* de Santo Agostinho, que há muitos anos não leio, porque era o livro favorito da Leonor: «Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim,
e eu lá fora a procurar-Vos!» O círculo fechou-se. Eu preciso de uma história qualquer para continuar a viver. Preciso da água das lágrimas das mulheres que amei sempre demasiado tarde. E preciso de mais um *whisky*.

Mal acabo de sair do bar, o meu telemóvel agita-se com um sinal de mensagem. Às duas e um quarto da madrugada não podem ser boas notícias. Uma frase: «A Ana Lúcia matou-se.» Vinda de um número de telefone que não reconheço. Dedilho esse número. Pergunto que brincadeira é esta, quem fala. Uma voz de mulher responde-me:

– Quem eu sou, não interessa. Sou uma amiga da Ana Lúcia. Alguém para quem a Ana Lúcia não era uma brincadeira. Alguém que não conseguiu evitar que ela se atirasse com o carro para o rio, esta noite. Apenas achei que você devia saber. Que você não devia dormir. Pelo menos esta noite. É tudo.

E desliga o telefone. Ligo de novo, vou parar à caixa de mensagens – que não tem nome. Uma juíza anónima para um assassino anónimo. Desço a Rua D. Pedro V,
a Rua da Misericórdia, a Rua do Alecrim, atravesso o Cais do Sodré, sigo até ao Cais das Colunas. A chuva acompanha a minha deambulação, cresce com ela, sinto-a como uma carícia cada vez mais forte, uma máquina celeste de dedos que me percorre friamente o corpo todo. O corpo de Ana

Lúcia afogado no Tejo que ela amava, que a compensava de tudo o que não tinha. Que sei eu da Ana Lúcia? Tudo. Nada. Não tenho ninguém com quem possa falar dela. Mas não me apetece falar. Não sei falar. Falar não resolve nada. Nenhum dos meus mais íntimos amigos conhece a minha intimidade com ela. Quando se é íntimo não se precisa de falar de nada. Nunca sequer pensei na existência dessa intimidade. Ana Lúcia era o lugar onde eu não pensava em nada. Rigorosamente nada – o que era, vejo-o agora, extraordinário. Sempre a encontrei fora de todos os lugares da minha vida: hotéis de congressos, lugares ermos da cidade, becos sem saída onde fazíamos amor dentro do carro, como adolescentes. Dentro do carro dela, para que a Joana não desse pelo cheiro. Ou em casa dela, também um não-lugar: móveis geométricos, funcionais, tudo a branco e preto. As paredes vazias de quadros; dizia ela que não tinha ninguém que os soubesse pregar. Nem tempo. A cama enorme, dizia-lhe eu que dava para uma orgia. Ela ria-se, e o riso dela soava a soluço. Nunca chegámos a fazer o tal fim-de-semana em Veneza de que ela às vezes falava. Fui a Veneza, sim, com a Joana, que achou a cidade lúgubre e se queixou do mau cheiro dos canais.

Não sei há quantas horas estou aqui, sentado entre as colunas do Cais. Tenho o corpo dormente. Levanto-me, atravesso a marginal, cruzo o Terreiro do Paço, caminho sob as arcadas. Há corpos enrodilhados em mantas nas soleiras das portas da praça imperial de Lisboa. Muitos corpos. Corpos adormecidos de pessoas que fizeram desta praça inóspita a sua casa. Gente que não tem para onde ir, ou já não quer ter de ir para lugar nenhum. Como eu. Deslizo por uma dessas portas e deixo-me cair no chão. Gosto do contacto da pedra molhada, fria como o túmulo debaixo do qual a Mariana dorme para sempre. A minha menina. Não posso morrer porque depois não há mais ninguém para a recordar. As amigas da Mariana já não podem lembrar-se dela. A Mariana já não tem ninguém que não a considere uma brincadeira. A Mariana morreu sem acabar de brincar. E eu sei que não há nada do lado de lá: não há sequer outro lado. Chamem-me vaidoso, se isso vos dá prazer. Ainda não me conhecem? Ainda pensam que sou apenas um amontoado de palavras e tinta – exausto, encharcado, tresnoitado? Pensem o que quiserem. Roubem-

me o pensamento. Agradecerei esse roubo.

Quem se lança nas águas geladas do Tejo, numa noite de tempestade, encontra apenas a escuridão. Terá ela morrido com o embate? Terá congelado devagar? Terá tentado voltar atrás? Quanto tempo terá sofrido? O sofrimento não tem relógio. O tempo só existe para os felizes. Os únicos felizes que conheço são os meus doentes de morte adiada. Digo-lhes: cinco anos, e eles rejubilam. O comum dos mortais não sabe o que é um ano, nem cinco, nem dez. Não vive nessa dimensão. Procuro os cigarros. Vejo Ana Lúcia matando-se no rio, Leonor esvaindo-se nas minhas mãos. Os meus
doentes surgem em fila suplicando que não os deixe morrer sozinhos, agarram-me as mãos e puxam-me para uma cova descomunal. Augusto grita que me salvará, mas não pode: um guarda esmurra-o enquanto outro o segura. Guilherme corre na minha direcção com um cadáver de criança nos braços, mas não me vê. Mariana despenha-se da falésia para onde a empurrei. Encolho-me dentro da gabardina, deito a cabeça nos joelhos, fecho os olhos, deixo-me anestesiar pela chuva e pelo vento. Aproxima-se um vulto que me parece o Pedro, estende-me a mão e oferece-me uns comprimidos coloridos: «Toma dois, ficarás bem, a realidade é apenas uma alucinação.» A lâmina do frio corta-me os pés e as pernas e o tronco e a cabeça. Ana Lúcia flutua na minha imaginação com uma beleza insidiosa, os cabelos fulgindo na água como uma aura, a pele muito branca, como que feita de papel, desfazendo-se nas minhas mãos. A essa sensação sucede-se, lentamente, uma impressão de leveza. Sonho que mergulho nas águas do Tejo e roubo delas um corpo afogado de mulher. Ela acorda com o meu beijo, e eu posso deixá-la, meter-me num barco com o grupo dos meus amigos e viajar para longe, porque já não sou um assassino. Gooooooolo! Que graça tem a vida sem entrega? Quero que não consigas esquecer-me. O infinito é a medida da eternidade. Ainda não me despedi de ti. Estou feito num oito. Deslizo para o exterior.

Acordo numa ambulância com o corpo a tremer sob as mãos dos enfermeiros, o barulho da sirene. A luz da aurora fere-me os olhos. Quem me recolheu?

– Não faça perguntas, repouse. Tomou uns copos a mais. Vai ficar bem.

O telemóvel vibra-me no bolso. Mensagem da Ana Lúcia. Uma mensagem grande. Ela nunca usa abreviaturas. «Gostei da tua versão vagabundo. Vi-te sair do Pavilhão Chinês. Estive no Snob com uma amiga. Não consegui desperdiçar a coincidência. Desculpa o susto. Agora já sei.»

FIM

A autora agradece a Cecília Andrade, Patrícia Reis, Rui Zink e Thomas Colchie as fundamentais críticas prévias e o dedicado e rigoroso auxílio na revisão deste livro.

Índice

Ficha técnica
Santa amistad, que con ligeras alas, tu aparencia quedándose en el suelo, entre benditas almas en el cielo subiste alegre a las impíreas salas: desde allá, cuando quieres, nos señalas la justa paz cubierta con un velo, por quien a veces se trasluce el celo de buenas obras que a la fin son malas. Deja el cielo, ¡oh amistad!, o no permitas que el engaño se vista tu librea, con que destruye a la intención sincera; que si tus aparencias no le quitas, presto ha de verse el mundo en la pelea de la discorde confusión primera.
AFONSO
PEDRO
AFONSO
GUILHERME
AFONSO
CARTA DE ANA LÚCIA
AUGUSTO
AFONSO
PEDRO
MANUSCRITO DE BÁRBARA
PEDRO
AFONSO
O DESEJO, LEMBRAS-TE?
AFONSO
MÚSCULO INVOLUNTÁRIO
AFONSO
FILIPE
PEDRO
MANUSCRITO DE BÁRBARA
AFONSO

PEDRO
AFO NSO

A autora agradece a Cecília Andrade, Patrícia Reis, Rui Zink e Thomas Colchie as fundamentais críticas prévias e o dedicado e rigoroso auxílio na revisão deste livro.